



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



Instituto de Comunicação e Informação
Científica e Tecnológica em Saúde

Especialização em Comunicação e Saúde

CES

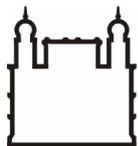
**A PRODUÇÃO DA NOTÍCIA: A TRAGÉDIA DA REGIÃO
SERRANA DO RIO DE JANEIRO EM 2011**

Alice Gatto

Monografia

Orientadora: Janine Cardoso

Rio de Janeiro, 2017.



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



Instituto de Comunicação e Informação
Científica e Tecnológica em Saúde

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E SAÚDE

A PRODUÇÃO DA NOTÍCIA: A TRAGÉDIA DA REGIÃO SERRANA DO RIO DE JANEIRO EM 2011

Por

ALICE GATTO

Trabalho apresentado ao Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Comunicação e Saúde.

Modalidade de Trabalho: Monografia

Orientadora: Dra. Janine Cardoso

Rio de Janeiro, abril/2017.

Catálogo na fonte
Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica
em Saúde
Biblioteca de Saúde Pública

Gatto, Alice

A produção da notícia: a tragédia da região serrana do Rio de Janeiro em 2011 / Alice Gatto; orientadora: Janine Cardoso. – 2017.

104f. : il. (color.) ; 30 cm

Monografia (especialização) – ICICT/FIOCRUZ, 2017.

Inclui bibliografia

1. Comunicação e Saúde – Monografia. 2. Telejornalismo. 3. Democracia. 4. Narrativas. 5. Catástrofes ambientais. 6. Comunicação Social. Cardoso, Janine. ICICT/FIOCRUZ.

AGRADECIMENTOS

A Janine Cardoso por ter me despertado ao tema deste trabalho e pelos comentários precisos, fundamentais a essa monografia.

Agradeço aos professores Igor Sacramento e Kátia Lerner pelas sugestões valiosas durante a confecção desta monografia.

Agradeço igualmente aos professores da especialização em Comunicação e Saúde do ICICT/FIOCRUZ, pela contribuição e acolhida afetuosa na realização do curso.

Aos colegas da especialização, meu muito obrigada, por compartilharem comigo as dores e delícias da vida acadêmica.

Aos queridos amigos por me proporcionarem momentos descontraídos quando mais precisava.

A minha família, por tudo.

Um sabiá me disse que o pacotinho de alimentos cientificamente dosados que lhe ponho na gaiola, não vale uma minhoca viva ou uma goiaba madura. O canário explicou-me que durante a fabricação desse cibo racional perdia-se a maior parte do que gostavam os pássaros. Ideias de sabiá a de canários, engaiolados e analfabetos. Ou de peixinhos de aquário. Pretensões do instinto – *Luís da Câmara Cascudo.*

RESUMO

Gatto, Alice; Cardoso, Janine: A produção da notícia: a tragédia da região serrana do Rio de Janeiro em 2011. Rio de Janeiro, 2017. 73p. Monografia de Especialização em Comunicação e Saúde, ICICT/FIOCRUZ.

O estudo proposto teve por escopo empírico quatro edições do telejornal, *Jornal Nacional*, da *Rede Globo*, entre os dias 12 e 15 de janeiro de 2011 a fim de apresentar os modos narrativos que teceram a produção da notícia “a tragédia da região serrana do Rio de Janeiro em 2011”.

As narrativas da *Rede Globo*, produtora cultural do objeto deste trabalho, apresentam altos índices de audiência nacional e são grandes disseminadoras de sentindo na cena social brasileira. A emissora é palco privilegiado das problematizações nacionais e se inscreve no imaginário brasileiro como dimensão essencial da prática social.

A partir da análise da produção da notícia do telejornal almejou-se expor as estratégias narrativas privilegiadas durante a cobertura das chuvas que atingiram a região serrana do estado do Rio de Janeiro em 2011.

Palavras Chaves: Televisão; Telejornalismo; Região Serrana; Comunicação e Saúde.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	01
2. COMUNICAÇÃO, ARENA VITAL PARA A SAÚDE	05
2.1. Televisão: indústria comunicacional	07
2.2. A fábrica de sentidos	10
2.3. Um mercado de notícias	12
3. O TELEJORNAL E A LINGUAGEM TELEVISIVA	15
4. METODOLOGIA	19
5. ANÁLISE: A TRAGÉDIA DA REGIÃO SERRANA EM 2011 NO <i>JORNAL NACIONAL</i>	23
5.1 Investimentos do <i>Jornal Nacional</i>	24
5.1.1 As escaladas	24
5.1.2 Os correspondentes ao vivo	29
5.1.3 Alteração da rotina do telejornal ao cobrir o acontecimento	32
5.2 História-sequência	33
5.3 Autorreferenciação	35
6. CONCLUSÃO	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40
APÊNDICES	44

LISTAS DE TABELAS

Tabela 1 – Escalada do <i>Jornal Nacional</i> – 12 de janeiro de 2011	23
Tabela 2 – Escalada do <i>Jornal Nacional</i> – 13 de janeiro de 2011	24
Tabela 3 – Escalada do <i>Jornal Nacional</i> – 14 de janeiro de 2011	26
Tabela 4 – Escalada do <i>Jornal Nacional</i> – 15 de janeiro de 2011	27

1. INTRODUÇÃO

Os desastres naturais que ocorreram em janeiro de 2011, na região serrana do estado Rio de Janeiro culminaram na morte de 916 pessoas, deixaram milhares de pessoas desabrigadas e afetaram 20 mil municípios. O efeito das chuvas em parte do sul fluminense carioca configurou-se na maior catástrofe ambiental do país¹.

O mote para o desenvolvimento dessa monografia apresentada ao Curso de Especialização em Comunicação e Saúde surgiu da prática da pesquisa na qual ingressei no 2º semestre de 2016². O objetivo dessa monografia foi apresentar a produção da notícia do *Jornal Nacional* sobre a narrativa, da assim denominada, “a tragédia da Região Serrana do Rio de Janeiro, em 2011”. Buscaremos identificar as estratégias discursivas utilizadas pelo telejornal para construir o acontecimento narrado. O recorte temporal será da primeira semana da cobertura do *JN* (12 de a 15 de janeiro de 2011).

A passagem abaixo do livro comemorativo de 35 anos do *Jornal Nacional* nos chamou atenção pela correlação entre a cobertura da “tragédia” apresentada e a conquista de uma audiência até então incipiente por parte do telejornalismo da *Globo*.

Em janeiro de 1966, (...) o Rio de Janeiro sofreu uma das piores enchentes da sua história. Cinco dias de temporal resultaram em mais de 100 mortos e 20 mil desabrigados. As equipes da Globo foram para as ruas portando câmeras Auricom e captando as imagens da tragédia e da dor dos cariocas (...). Com a cobertura da enchente, a TV Globo, que desde a estreia apresentava baixos índices de audiência, conquistou o Rio de Janeiro. Ao se transformar na voz que lutava pela recuperação da cidade, a emissora ganhou de vez a simpatia da população carioca, conseguindo um espaço até então dividido pela TV Tupi, a TV Rio e a TV Excelsior (*Jornal Nacional – A Notícia faz história*, 2004, p.19).

Durante a pesquisa que estou inserida no Laces, antes mesmo da escolha do tema para esta monografia, deparai-me com um quadro do *JN*, do dia 14 de janeiro de 2011. Neste quadro, Heraldo Pereira apresenta um compilado com todas as “catástrofes climáticas” que já acometeram o estado do Rio de Janeiro.

¹ Relatório da ONU indica que o ocorrido na região serrana do Rio de Janeiro foi o maior desastre climático ocorrido no Brasil. Disponível em: <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,catastrofe-na-regiao-serrana-do-rio-ja-e-o-maior-desastre-climatico-do-pais-imp-,669506>.

² Pesquisa “*Telejornalismo e saúde: análise da cobertura do Jornal Nacional – maio de 2010 a abril de 2011*” do Laces-ICT/FIOCRUZ, com coordenação de Janine Cardoso e de Izamara Bastos.

O Rio de Janeiro com encostas e montanhas em quase todo o estado registra catástrofes climáticas³ desde o século XVIII. Das últimas cinco décadas a destruição que acompanha os temporais tem sido cada vez pior (PEREIRA, 14/01/2011, *JN*)

Na sequência, imagens das “catástrofes climáticas” do arquivo do *JN* eram exibidas na nota coberta narrada por Heraldo Pereira:

Janeiro de 1966, 250 mortos no então estado da Guanabara e no estado do Rio; 1967 (fevereiro), 300 mortos na cidade do Rio; Fevereiro de 1987, Petrópolis e Teresópolis são atingidas, 292 mortos. No ano seguinte temporais atingem Petrópolis, a baixada fluminense e o Rio, onde uma clínica, a Santa Genoveva, foi soterrada. Um prédio desabou no bairro da abolição total: 314 mortos (fevereiro de 1988); 1996 (Fevereiro) uma semana de chuva forte, e 67 mortes em todo o estado. (19) 99 (janeiro), Rio e região serrana, 41 mortos. 2000 (janeiro), mais enchentes na região serrana, 22 mortos. 2003 (fevereiro), 33 mortes na região serrana, no sul e no norte do estado do Rio. 1º de janeiro de 2010, Angra dos Reis, deslizamentos matam 53 pessoas, em abril (2010), mais 236 mortos no estado. No morro do Bumba em Niterói, casas construídas onde havia um lixão vieram a baixo. Só ali 57 pessoas morreram (Heraldo Pereira, 14/01/2011).

Essa correlação nos inquietou sobre a recorrência da “notícia trágica” ser objeto da fabricação de notícias na *Rede Globo* há exatos 40 anos. Sabe-se que muitos são os mecanismos que se apropriam das produções culturais para que esta cumpra funções políticas instrumentalizadas em sistemas simbólicos. De acordo com Badiou (1967, p.397) a arte não pode ser definida nem como ideologia já que “o processo estético descentra a relação especular em que a ideologia perpetua a sua infinidade fechada” e nem quanto ciência, pelo efeito estético não ser um efeito do conhecimento. Pode-se dizer que a arte repete no real a repetição ideológica desse real. Contudo, a inversão não produz o real: realiza o reflexo dele (BADIOU, 1967, p.403).

Contudo, ao se privilegiar discursivamente do poder de dizer o que é, define o relato do acontecimento como o próprio acontecimento por uma série de estratégias, que incluem a proximidade, “o estar lá e mostrando”. Estratégias essas que são importantes para a manutenção da credibilidade da enunciação e o tipo de vínculo proposto. Eduardo Galeano (2005) indaga se a televisão mostra o que acontece? O poeta uruguaio tenciona em poesia os poderes que se apropriam das telecomunicações latino-americanas, quando diz que:

³ Nomeação por parte da produção da notícia em se tratar de uma catástrofe acarretada pelo clima e não por questões que afetam o ambiente, com suas implicações sociais e políticas.

Em nossos países, a televisão mostra o que ela quer que aconteça; e nada acontece se a televisão não mostrar. A televisão, essa última luz que te salva da solidão e da noite, é a realidade. Porque a vida é um espetáculo: para os que se comportam bem, o sistema promete uma boa poltrona (GALEANO, 2005, p.149).

Compreende-se que as narrativas da indústria cultural são espaços simbólicos na disseminação de valores às práticas sociais e que as representações implicam na produção social de sentido por meio dos sistemas de signos projetados por essas narrativas (ROMANO, 1997; HAMBURGUER, 2005; PALLOTINNI, 2012; SODRÉ, 2010; KELLNER, 2001; DOUGLAS e ISHERWOOD, 2004).

Kellner (2001, p.303) destaca que é a partir da televisão que pessoas modelam comportamentos, estilos e atitudes por meio das imagens televisivas. A tevê ocupa, assim, o direito privilegiado de fala, uma vez que é quem aplica o saber em uma sociedade. É a partir do discurso enunciado por seus produtos que se disseminam o conhecimento e revela-se então o que é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído, por aqueles que produzem esses discursos (FOUCAULT, 2012, p.17).

Algumas noções orientaram o corpus teórico desse estudo. A “catástrofe ambiental” estudada por Castilho, Oliveira, Fabrine (2012) demonstra que “os desastres naturais” que ocorreram na região – serrana do Rio de Janeiro – merecem análise aprofundada, não só técnica como também da falta de gestão política e social. Esses autores chamam a atenção: essas tragédias devem ser interpretadas como “catástrofes naturalmente políticas” e observam que o Estado brasileiro, junto à população, caminha, passo a passo, para o purgatório, ao tratar o planejamento urbano e a gestão ambiental dos riscos de maneira dissociada e com medidas paliativas, apesar das legislações já vigentes sobre a ocupação do solo urbano.

Ao virar notícia a “catástrofe ambiental” com seus riscos iminentes por meio da prática discursiva se transforma em “tragédia climática” ou, no jargão da notícia, simplesmente, “tragédia”, servindo melhor a narração emocional que os meios de comunicação de massa se furtem ao noticiarem esses acontecimentos.

Em relação ao telejornalismo, concordamos com Muniz Sodré quando assinala que:

A notícia converte-se, assim, numa tecnologia, não simplesmente cognitiva, mas produtora do real – é a história que cria a história. O real assim produzido aspira a uma visibilidade plena, em consonância com as teletecnologias, sugerindo a identificação absoluta entre ver e crer. (...) [a notícia] implica uma conexão de fatos e, portanto, um certo tipo de organização racional da realidade (SODRÉ, 1996 apud CARDOSO, 2013, p.52).

No telejornalismo “a notícia converte-se em produtora do real”; talvez porque nas coberturas ao vivo além do texto lido e/ou falado pelo jornalista, acrescenta-se o imprevisto da fala na transmissão da “imagem dos fatos” sobre a qual “cada um de nós guarda, em maior ou menor grau, a lembrança, a emoção ou a percepção” (DELEUZE, 1985, p.8).

De acordo com Coutinho e Mata (2013) a cobertura desses acontecimentos, eventos não planejados, alteram os modelos padrões de enunciação de seus telejornais, que passam, por exemplo, a serem apresentados dos locais em que ocorreram a tragédia. Os autores destacam as interpelações que essas produções noticiosas frequentemente utilizam para tecer a relação com o cidadão que se encontra do outro lado da tela. E que os depoimentos, tanto das fontes, quanto dos testemunhos são determinantes na construção do acontecimento.

Segundo Marcia Amaral (2013):

A escolha e a manifestação das fontes estão condicionadas ao tipo de acontecimento em questão e ajudam a construí-lo. O acontecimento catastrófico demanda várias fontes para reconstituir os elementos do passado e do presente. As fontes auxiliam no cumprimento do contrato pragmático e fiduciário com o leitor na exigência de que a informação midiática seja real (AMARAL, 2013, p.183).

Apresentamos o referencial teórico a seguir destacando algumas peculiaridades entre os meios jornalístico e telejornalístico, no âmbito da produção da notícia. Contextualizaremos também o cenário da telecomunicação nacional, por entendermos, no tocante à saúde, parte da mídia se vale de seus próprios critérios de produção na conformação do noticiário.

2. COMUNICAÇÃO, ARENA VITAL PARA A SAÚDE

Entende-se a comunicação enquanto relação, por ser uma das condições da existência e permanência da vida. Prática social, experiência cotidiana, linguagem que leva à formação de pontos de vista e constitui sujeitos (ARAÚJO & CARDOSO, 2014, p.13). A comunicação também é arena de embates políticos e econômicos, que disputam o controle das significações, símbolos, valores que são disseminados por ela através das produções de sentido. Desde os diversos textos culturais que partilhamos socialmente às instituições de poder instauradas em nossas sociedades – a família, a escola, a igreja, a ciência.

Parte-se do princípio que a comunicação é direito inalienável da condição humana tal qual o acesso a saberes que conformam e emancipam sujeitos. Nesse sentido, a comunicação é fundamental para a saúde, principalmente quando esta é considerada de forma ampliada, como propõe a Reforma Sanitária e os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS). De acordo com Murtinho (2012), “a saúde e comunicação se relacionam, no campo dos direitos, como expressão de cidadania” (MURTINHO, 2012, p.204),

No campo da saúde a comunicação não se dissocia da noção de direito, é dirigida a ‘cidadãos’, objetiva o aperfeiçoamento de um sistema público de saúde em todas suas dimensões e a participação efetiva das pessoas na construção dessa possibilidade (ARAÚJO & CARDOSO, 2014, p.61).

Nesta perspectiva, saúde não é apenas a ausência de doença, mas o resultado das condições de vida, da superação das desigualdades sociais, que só podem ser obtidas num regime democrático. Na democracia é fundamental que haja o respeito a multiplicidade de manifestações dentro de uma comunidade com interlocutores de múltiplos setores sociais de modo a garantir a polifonia do discurso. Pois quando a produção de informação se condiciona às mesmas fontes impede-se o acesso à diversidade, e desse modo, à democracia. O direito à informação representa avanço democrático garantido na legislação do SUS, e por isso, fundamentalmente atrelado à saúde (Paim, 2014, p.57). De acordo com Paim (2009) a saúde não é integrada só pelos serviços de saúde, mas também pela indústria cultural, pela mídia⁴, por ser detentora da tutela do que se deve ser difundido para a população (PAIM, 2009, p.16).

⁴ Entende-se por mídia o complexo de meios de comunicação que envolve mensagem e recepção – por formas diversas (KELLNER, 2001)

Numa civilização em que, ao contrário, o respeito pela autonomia individual é um princípio declarado, e a multiplicidade de opiniões, um artigo de fé, e em que, todavia, por exigências econômicas, se realiza uma direção “oculta” da opinião a fim de orientá-la no âmbito do sistema, a indústria cultural, ao propor ao público sua implícita e fácil visão do mundo adota meios de persuasão comercial, mas ao invés de dar ao público o que ele quer, sugere-lhe o que deve querer o deve acreditar que quer (ECO, 2011, p.347).

Segundo Kellner (2001), a cultura contemporânea é dominada pela mídia que controla os meios para legitimar e difundir o repertório de uma parte pequena e privilegiada da sociedade e dissemina esse repertório como “a verdade”, o “natural”. Os modos de ser e agir, padrões sociais, comportamentos que pautam as estruturas nas sociedades. De acordo com Rincón (2002), a televisão, meio do enfoque do objeto desse estudo, é “o novo altar onde são reveladas as verdades modernas”. Para o autor, a invenção humana, televisão, “se converteu em parte fundamental de nossa vida diária, de nossas formas de construir o símbolo, e de nosso modo de criar comunidades de sentido” (RINCÓN, 2002, p.14).

Martín-Barbero (2012, p.12) destaca que os países latino americanos, com necessidades básicas insatisfeitas no “âmbito da educação ou da saúde e onde o crescimento da desigualdade atomiza nossas sociedades”, a comunicação é muitas vezes reduzida a em mero dispositivo de coesão cultural ou político. Porque uma sociedade não é um efeito televisivo, ou efeito de uma comunicação, mas sim, construído por um todo social e parte desse todo é também tecido por instituições produtoras de sentido, como a televisão (RINCÓN, 2002, p.17).

Nesta monografia a televisão será contemplada na funcionalidade de um sistema industrial de produtos simbólicos e não enquanto aparelho eletrônico que reproduz imagens e som de forma instantânea. Televisão enquanto um suporte técnico, uma técnica em busca de necessidades que a legitimem socialmente.

Uma das primeiras grandes transmissões com o novo sistema de informação foi ao ar em 1936, com os Jogos Olímpicos de Berlim. Após a Segunda Guerra Mundial, devido aos avanços tecnológicos da economia da guerra, o uso da televisão teve um aumento avassalador ao redor do mundo. Na década de 1950, surge nos Estados Unidos a transmissão a cores, por meio da rede de TV norte-americana *National Broadcasting Company* (NBC) e desde então a TV entrou no cenário das comunicações para ocupar lugar cativo e central. Mais do que conteúdos, a televisão, no seu produzir e assistir converteu-se em relato e rotina diária, que marca os espaços e determina as temporalidades da vida (Rincón, p.24, 2002).

Umberto Eco (2011) apresenta a TV como um “serviço”:

(...) um meio técnico de comunicação, através do qual se podem veicular ao público diversos gêneros de discurso comunicativo, cada um dos quais corresponde, não só às leis técnico-comunicativas do serviço, como também às leis típicas daquele dado discurso (ECO, 2011, p.335).

Nos tópicos a seguir apresentaremos a complexidade do meio frente às inúmeras mediações possíveis e destacaremos os pontos que se articulam entre a comunicação, a cultura e a política em consonância com os desdobramentos propostos.

2.1. Televisão: indústria comunicacional

Em o *Monopólio da Fala*, Muniz Sodré (2010) já destacava que em 2008 eram 57,5 milhões de residências com aparelhos de TV em todo país, 94% dos domicílios. Com o passar dos anos essa disparidade se manteve. De acordo com dados da Pesquisa Brasileira de Mídia (2015, p.13) em 2015 o brasileiro passava em média 4 horas e 31 minutos por dia ligado à TV em dias de semana, e 4 horas e 14 minutos nos finais de semana. Esta audiência certamente também está sintonizada na *Globo*. Líder de audiência da TV aberta brasileira, a *Rede Globo* é a segunda maior rede de televisão comercial do mundo, atrás apenas da norte-americana *American Broadcasting Company* (OBITEL, 2014, p.121). Alcança 98,44% do território nacional, cobrindo cerca de 5.482 municípios e 99,50% do total da população (IBOPE MEDIA, 2014).

Fundada em 1965, pelo jornalista Roberto Marinho, a *Globo* faz parte de um dos maiores conglomerados de comunicação do planeta, com ramificações no rádio, teatro, cinema, além das produções impressas. No Brasil, três herdeiros do grupo *Globo*, e mais cinco homens, possuem juntos, a mesma riqueza que mais de 100 milhões de brasileiros, o que representa mais da metade da riqueza da população do país⁵. A posição de oligopólio na televisão aberta brasileira acompanha a própria história da televisão no país, a partir dos anos 1970 e constitui o exemplo clássico de concentração horizontal⁶ (DE LIMA, 2001, p.99).

A indústria televisiva no Brasil foi concebida na ideia de “integração nacional” oriunda no período de autoritarismo, em meados da década de 1960 e estendendo-se até o final da

⁵ Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/publicacoes/uma-economia-para-os-99>.

⁶ Segundo Venício de Lima, a "concentração horizontal" significa a monopolização que se produz dentro de uma mesma área de um setor, no caso dos estudos do autor, a mídia/comunicação. O melhor exemplo de concentração horizontal no Brasil, afirma Venício de Lima, continua sendo a televisão. Na televisão paga, segundo Lima, o grupo NET-SKY, da Globo, controla 95% da TV por satélite.

década de 1970, quando foi instaurada a censura nos meios de comunicação. O teórico Venício De Lima (2001, p.169) aponta a dupla identificação entre a *Rede Globo* e o regime autoritário, durante o Ato Institucional nº 5, que esteve em vigor entre os anos da década de 1968 até a década de 1978.

Primeiro, a *Rede Globo* representava o modelo de empresa moderna e eficiente, ajustada à política econômica excludente, concentradora e transnacionalizada. Em seus telejornais e em sua programação em geral, a *Rede Globo* serviu de “agente legitimador” mediante a criação, a manutenção e a reprodução do clima de euforia, possível pela construção de uma representação *distorcida* da vida no país, que legitimava a estrutura socioeconômica à qual a própria *Rede Globo* estava incorporada. Servindo ao regime autoritário por meio de *distorção, omissão e promoção* de informação, a *Rede Globo* servia a si mesma, trabalhando para consolidar seu “virtual monopólio” e o conglomerado de empresas a qual pertencia. Porém, na medida em que as contradições internas do “bloco histórico” (*status quo* dominante) se aguçavam e a *Rede Globo* se consolidava como um “virtual monopólio”, as divergências políticas entre o regime autoritário e as *Organizações Globo* foram se tornando mais visíveis (DE LIMA, 2001, p.169).

Este momento político autoritário fomentou tanto o investimento em infraestrutura tecnológica para a televisão – possibilitando seu avanço no país – quanto o monopólio privado da mídia brasileira. Durante esse período a TV foi usada com o intento de transparecer a paz e a estabilidade social sob o artifício do desenvolvimento econômico (HAMBURGER, 2005, p.25).

Foi no início do governo Kubitscheck que o novo veículo teve grande proliferação. Em meio ao ufanismo desenvolvimentista, o incitamento do empresariado e, por outro lado, uma investida maciça de verbas publicitárias (CAMPEDELLI, 1985, p.9). Em apenas três meses o contingente de aparelhos de tevê quadruplicou para 2 mil aparelhos receptores no país (CAPPARELLI, 1982, p.20 apud JAMBEIRO, 2001, p.49).

Martín-Barbero (2013) salienta que o desenvolvimento em questão associa a comunicação à superação dos problemas de pobreza e subdesenvolvimento. Produto da falta de informação, educação e de atitudes adequadas ao progresso havendo uma relação direta de causa e consequência entre comunicação e o progresso do país. Assim, a transformação social ocorreria não a partir da cultura letrada, mas das culturas audiovisuais, gramaticalizada pelos dispositivos e pela sintaxe do rádio, do cinema e da televisão. A periferia atingiria então o desenvolvimento social por meio da irradiação dos valores ao centro.

Muitas são as leituras apocalípticas acerca da televisão que a reduzem-na a mero processo de dessubjetivação via *zapping*, um dispositivo que transforma o sujeito em audiência.

Interessa-nos pensar a televisão mais a partir de seus “fluxos do que de seus programas ou conteúdos; mais a partir dos seus usos afetivos e prazerosos, do que de suas razões e pensamentos” (RINCÓN, p.27, 2002). Destacamos a esse interesse a entrevista concedida ao *Roda Viva* (2015)⁷, de Jesus Martín-Barbero. O autor aponta uma das contradições do meio televisivo quando diz que a televisão é sim um aparelho, ou dispositivo, aos moldes de Foucault capaz de moldar os gostos populares, as expectativas em função de lógicas completamente exteriores às dinâmicas culturais das pessoas. Ao mesmo tempo, é também o dispositivo que possibilitou, como nunca antes, expressar dinâmicas culturais populares, expressivas, gestuais, cenográficas, dramáticas. Porque antes da TV, os meios da cultura negaram de imediato que ali, no popular, houvesse cultura. Assim a ideia de povo, do popular, é concebida pelo massivo. A imagem que a burguesia faz para si mesma das massas e que tais massas devem interiorizar, de modo que no plano do cotidiano seja legitimada a dominação ideológica burguesa, naturalizada pelo discurso midiático (MARTÍN-BARBERO, 2013).

A contradição encontra-se aí, pois o massivo, patente nas narrativas televisuais contemporâneas, também quer dizer mediação histórica do popular. Ao mesmo tempo em que a televisão legitima a entrada da oralidade latino-americana, que já havia sido alterada pelo rádio e pelo cinema, continua sendo também o ponto de conexão dessa oralidade secundária com essa nova visualidade tecnológica, não somente os conteúdos e as expressões populares, mas também os padrões de gosto e comportamentos populares, são moldados pelo massivo.

A televisão gera as experiências, os saberes e os sonhos que fazem parte dos referenciais mais comuns que nós temos como nação e sociedade; portanto, constitui o espelho social que reflete a cultura que a produz, as identidades frágeis que nos habitam, as estéticas do popular de massa e dos consensos efêmeros, com os quais construímos o sentido para a vida todos os dias (RINCÓN, p.17, 2002).

O “estar como” audiência, para as sociedades contemporâneas, é, em primeiro lugar, uma transformação substancial em sua *estruturação*. Cada vez mais a produção de sentido é realizada numa espiral de “*mass*-mediação globalizante” – dize-me que canal assistes, e eu te direi o que gostas, e, portanto, de onde vês, ouves sentes. O que, segundo Orozco Gómez (2002), “inaugura, e ao mesmo tempo diferencia segmentos a partir de consumos simbólicos e gostos, enfatiza, e privilegia o jogo das subjetividades, sensibilidades, emoções, gratificações e prazeres” (OROZCO GÓMEZ In RINCÓN, 2002, p.237).

⁷ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=fiPo2yGOMf8>.

A contradição televisiva, que muito nos interessa, não nos deixa míopes frente a lógica mercantil que rege grande parte da produção simbólica, que define os modelos de palavras, ou de ação, traça mapas do visível, trajetórias entre o visível e o dizível. Relações entre modos de ser, modos de fazer e modos do dizer (RANCIÈRE, 2014, p.59). Onde se definem também quais terão acesso a uma totalização da experiência vivida e as que serão afundadas nas fragmentações do trabalho e da experiência do sensível – as massas, as classes selvagens. Pois de acordo com Umberto Eco, a televisão é produto de uma indústria cultural submetida à lei da oferta e da procura, e “tende a secundar o gosto médio do público e esforça-se por determiná-lo estatisticamente” (ECO, 2011, p.345).

Nessa perspectiva, os procedimentos de massificação serão pensados não como substitutivos, mas como constitutivos da conflitividade social (MARTÍN-BARBERO, 2012, p.71). Conforme Martín-Barbero em “Dos meios às mediações” não se pode entender o que se passa culturalmente com as massas sem considerar sua experiência.

(...) o modo como se produzem as transformações na experiência, e não só na estética, o modo e maneira de sua percepção sensorial. E esse ‘sentir’, essa experiência, tem um conteúdo de exigências igualitárias que são a energia presente na massa (MARTÍN-BARBERO, 2012, p.82).

2.2. A fábrica de sentidos

A partir do século XX nota-se uma exacerbação, na imprensa ilustrada, tanto de uma nostalgia antimoderna – de uma época mais tranquila – quanto de uma fascinação pelo horrível, pelo grotesco e pelo extremo. Em “Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionismo popular”, Ben Singer (2004, p.133) aborda que esses elementos, de uma “estética do espanto”, sempre fizeram parte das diversões voltadas para plateias proletárias, mas a nova prevalência do poder da sensação imediata e emocionante definiu uma era fundamentalmente diferente no entretenimento popular. Inaugura-se então um comércio de choques sensoriais, como tônica da diversão moderna e, com isso, uma produção de experiências – no âmbito do sensível – programadas e orquestradas.

Singer (2004) apresenta que as narrativas dos jornais, no início da modernidade urbana, ressaltavam a impressão de que os perigos incontrolláveis, quase sobrenaturais escondiam-se nas cidades.

À medida que o ambiente urbano ficava cada vez mais intenso, o mesmo ocorria com as sensações dos entretenimentos comerciais. Perto da virada do século, uma grande quantidade de diversões aumentou muito a ênfase dada ao espetáculo, ao sensacionalismo e à surpresa (SINGER, 2004, p. 133).

O sensacionalismo seria então a contrapartida estética das transformações radicais do espaço, do tempo e da indústria. A intensidade crescente dos entretenimentos populares corresponderia à nova estrutura da vida cotidiana (SINGER, 2004, p.137). Funcionaria como uma resposta compensatória ao empobrecimento da experiência na modernidade. Numa tentativa de compreender o sensacionalismo popular como sintoma da vida moderna, um sintoma do hiperestímulo moderno induzido por estímulos fabricados na fabricação dessas “experiências do sensível”.

(...) a banalização do sofrimento numa lenta ‘morte do trágico’, isto é, da capacidade de estremecimento e rebelião. Pois inocula a evasão e a impotência para ‘modificar qualquer coisa das vigentes relações de propriedade e poder (MARTÍN-BARBERO, 2012, p.75).

O que revela uma relação intrínseca entre a cultura popular e a indústria cultural de massa, principalmente ao que tange a articulação das experiências produzidas pela mídia e as classes populares. Marialva Barbosa (2013) no livro “História da comunicação no Brasil” demonstra que já na década de 1920 surgem jornais inteiramente dedicados às tragédias que invadiam o cotidiano do público e alcançavam eco nessas publicações. Barbosa destaca que os diários de notícias *A Manhã* (1925-1928)⁸ e *Crítica* (1928-1930) foram os exemplos mais acabados dessa nova fórmula editorial:

(...) crimes de todos os tipos, incêndios retumbantes, catástrofes de todos os tipos, tragédias para todos os gostos, eventos que acabavam com a normalidade presumida, instaurando um tempo de inversões (BARBOSA, 2013, p.202).

⁸Diário lançado no Rio de Janeiro (RJ) em 29 de dezembro de 1925 por Mário Rodrigues, *A Manhã* era um matutino versátil, com doze páginas em tamanho standard, bem montado, com bom uso de imagens – e considerado à época de boa qualidade. Crítico aguerrido usava linguagem mordaz, panfletária, demagógica, além de bem-humorada e acessível. Confrontava o autoritarismo, as oligarquias e a estrutura política da República Velha, buscando comprometimento com causas populares. Típica folha oposicionista fez forte oposição ao governo do presidente Washington Luís e ao do prefeito Antônio Prado Júnior no Distrito Federal (Rio de Janeiro). (Mário Rodrigues era pai dos escritores Nelson Rodrigues e Mário Filho). Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/a-manha/> Acesso em: 18 de novembro de 2016.

A imprensa, definitivamente, só se transforma na imprensa de massa quando passa a incluir no seu noticiário as teias das notícias que levam a uma resposta interpretativa baseada nas afetações que as narrativas constroem. Os leitores podiam se identificar com o personagem da trama e ver no relato aproximações com sua vida cotidiana. Podiam, ao contrário, imaginar-se no mundo de um sonho que saía das páginas das publicações para a sua imaginação criadora (BARBOSA, 2013, p.199).

Desta forma, assinala a autora, as notas sensacionais ampliaram o público e, definitivamente, popularizaram os periódicos. A popularização dos jornais diários e a construção do grande público transformaram essas empresas em verdadeiras indústrias da informação⁹. As relações comerciais que circundam a comunicação nessa complexa indústria da informação, foi abordada no artigo “As ciências sociais, a comunicação e a saúde” (TEIXEIRA & CYRINO, 2003). Desde as últimas décadas do século XVIII já se podia encontrar um discurso razoavelmente amadurecido sobre as virtudes da comunicação, desde suas contribuições para a integração do trabalho coletivo e para a unificação do espaço comercial. A circulação da informação e as mercadorias “desdobram todas as relações possíveis entre liberalismo econômico e sistemas de comunicação, que ainda não se esgotaram” (TEIXEIRA & CYRINO, 2003, p.152).

2.3 Um mercado de notícias

Ben Jonson, na peça *O mercado de notícias*¹⁰, de 1625, já dramatizava as relações comerciais que envolviam o controle do fluxo de informações:

Notícias criadas à moda de hoje, vigarices semanais, feitas para ganhar dinheiro e não poderia haver melhor forma para criticá-las do que criar essa ridícula agência, esse mercado. Onde cada época pode ver a sua ridícula insensatez, sua fome e sede de panfletos e notícias, que saem às ruas todos os sábados e que são escritos por quem não sai de casa, sem uma sílaba de verdade (FURTADO, 2014)¹¹.

⁹ “Esse processo de ampliação do público construindo a imprensa de grande tiragem inicialmente se deu na capital da República, quando os cinco maiores jornais – *Jornal do Brasil* (1891), *Correio da Manhã* (1901), *Gazeta de Notícias* (1875), *O Paiz* (1884) e o *Jornal do Commercio* (1821) – chegaram, em 1900, a impressionante cifra de 150 mil exemplares publicados (BARBOSA, 2013, p.199)”. “Posteriormente outras cidades, como São Paulo, ingressaram no mesmo movimento (BARBOSA Apud CRUZ, 2000)”.

¹⁰ *The Staple of News*.

¹¹ Documentário de Jorge Furtado, “O mercado de notícias”, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zq4CpvHdbAA&spfreload=10>

Tal visão crítica se contrapõe ao que se espera da comunicação, do acesso a informação, na condição de um bem público¹² ao que tange a cidadania. Para que a comunicação corresponda a sua origem etimológica, no substantivo latino *communicationem* (século XV) que significa “a ação de tornar comum”, e sua raiz, o adjetivo *communis*, comum, que significa “pertencente a todos ou a muitos”. E o verbo *comunicare*, comunicar, que significa “tornar comum, fazer saber” (DE LIMA, 2001, p.22). É preciso que o acesso a informação não seja um privilégio pois é a partir da comunicação que se é permitida certa apropriação de saberes cruciais para que se emancipem os sujeitos (PAIM, 2014, p.57). Vimos no capítulo 2 desta monografia que o acesso à informação deve estar relacionado à ampliação do debate público e da participação cidadã.

Para Habermas (2014) a esfera pública burguesa¹³ influencia a opinião pública pelos interesses mercadológicos através da influência dos meios de comunicação de massa e dos formadores de opinião. A publicidade, que já entendida por espaço público, acessível a todos na medida em que qualquer um pode julgá-los; e se apresenta coletivamente, sob a forma da opinião pública (TEIXEIRA & CYRINO, 2003, p.153). Assume então outro significado, manipulativo e padronizador. Araujo e Cardoso (2014) destacam que ao que tange a saúde a comunicação não deve tratar cidadãos como clientes tendo o lucro como único objetivo do processo comunicacional. Uma comunicação voltada para a publicidade de marcas e a venda de produtos (ARAUJO & CARDOSO, 2014, p.61). Mas o que vimos é que esse tratamento rege grande parte da comunicação disseminada, em que se privilegiam formas de comunicação cada vez mais inspiradas em um modelo de fabricação da opinião.

A opinião pública que seria então a reflexão crítica, mediante o uso da razão, é influenciada por ideias normativas na esfera pública burguesa inspirada em modelos comerciais que “fabricam a opinião”. Desse modo, a opinião pública passa a manifestar-se a partir da conformação dos padrões vigentes configurando assim que, as premissas essenciais da própria autocompreensão normativa de uma sociedade democrática criam os próprios obstáculos que impedem a realização desses potenciais (WERLE in HABERMAS, 2014, p.14). Uma vez que, para que haja Estado democrático de direito, e com isso democracia, é fundamental uma comunicação imparcial e descentralizada. Distante realidade que vivencia hoje o cenário da comunicação no Brasil.

¹² Entende-se público por ser de acesso à todos.

¹³ Reunião de pessoas privadas num público que discute com o Estado sobre as condições que virão a influenciar o mercado de troca de produtos e de trabalho social. Categoria da sociedade liberal que visa interferir nas decisões sobre os fins que as políticas públicas devem tomar (LOPEZ & QUADROS, 2015).

A esfera pública que seria um espaço de mediação entre o Estado e a sociedade – na qual os atores sociais publicizam suas opiniões, com equidade dos lugares de fala no intuito de promover o debate e as deliberações coletivas em prol de um bem comum – é regida por um real monopólio que conforma o espaço público. Martín-Barbero (2012) destaca então uma *hegemonia comunicacional* do mercado na sociedade, na qual a comunicação é convertida “no mais eficaz motor de desengate e de inserção de culturas no espaço/tempo do mercado nas tecnologias globais” (MARTÍN-BARBERO, 2012, p.13)

Esta monografia contemplou a análise de quatro dias do telejornal, *Jornal Nacional*, da *Rede Globo*. O (tele)jornalismo sob o manto da imparcialidade do jornalismo hegemônico advoga para si a credibilidade como principal capital simbólico (LERNER & FERRAZ, 2013, p.2). Essa construção discursiva revela ser mais um recurso na fabricação da opinião pública e na despolitização do direito ao acesso à palavra pública. Amaral (2013, p.137) menciona ser a credibilidade “o motor dos negócios” do campo jornalístico, ao alegar mostrar a realidade tal como ela é, o discurso jornalístico detém o discurso sobre o estado de coisas no mundo.

Os discursos jornalísticos constroem sistematicamente as fontes à lugares pré-determinados, ou seja, “há discursos historicamente já constituídos que emergem repetidamente na fala dos mesmos tipos de fontes, ligados às condições sociais de produção dessas falas” (AMARAL, 2013, p.183). Especialistas e vítimas, são transformados em fontes jornalísticas, são assujeitados e circunscritos a determinados papéis sobre os quais eles não têm total consciência e controle (AMARAL, 2011, p.189). Nessa perspectiva, conforme Cardoso (2012, p.90), encontramos a definição da noção de autorreferenciação proposta por Fausto Neto, sobre a qual desdobraremos na Metodologia desta monografia.

Operações de autorreferenciação são aquelas pelas quais um dado falante, individual ou coletivo, coloca em evidência a si mesmo ou seus feitos para projetar uma determinada imagem. Constituem, assim, estratégias de autolegitimação. Em relação ao jornalismo, expressam o deslocamento da tradicional mediação entre o mundo exterior e o público. Se antes eram observadas “fora do espaço propriamente noticioso” – os espaços de opinião, como os editoriais; publicidade; as retrospectivas; as comemorações de sua própria trajetória –, em tempos mais recentes tais estratégias são acionadas na própria construção da notícia. Esse deslocamento não é nada desprezível, pois tais operações passam a “disputar” o lugar central antes ocupado pelo “acontecimento em si” (FAUSTO NETO, 2006; RIBEIRO, 1995 Apud CARDOSO, 2012, p.90).

3. O TELEJORNAL E A LINGUAGEM TELEVISIVA

O jornalismo sempre foi um dos campos prioritários da *Rede Globo* (CARDOSO, 2012, p.61). Ao ar desde a década de 1969, o *Jornal Nacional (JN)* é o mais importante telejornal da emissora e do país (MEMÓRIA GLOBO, 2005, p.17-23).

A partir da linguagem televisiva a narrativa telejornalística é apresentada com mais intimidade. Com o advento da TV não é preciso mais estar “presente” para experimentar a realidade, o que dá ao meio um poder descomunal ao que tange a experiência do *real*¹⁴ (SODRÉ, 2010, p.127). Sodré (2010, p.56) destaca que a linguagem da televisão deriva da articulação entre processos fundamentais, entre eles, o processo da individualização familiarizada. Que teria na “desindividualização” do sujeito uma tentativa de apagar as diferenças individuais através da oferta de uma linguagem uniformizante do consumo e da socialização autoritária. Sob os moldes do *status quo* como um dos efeitos manifestos do sistema televisivo (SODRÉ, 2010, p.56).

O veículo televisivo é o meio central na “construção da cultura mítica no mundo contemporâneo” (DE LIMA, 2011, p.195). Ou seja, é através da televisão que uma classe criativa influi por mudar padrões, perspectivas e atitudes, que concentra o mundo cultural da modernidade (SODRÉ, 2015)¹⁵. Do mesmo modo que nas sociedades arcaicas o papel da manutenção e reprodução dos mitos era dos sacerdotes, curandeiros e feiticeiros, hoje esse lugar privilegiado é ocupado pela televisão (DE LIMA, 2011, p.196).

Os gêneros e formatos, a linguagem própria direcionalidade do desenvolvimento videotecnológico (certamente nada determinista), são regidos pelos índices de audiência, pelo que vende mais – desde as séries educativas de Vila Sésamo, até a determinação das prioridades das notícias (OROZCO GÓMEZ In RÍNCON, 2002, p.243).

Na produção da notícia televisiva privilegiam-se modos de fazer – e ver – o acontecimento, a partir da maneira que é selecionada, organizada, redistribuída a fala ou a disposição

¹⁴ O real é impossível de conhecer porque precisamente ele é tomado no tripé verdade-saber-real e dele não pode ser extraído para um emparelhamento com um dos dois outros termos. Do real, é preciso mesmo sempre pronunciar que ele *depõe o conhecer*. Esta deposição do conhecer, Lacan a chama a demonstração do real. É uma palavra assaz estranha, mas muito forte. O real não se conhece, ele se demonstra (BADIOU, 2013, p.77)

¹⁵ Palestra com Muniz Sodré na UERJ, dia 06/04/2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2odOOVZVEMk>

das imagens, a alteração das pautas e a entonação que é atribuída através da narrativa da notícia. Que de acordo com Todorov (1973, p.211) “não são os acontecimentos relatados que contam mais a maneira pela qual o narrador nos fez conhecê-los”.

Escolhas que suscitam diferentes pesos emocionais, além dos informativos, como expressões e figuras de linguagem, valorização de determinadas questões ou depoimentos. Essas estratégias discursivas buscam produzir efeitos a serem provocados quando no momento da recepção, sejam de sedução, comoção, empatia, medo ou pânico (MOTTA & COSTA & LIMA, 2004, p.43).

A partir da programação da TV são tecidas as novas relações entre o público e o privado, implicando em uma extensão da “socialização para o âmbito doméstico” (CARDOSO, 2012, p.62). Redimensiona-se, assim, “os princípios de liberdade e igualdade”, quando, por exemplo, se tem o poder sobre o *zapping* dos canais ou até mesmo o de desligar por completo a programação. Além da linguagem televisiva, que atribuídas aos relatos, interpelam a audiência a partir do emocional.

Através de artifícios do próprio relato, como a sedução e a espetacularização, sedimentadas em imagens e partículas discursivas, e sequenciadas numa montagem que é regida por conotações, e não por denotações. A gramática do relato, então, não se estrutura de acordo com a lógica tradicional, e sim de acordo com uma estratégia intencional e intencionada do relator, que conjuga fantasiosamente elementos a fim de realizar suas intenções (OROZCO GÓMEZ In RÍNCON, 2002, p.240).

Este estudo analisou quatro dias de cobertura do telejornal *Jornal Nacional* a respeito da catástrofe ambiental ocorrido na região serrana do Rio de Janeiro nos dias 11 e 12 de janeiro de 2011. Na pesquisa “Telejornalismo e saúde: análise da cobertura do *Jornal Nacional*” observou-se que essas catástrofes ambientais atingiram o estado Rio de Janeiro diversas vezes, São Paulo, Minas Gerais, o Espírito Santo e mais outros estados foram matéria prima nas notícias do *JN*.

A catástrofe ambiental que acometeu a região serrana do Estado do Rio de Janeiro teve como causa principal a ocupação irregular do solo (em encostas e áreas de várzea) e as chuvas de grande intensidade concentradas em períodos de 15 minutos (CASTILHO & OLIVEIRA & FABRIANI, 2012, p.9).

Não nos estenderemos a respeito das desigualdades sociais que vivenciam as cidades

brasileiras. Espaço de segregação, palco da nova pobreza, mas também da nova riqueza que se dividem entre guetos e favelas, grades e cercas vivas. Porém, é necessário ponderar ser fundamental que a população possa reconhecer estar inserida em um contexto desigual, e com isso exigir do Estado uma adequada implementação de seus direitos.

Durante a análise observamos diversas vezes que a narrativa telejornalística do *Jornal Nacional* referia-se ao ocorrido na região serrana do Rio de Janeiro como a “tragédia da região serrana”. Mas afinal, o que é uma tragédia¹⁶?

Desde a *Poética*¹⁷ de Aristóteles sabemos que a tragédia (grega) é a caracterização de um gênero literário, um espetáculo cênico que representa por meio de um modo dramático ações humanas, suscitando no espectador os afetos “temor e piedade” em cujo efeito se encontra “a purificação (catarse) das paixões de mesma natureza”. Se na tragédia clássica as personagens representadas eram reis, príncipes e aristocratas, na tragédia moderna, Arthur Miller apud Williams, é a vida do homem comum retratada em seu cotidiano. Aqui ou ali o drama representando por essas tragédias continuam encenando a própria dimensão humana, pois continuam despertando no espectador – que já possui no seu repertório cultural a vivência de outras “tragédias” – um posicionamento perante aos acontecimentos trágicos quando estes estão relacionados ao amor, a piedade, ao ódio, ao horror, ao medo, a simpatia, ao ciúme e ao sacrifício. A “piedade” porque tem lugar a respeito do que é infeliz sem o merecer, e o temor porque brota de nossa semelhança com o personagem sofredor; é o temor de que as calamidades a ele destinadas possam atingir a nós mesmos; é o temor de que nós próprios possamos nos tornar o objeto compadecido.

Na cultura contemporânea, a tragédia é:

(...) o nome comum para designar acontecimentos que levam pessoas ao sofrimento e à morte imprevistas, fatos que irrompem com violência no curso da vida e que são impossíveis de ser totalmente controlados e evitados (RIBEIRO & SACRAMENTO, 2014, p.55).

Observa-se que em nossos dias a palavra tragédia é utilizada também para designar catástrofes ou acidentes que são experiências ou acontecimentos trágicos. Raymond Williams no clássico “Tragédia moderna” assinala que a noção de “tragédia se tornou, em nossa cultura, um nome comum para esse tipo de experiência” (WILLIAMS, 2002, p.30). No entanto, ele

¹⁶ A palavra tragédia é originária do grego *tragoedia* (trago = canto e ode = bode), que significa literalmente “canto do bode” e representa “o sacrifício aos deuses pelos gregos”.

¹⁷ Aristóteles. *Poética* 1, *Os pensadores*, Vol.1, 1979, p.241.

observa que no âmbito acadêmico há uma crítica quanto ao uso impreciso da noção de tragédia para se referir tanto na fala comum quanto nos jornais. Contudo, Williams chama a atenção que ao se preferir eliminar a noção de tragédia (por imprecisão) para se referir a fatos cotidianos e jornalísticos corre-se o risco de se eliminar o efeito ético que esse tipo de notícia pode proporcionar na audiência. Sob o peso do fracasso, em uma tragédia que poderia ter sido evitada, mas não o foi, ou se produz uma nova consciência trágica comprometida com um futuro diferente, ou se transforma numa nova alienação diante da tragédia posta em suspensão e generalizada diante do choque da catástrofe (WILLIAMS, 2002, p.263).

Nessa perspectiva, escrever sobre tragédias humanas, televisionadas e (re)assistidas, despertou-nos o interesse para alguns autores (RIBEIRO & SACRAMENTO, 2013; WILLIAMS, 2002) que procuraram articular a noção de tragédia na literatura e o uso que se faz, por exemplo, no jornalismo. Acreditamos que essa leitura nos auxilia também a refletir sobre a produção de sentido – experiência do sensível – no âmbito no espectador, agora, da TV.

Nos capítulos a seguir – metodologia e análise – nos ateremos a nomeação por parte do telejornal ao evento, o tempo dedicado a cobertura desse acontecimento e também quais foram as estratégias discursivas privilegiadas nessa narrativa. Segundo Araújo e Cardoso (2014, p.97) “nomear o outro é atribuir-lhe arbitrariamente uma identidade, procurando assim definir os lugares de interlocução, tanto do que nomeia quanto do nomeado”.

Coutinho e Mata (2013) destacam as características particulares desse tipo de cobertura:

Os grandes desastres em geral demandam uma cobertura continuada das emissoras de televisão por isso também envolvem uma logística diferenciada de produção. Além dos plantões com revezamento de repórteres e transmissões ao vivo, também as estrelas das emissoras integram a equipe em coberturas televisivas que adquirem um caráter de excepcionalidade, e podem render prêmios, ou ao menos indicações (COUTINHO & MATA, 2013, p.383-384).

Essas coberturas “especiais”, por se tratarem de eventos não planejados, como o caso do ocorrido na região serrana do Rio em 2011, modifica até mesmo o modelo padrão de enunciação dos telejornais, que passam a ser apresentados, por exemplo, do local da tragédia (COUTINHO & MATA, 2013, p.384). Esse caráter de excepcionalidade marca a cobertura da análise que faremos a seguir.

4. METODOLOGIA

Os saberes e práticas não existiriam fora de discursos específicos (HALL, 1997, p. 46). Uma sequência de notícias, sobre um mesmo tema, é passível de inúmeras edições possíveis. Remontar a sequência de notícias, por exemplo, permite a recomposição de histórias integrais plenas de sentido que nos permitem visualizar aspectos simbólicos nem sempre explícitos.

Fatos isolados pouco ou nada significam, senão, quando inscritos num contexto maior, num pano de fundo que permita interpretá-los, encaixá-los no escopo da realidade social (MOTTA & COSTA & LIMA, 2004, p.34).

Segundo Motta, Costa e Lima (2004) o jornalismo vai além da mera produção de notícias, ele se configura em “um veículo de reinserção da audiência no universo social” (MOTTA & COSTA & LIMA, 2004, p.33). O jornalismo atua então na construção social da realidade, à medida que se metamorfoseia em experiências compartilhadas do mundo.

Desse modo, não se trata apenas de medir quantitativamente a presença de determinados temas, figuras ou ambientes, mas colocar em relevo a arquitetura e funcionamento dos programas analisados, bem como a disposição de vítimas, mocinhos, vilões, arautos e outros personagens em cena (COUTINHO & MATA, 2013, p.386-387).

O objetivo desta monografia foi apresentar a construção da narrativa do *JN* sobre a produção da notícia, assim denominada: “tragédia da região serrana do Rio de Janeiro”, em 2011. O *corpus* deste estudo contemplará os primeiros quatro dias (12 a 15 de janeiro) da cobertura feita pelo *Jornal Nacional*, da *Rede Globo*, a fim de demonstrar como foi tecida a atribuição de sentido desse acontecimento.

Segundo Silva (2007, p.50) a narrativa é a representação de um acontecimento e este acontecimento implica numa transformação ou mudança de um estado de coisas. Só o acontecimento representado pela linguagem é que se considera como narrativa. Nessa perspectiva, entende-se que a notícia, a produção da narrativa noticiosa, é uma prática discursiva, isto é, possui posições avaliativas dos fatos relatados. Especialmente, quando qualifica, nomeia, prioriza fontes, usa enquadramentos de câmera para valorizar uma imagem/posicionamento ou recorre a autorreferenciação durante a produção de sentidos do evento que narra. Assim, a

narrativa é discurso quando “este discurso é dirigido pelo narrador ao leitor/ ouvinte. Isto é, a narrativa é utilizada como forma de discurso, para afirmar ou dizer mais do que diz a história” (SILVA, 2007, p.51).

Conforme já mencionamos anteriormente, Todorov (1973) aborda a forma pela qual o narrador faz conhecer ao contar uma história:

Ela é história, no sentido em que evoca uma certa realidade, acontecimentos que teriam ocorrido, personagens que, deste ponto de vista, se confundem com os da vida real. Esta mesma história poderia ter-nos sido relatada por outros meios; por um filme, por exemplo; ou poder-se-ia tê-la ouvido pela narrativa oral de uma testemunha, sem que fosse expressa em um livro. Mas a obra é ao mesmo tempo discurso: existe um narrador que relata a história; há diante dele um leitor que a recebe. Neste nível, não são os acontecimentos relatados que contam, mas a maneira pela qual o narrador nos fez conhecê-los (TODOROV, 1973, p.211).

Esse estudo pautou-se por referência teórica os seguintes autores: Cardoso (2012); Pinto (2002); Silva (2007); Martín-Barbero (2012); Todorov (1973); Ribeiro e Sacramento (2014); Amaral (2011); Eco (2011); Coutinho e Mata (2013).

Parte-se do princípio que o discurso é, ao mesmo tempo, processo de comunicação e prática social, uma vez que não se pode separar o sujeito da linguagem (PINTO, 2002). Foucault ressalta que a referência de um discurso é a sua prática, e esta se exerce pelo sujeito que fala. Para o autor, em todas as sociedades a produção discursiva é ao mesmo tempo controlada, selecionada e redistribuída por certo número de procedimentos de *exclusão* como, por exemplo: as proibições, os interditos, as oposições entre razão e loucura, entre verdadeiro e falso, e têm por função conjurar os poderes e perigos, dominar o acontecimento aleatório e esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 2012, p.9-10).

Escrever sobre a produção da notícia-tragédia nos fez lembrar o filme brasileiro *Narradores de Javé* (2004) dirigido por de Eliane Caffé. No filme, o drama se dá entre a notícia devastadora do poder público de que a cidade pode desaparecer sob as águas de uma enorme usina hidrelétrica. Sem ter o que fazer, os moradores chegam à conclusão de que só poderiam evitar a inundação se Javé tivesse algo que pudesse ser considerado patrimônio, a população se mobiliza então em uma ousada estratégia. Decidem criar a história de Javé, mas pra isso precisam de alguém que possa escrevê-la, uma vez que seus moradores são todos analfabetos. Eis que surge a figura de Antonio Biá (José Dumont) o encarregado de fazer a história da cidade e com isso salvá-la da catástrofe.

Essa referência se deu por conta de uma fala de Antonio Biá assim que inicia a escritura dos relatos dos cidadãos de Javé, o personagem diz: “uma coisa é o fato acontecido, outra é o fato escrito. O acontecido tem que ser melhorado no escrito e de forma melhor para que o povo creia no acontecido”. Remetendo-nos, novamente, a Todorov (1973) quando menciona a maneira pela qual o narrador faz conhecer.

A história é um exemplo claro de que a vida em sociedade adquire sentido e forma pela narrativa da ação do homem sobre o mundo, que vai tecendo sua trajetória e revelando-se ser político por natureza. É por meio do discurso que se expressa o mundo e a realidade. Essa realidade é a própria linguagem que lhe dá sentido. Isto é, representam a realidade e lhe servem, ao mesmo tempo, de luz para a compreensão do tempo passado e do presente da comunidade (SILVA, 2007).

A possibilidade da produção noticiosa veio também por meio da linguagem, pela qual se estabelece a comunicação entre os indivíduos. Enquanto a linguagem, de modo geral, “é a argamassa da sociedade e das relações jurídicas e sociais entre os cidadãos, a linguagem narrativa vai construindo o arcabouço moral, psicológico, ideológico e social de uma determinada comunidade” (SILVA, 2007, p.54). Os significantes que são escolhidos, privilegiados, na produção das notícias contêm resquícios das instituições de poder (BARTHES, 1997). Em que o poder opressivo não é o saber ou a cultura que ele veicula, são as formas discursivas através das quais ele é proposto. Um discurso que legaliza e institucionaliza que têm influências já naturalizadas, de detentor do saber. O que lhe dê garantia de ser aceito como verdadeiro (FOUCAULT, 2012).

A cultura contemporânea é altamente mediatizada. São constantes interações, os meios dominantes de informação e entretenimento são uma fonte profunda e muitas vezes não percebida de “pedagogia cultural”. Para Muniz Sodré, a função que assumem essas práticas discursivas, as produções noticiosas, é a de produzir hegemonia¹⁸, ideológica ou dominação cultural, dentro das classes sociais (SODRÉ, 2010, p.84). O conceito de *hegemonia* apresentado por Carlos Nelson Coutinho (1978), a partir do conceito de Gramsci, revela que a hegemonia não opera apenas na estrutura econômica, mas também “sobre o modo de pensar, sobre as orientações ideológicas e inclusive sobre o modo de conhecer” (COUTINHO, 1978, p.3).

Esses meios contribuem para disseminar um *modo* de comportamento, de pensamento,

¹⁸ Hegemonia é a dominação que se faz por consenso do dominado, tende a fazer com que se acredite na univocidade do sentido. É que o poder, em sociedades modernas, não se manifesta só mediante mecanismos coercitivos, mas – e predominantemente – mediante o consentimento e o consenso. O discurso hegemônico, portanto, implica na redução da diversidade ao denominador comum do *uno*: “moldar a imagem do homem europeu, do Deus europeu, do ocidente absoluto” (COUTINHO, 1978, p.3).

“em que acreditar e no que temer” (KELLNER, 2001, p.10). A televisão legitima e difunde o repertório de uma parte pequena e privilegiada parte da sociedade brasileira (HAMBURGUER, 2005, p.71). Os setores dominantes “têm a hegemonia” quando têm a capacidade orgânica – detém o controle destes meios orgânicos – para convencer uma maioria social da veracidade das narrativas que justificam e explicam a ordem política vigente, que a legitimem. Assim, os meios de comunicação ocupam essa posição de dispositivos de convencimento e servem para implantar as decodificações para a interpretação das narrativas ditas “hegemônicas”.

Obter a vitória na política de hegemonia é, basicamente, ser capaz de convencer os demais da veracidade do próprio relato (COUTINHO, 1978, p.5).

No tópico a seguir apresentaremos a análise dos quatro dias contemplados para este estudo (de 12 a 15 de janeiro de 2011).

5. ANÁLISE: A PRODUÇÃO DA NOTÍCIA “A TRAGÉDIA DA REGIÃO SERRANA EM 2011 NO *JORNAL NACIONAL*”

A complexidade em analisar a “imagem em movimento” nos fez pensar em uma forma de análise mais delimitada. Segundo Rincón (2002) a televisão nos fala das transformações vividas pela humanidade com relação à expressão, às formas de perceber e representar a realidade. É um relato, um dispositivo que procura compreender as formas, lógicas e conexões, que se propõe como meio central da comunicação contemporânea. A televisão “tornou-se o local da visualidade que ritualiza formas de interpretar o mundo, e classifica as maneiras de ver socialmente aceitas” (RINCÓN, 2002, p.23).

Barthes (1997) apresenta que a língua é um instrumento do jogo de palavras da qual ela é teatro. O poder se inscreve no próprio mecanismo da linguagem e é através da linguagem, da forma que se apresenta que ele é exercido. Eco (2011) destaca que apesar da transmissão direta televisiva há ainda um diretor do programa transmitido, que:

(...) tendo de organizar um ‘relato’ de modo a oferecer uma notícia lógica e também saber acolher e canalizar para a sua ‘narração’ todos aquelas eventos imprevistos, aqueles incertos imponderáveis e aleatórios que o desenvolvimento autônomo e incontrolável do fato real lhe propõe; e por mais que saiba governar essas contribuições do acaso, não poderá deixar de apresentar um ‘relato’ cujo ritmo, cuja dosagem entre essencial e inessencial seja profundamente diversa do que ocorre no cinema: habituando, assim, o público a um novo tipo de tecido narrativo, continuamente desfiando no supérfluo, mas igualmente capaz de fazer-nos saborear, de modo novo, a complexa causalidade dos eventos cotidianos (que o filme, no seu trabalho de seleção e depuração narrativa, nos habitua a esquecer) (ECO, 2011, p.327).

Neste prisma, descortinaremos algumas categorias de análise para demonstrar a construção narrativa da notícia “a tragédia da região serrana do Rio de Janeiro em 2011” do *Jornal Nacional*. Por se tratar de um escopo de análise muito rico, priorizaremos para este estudo alguns recortes teóricos dentro dos quais se apoia a análise desse estudo ¹⁹.

O primeiro deles abrange uma categoria “guarda-chuva” e comporta três desdobramentos de análise dentro dessa categoria. Destacaremos então o “investimento do *Jornal Nacional*” em cobrir o acontecimento. Essa categoria comportará três ramificações que serviram

¹⁹ No apêndice desta monografia está a coleta de dados mais densa – descrição textual, tempo das matérias, recursos das edições audiovisuais. E também foi disponibilizado ao parecerista uma cópia dos quatro dias analisados em dvd.

para sustentar o que consideramos por investimento, são elas: as escaladas, os correspondentes ao vivo e a alteração da rotina do telejornal ao cobrir o acontecimento. Após essa categoria analisaremos mais duas: a história-sequência e a autorreferenciação.

5.1 Investimentos do *Jornal Nacional*:

5.1.1 As escaladas²⁰:

Logo no primeiro dia de cobertura, dia 12 de janeiro de 2011, observamos que a escalada é recurso narrativo e demonstra o investimento do telejornal em noticiar o acontecimento. Observa-se nesse primeiro dia que em um minuto da escalada, 45 segundos foram destinados à cobertura da região serrana.

Texto da escalada	Imagem
12 de janeiro de 2011. O desespero e a dor tomam conta do Rio de Janeiro. Temporais provocam a maior tragédia da história na Região Serrana do Estado.	<i>CLOSE</i> : Heraldo Pereira na bancada <i>JN</i> . <i>CLOSE</i> : Renata Vasconcellos na bancada <i>JN</i> . <i>CLOSE</i> : Heraldo Pereira na bancada <i>JN</i> .
<i>OFF RENATA VASCONCELLOS</i> : Teresópolis, Petrópolis e Nova Friburgo ficam debaixo d'água. Cidades isoladas pelas quedas de barreiras. <i>OFF RENATA VASCONCELLOS</i> : Toneladas de lama e de pedras desabam sobre ruas e casas. O número de mortos passa dos 230. Nossos repórteres chegam ao cenário da destruição.	<i>PLONGÉE (Globocop)</i> : Áreas alagadas pelas chuvas. Centro de Nova Friburgo. <i>CLOSE</i> : Heraldo Pereira na bancada <i>JN</i> . <i>PLONGÉE (Globocop)</i> : Áreas soterradas, encobertas por lama. Casas destruídas. <i>CLOSE</i> : Heraldo Pereira na bancada <i>JN</i> . <i>CLOSE</i> : Renata Vasconcellos na bancada <i>JN</i> .
Repara que a água. <i>OFF PAULO RENATO SOARES</i> : Passou do teto.	<i>PLANO AMERICANO</i> : Entrada de repórter do <i>JN</i> em uma casa na região serrana alagada. <i>PLANO DETALHE</i> : No teto da casa.
<i>OFF</i> : Encontraram um sinal de vida.	<i>PLANO GERAL</i> : Voluntários procuraram pessoas entre escombros.
Pedem calma.	<i>PLANO AMERICANO</i> : Repórter em frente a mulher pedindo calma com as mãos para não causarem mais deslizamentos.
Bombeiros e voluntários.	<i>CLOSE</i> : Bette Lucchesi em campo de futebol.

²⁰ A escalada é para o telejornal assim como a manchete é para o jornal impresso. Pequenas chamadas das matérias mais importantes a serem abordadas no jornal.

<i>OFF BETTE LUCCHESI</i> : Estão ajudando a socorrer a Tainá nesse momento. <i>OFF BETTE LUCCHESI</i> : e ela tá sendo levada pro <i>Globocop</i> .	<i>PLANO GERAL</i> : Mulher grávida sendo levada ao <i>Globocop</i> carregada por médicos e voluntários. <i>CLOSE</i> : Na barriga da mulher dentro do helicóptero
Veja também a chuva e abertura de comportas inundam a cidade de São Paulo.	<i>PLANO AMERICANO</i> : Heraldo Pereira, na bancada do <i>JN</i> .
Após a denúncia do “JN no Ar” técnicos do governo federal visitam os hospitais de Rondônia.	<i>PLANO AMERICANO</i> : Renata Vasconcellos, na bancada do <i>JN</i> .
<i>OFF HERALDO PEREIRA</i> : Ronaldinho Gaúcho é recebido com festa no Flamengo.	<i>PLANO GERAL</i> : Vídeo com recepção de Ronaldinho Gaúcho, na Gávea, sede do Flamengo, muitos torcedores e comemorações para receber o novo craque.
Agora, no Jornal Nacional.	<i>PLANO AMERICANO</i> : Renata Vasconcellos, na bancada do <i>JN</i> .

Tabela 1 – Escalada de 12 de janeiro de 2011

No segundo dia, 13 de janeiro de 2011 o investimento foi ainda maior, com a presença da âncora do telejornal, Renata Vasconcellos²¹ diretamente de Teresópolis, uma das regiões atingidas pelas chuvas na região serrana do Rio de Janeiro. Neste segundo dia foram 44 segundos dos 50 segundos da escalada, com informações sobre a região serrana.

Texto	Imagem
A maior catástrofe do Brasil.	<i>CLOSE</i> : Heraldo Pereira na bancada do <i>Jornal Nacional</i> .
Mais de 440 mortos na região serrana do Rio.	<i>MEDIUM SHOT</i> : Renata Vasconcellos, ao vivo de Petrópolis. Em frente a uma área com muita água escorrendo pelas ruas.
<i>OFF RENATA VASCONCELLOS</i> : As cenas de destruição se espalham por 4 cidades.	<i>PLANO AMERICANO</i> : Cenas das regiões atingidas pelas chuvas.
O desespero das famílias. <i>OFF RENATA VASCONCELLOS</i> : Que tentam recuperar a casa e móveis. (0': 04'')	<i>MEDIUM SHOT</i> : Renata Vasconcellos, ao vivo de Petrópolis. <i>PLANO AMERICANO</i> : Imagens dos moradores procurando pertences dentro das casas alagadas.

²¹ O casal Fátima Bernardes e William Bonner estavam de férias e os jornalistas que assumiram durante a ausência dos âncoras principais do telejornal foram Heraldo Pereira, Renata Vasconcellos (de terça a sexta-feira) e Renata Vasconcellos e Márcio Gomes (sábado).

<p>A luta pela vida.</p> <p><i>OFF RENATA VASCONCELLOS:</i> Nossos repórteres acompanham o resgate emocionante de uma mulher.</p>	<p><i>MEDIUM SHOT:</i> Renata Vasconcellos, ao vivo de Petrópolis.</p> <p><i>PLANO AMERICANO:</i> Cenas do resgate de uma mulher, que protegia seu cachorro num escombros de uma casa cercada pela água. Uma corda é lançada de um outro prédio. A mulher se salva mas abandona seu cachorro para poder salvar a própria vida.</p>
<p>A garra de um pai.</p> <p><i>OFF RENATA VASCONCELLOS:</i> Doze horas em baixo dos escombros para salvar a vida do filho de 6 meses.</p>	<p><i>MEDIUM SHOT:</i> Renata Vasconcellos, ao vivo de Petrópolis.</p> <p><i>PLANO AMERICANO:</i> Vídeo com o resgate de um bebê pelo pai bombeiro. Bombeiros e voluntários procuram sobreviventes entre escombros.</p>
<p>A Presidente Dilma Rousseff visita as áreas atingidas, presta solidariedade às vítimas e promete liberação mais rápida de dinheiro.</p>	<p><i>MEDIUM SHOT:</i> Renata Vasconcellos, ao vivo de Petrópolis.</p>
<p>Veja também a explicação para a intensidade na tragédia do Rio.</p>	<p><i>CLOSE:</i> Heraldo Pereira na bancada do <i>Jornal Nacional</i>.</p>
<p><i>OFF HERALDO PEREIRA:</i> Aumenta o número de cidades em estado de emergência por causa da chuva em Minas.</p>	<p><i>PLANO AMERICANO:</i> Imagem de um homem andando de barco em meio a uma rua alagada. Mais cenas de ruas alagadas e de um ônibus preso entre a lama.</p>
<p>No Jornal Nacional, daqui a 10 minutos, depois da propaganda partidária obrigatória.</p>	<p><i>CLOSE:</i> <i>Heraldo Pereira na bancada do Jornal Nacional</i>.</p>

Tabela 2 – Escalada de 13 de janeiro de 2011.

No dia 14 de janeiro de 2011 foram 35 segundos dos 48 segundos da escalada, com informações sobre a região serrana. E mais uma vez a presença da âncora, Renata Vasconcellos, em Teresópolis.

Texto da escalada	Imagem
<p>A tragédia na região serrana do Rio.</p>	<p><i>PLANO AMERICANO:</i> Heraldo Pereira</p>
<p>Já passa de 500 o número de mortos por causa da chuva.</p> <p><i>OFF RENATA VASCONCELLOS:</i> Nossos repórteres chegam em lugares isolados pelas enchentes.</p> <p>Ainda há muitas pessoas em baixo dos escom-</p>	<p><i>PLANO AMERICANO:</i> Renata Vasconcellos ao vivo de Teresópolis.</p> <p>Imagens de alagamentos e de uma criança saindo de um helicóptero de mãos dadas com agentes da defesa civil.</p> <p><i>PLANO AMERICANO:</i> Renata Vasconcellos //</p>

<p>bros.</p> <p><i>OFF RENATA VASCONCELLOS:</i> Os moradores pedem ajuda.</p> <p>Nós precisamos é de comida. De tudo gente.</p> <p>Não há combustível, falta luz e o comércio está fechado em muitos bairros.</p> <p><i>OFF REANATA VASCONCELLOS:</i> Você vai ver o trabalho dos voluntários e a solidariedade dos vizinhos.</p> <p>A gente toma banho na casa dos outros porque a água não tem mais.</p> <p><i>OFF RENATA VASCONCELLOS:</i> E mulher que passa o dia vigiando uma pedra que ameaça rolar pela encosta.</p>	<p>Imagens de pessoas em uma ladeira e PLANO AMERICANO de mulher que pede comida, desesperada.</p> <p>PLANO AMERICANO: Renata Vasconcellos.</p> <p>PLANO AMERICANO: Moradora em uma rua destruíd.</p> <p>PLANO AMERICANO: Renata Vasconcellos.</p> <p>PLANO GERAL: Cena de voluntários separando donativos.</p> <p>CLOSE: No rosto de mulher, moradora da região serrana, se emociona ao falar da solidariedade dos vizinhos.</p> <p>PLANO AMERICANO: Imagem de mulher sentada na sacada uma casa observando a encosta.</p>
<p>E veja também o governo reajusta o salário mínimo para R\$545,00.</p> <p><i>OFF HERALDO PEREIRA:</i> O Vaticano anuncia a beatificação de João Paulo Segundo para o mês de maio.</p> <p>Agora, no <i>Jornal Nacional</i>.</p>	<p>PLANO AMERICANO: Heraldo Pereira.</p> <p>PLANO GERAL: Imagens de arquivo de João Paulo Segundo em missa.</p> <p>PLANO AMERICANOS: Heraldo Pereira.</p>

Tabela 3 – Escalada de 14 de janeiro de 2011

No último dia de cobertura, 15 de janeiro de 2011, o investimento do *Jornal Nacional* em cobrir o ocorrido na região serrana do Rio de Janeiro se manteve. A escalada desse dia foi apresentada por três repórteres, Márcio Gomes e Renata Vasconcellos, da bancada do *JN* e Tiago Eltz, ao vivo, de Nova Friburgo. Toda a escalada – 2 minutos e 10 segundos – foi dedicada às informações da região serrana no Rio de Janeiro. E foi o correspondente Tiago Eltz, ao vivo de Nova Friburgo, quem chamou a primeira reportagem dessa última edição da nossa análise empírica.

Paralelamente a esta monografia, na pesquisa “Telejornalismo e saúde: análise da cobertura do *Jornal Nacional*”, identificou-se durante o mês de janeiro de 2011 dez edições do telejornal com escaladas referentes ao ocorrido na região serrana do Rio de Janeiro (de 12 a 22 de janeiro).

Texto da escalada	Imagem
<p>Seiscentos e dois mortos, o número de mortos na região serrana do Rio de Janeiro subiu para seiscentos e dois. A previsão de mau tempo se confirmou, voltou a chover forte hoje.</p>	<p>PLANO AMERICANO: Bancada do <i>JN</i> com Márcio Gomes e Renata Vasconcellos, ao fundo da bancada um vídeo de bancadas de chuva (narração de Márcio Gomes).</p>
<p>Em Nova Friburgo as ruas ficaram alagadas. A principal estrada de acesso à cidade foi interrompida.</p> <p>Nós começamos então o <i>Jornal Nacional</i> indo direto até lá. Vamos falar ao vivo com o repórter Tiago Eltz. Tiago, então a situação ficou ainda mais complicada? A chuva causou novos estragos?</p>	<p>PLANO AMERICANO: Bancada do <i>JN</i> com Márcio Gomes e Renata Vasconcellos, ao fundo da bancada um vídeo de bancadas de chuva (narração de Renata Vasconcellos).</p> <p>O vídeo se divide e ao vivo entra Tiago Eltz. O repórter veste capa de chuva e apresenta a reportagem em Nova Friburgo, o trânsito de veículos é intenso e chove durante a gravação.</p>
<p>Exatamente, boa noite Renata, boa noite a todos. Pois é desde que nós chegamos aqui, na quarta-feira, chove todos os dias. Mas hoje foi o dia em que mais choveu, por volta do meio dia a bancada de chuva fez com que o rio voltasse a transbordar, ruas ficaram alagadas, a população que já anda muito assustada voltou a ficar com medo, a se refugiar, escapar da chuva. O principal acesso a essa cidade chegou a ficar fechado por algum tempo porque havia muita água na pista. Não houve desmoronamentos nem queda de barreiras na estrada mas a concessionária optou por fechar a pista por alguns minutos até que essa situação melhorasse. Agora não chove muito forte mas continua a chover aqui em Nova Friburgo, Márcio.</p>	<p>PLANO AMERICANO: O vídeo vai para Tiago Eltz ao vivo de Nova Friburgo. Com uma capa de chuva o repórter narra os acontecimentos do dia na cidade, após o quarto dia consecutivo de cobertura na região serrana.</p>
<p>Até por conta dessa chuva que não para, Tiago, a gente tem a sensação de que a situação aí em Friburgo é da cidade ser a mais castigada de todas na região serrana. É a que fica mais distante da capital, do Rio de Janeiro, e é a que teria mais dificuldade também em reestabelecer os serviços básicos, essenciais, como: luz, água, telefone. O que que você vê por aí, Tiago?</p>	<p>PLANO AMERICANO: Bancada do <i>JN</i> com Márcio Gomes; Renata Vasconcellos e ao vivo, de Nova Friburgo, Tiago Eltz.</p>
<p>É exatamente isso, Márcio, a impressão que eu</p>	<p>PLANO AMERICANO: O vídeo volta para Tiago Eltz, ao</p>

<p>tenho é que a gente ainda não conseguiu passar pras pessoas que não estão aqui as dificuldades da recuperação da cidade o município é grande e os estragos foram causados em todos os cantos do município. Onde há morros, esses morros desmorraram e essas localidades continuam ainda isoladas: sem luz, sem água, sem comunicação em muitos pontos, como a gente já mostrou, só é possível chegar de helicóptero e ainda existem muitas áreas de risco. E essa chuva, que não para, só piora a situação como a gente vai ver agora na reportagem de Guilherme Portanova e Eduardo Tchao.</p>	<p>vivo de Nova Friburgo. Em seguida o repórter chama as primeiras reportagens do <i>JN</i>.</p>
--	--

Tabela 4 – Escalada de 15 de janeiro de 2011.

Como já dissemos anteriormente, apesar de ser característica “específica” da televisão, a transmissão direta, ou seja, “relatar com base numa provocação *imediata* da realidade e segundo exigências de representação *simultânea*” todavia, conforme nos apresenta Eco (2011), não se pode esquecer que: “a operação que o diretor de TV desempenha pode muito bem identificar-se com um relato, com a elaboração de um ponto de vista pessoal sobre os fatos” (ECO, 2011, p.329).

O que nos remete a indagar qual a intenção dos produtores da notícia em alterar a dinâmica da estrutura do telejornal, por exemplo, com diversos correspondentes ao vivo, inclusive a âncora do programa, para cobrir esse acontecimento. A seguir, destacaremos outro investimento do telejornal na cobertura do ocorrido na região serrana do Rio de Janeiro.

5.1.2 Os correspondentes ao vivo:

Logo no primeiro bloco do dia 12 de janeiro de 2011 os âncoras, Heraldo Pereira e Renata Vasconcellos, falam ao vivo com os repórteres Hélder Duarte e Bette Lucchesse diretamente de Teresópolis, uma das áreas atingidas pelas chuvas da região serrana do Rio de Janeiro. Notamos nesta cobertura um grande investimento por parte do *JN* em conferir à audiência uma sensação de presença imediata. No telejornalismo, os efeitos de sentido relacionados aos valores de interesse público e atualidade são potencializados pelas possibilidades da transmissão direta, que respondem em boa medida pela própria autenticação dos relatos noticiosos (GUTMANN, 2014, p.51).

Neste primeiro dia, Hélder Duarte e Bette Luchhese apresentaram reportagens e constantemente eram chamados ao vivo direto de Teresópolis. Paulo Renato Soares em Petrópolis e Flávia Januzzi em Nova Friburgo. Essa última repórter destaca, em sua própria inserção na edição – aparece só no último bloco – as dificuldades enfrentadas pelos moradores na região de Nova Friburgo, falta de acesso à comunicação e a cidade, a mais devastada pelas chuvas.

Flávia Januzzi: Boa noite Heraldo, boa noite Renata. Olha, Nova Friburgo vive o caos (a imagem fecha apenas na correspondente) as ruas estão tomadas por lama, não há luz, água ou sinal de telefonia fixa ou móvel. Por isso mesmo nós estamos usando esse telefone via satélite pra que fosse possível a nossa comunicação aí com vocês no Rio de Janeiro. Sinais de trânsito e radares estão quebrados e daqui de onde nós estamos, nós temos uma amostra real do que está acontecendo na cidade (a câmera mostra a iluminação precária da região). Aquela casa daquela família está sendo iluminada pela luz de velas. Nós vimos muitos moradores perambulando pela cidade desorientados, não há transporte público e o comércio fechou as portas. As equipes de resgate fazem um apelo à população, para que as pessoas permaneçam em casa e evitem aglomeração nos locais onde estão sendo feitas as buscas. Heraldo e Renata (JANUZZI, 12/01/2011)

No dia seguinte, 13 de janeiro de 2011, notamos uma maior atribuição valorativa do telejornal em cobrir diretamente os fatos. Neste dia a âncora do *JN*, Renata Vasconcellos, se desloca para Teresópolis e apresenta ao vivo o telejornal, em um dos pontos mais atingidos pelas chuvas, o bairro do Caleme. A repórter abre sua fala dizendo se tratar de um “clima de guerra”.

De acordo com Coutinho e Mata (2013) o repórter ocupa o papel enquanto mantenedor da tessitura da trama, assim, passando a ser “um indivíduo aceito e autorizado pela comunidade ou audiência para coordenar e realizar a anunciação, contar a história. É aquele que, na narrativa, mais vê, ouve e fala” (COUTINHO & MATA, 2013, p.389).

Assim que Heraldo Pereira dá voz a repórter Renata Vasconcellos, essa, que está em Teresópolis, no bairro mais atingido da cidade, dá a sua impressão do acontecimento:

Heraldo, ao chegar aqui à Teresópolis a impressão que se tem é de um clima de guerra, caos. Muita comoção. Eu tô num bairro chamado Caleme, um dos pontos mais atingidos pelas chuvas. Só aqui, e eu já perdi a conta do número de corpos que passaram por aqui em sacos plásticos. Um número que aumenta a cada momento. Aqui atrás de mim, eu não sei se vocês conseguem ver uma ponte cedeu e mudou o curso do rio. E o cenário que vocês veem é de completa destruição. Fios elétricos expostos, galhos retorcidos, muita lama, nessa que já é considerada a maior tragédia climática da história do Brasil. Pra se ter uma ideia, a última foi em 1967 em Caraguatatuba no litoral norte de São Paulo, quando 436 pessoas morreram. Hoje, uma senhora que teve a casa levada pela correnteza, numa imagem impressionante, no muni-

cípio de São José do Vale do Rio Preto, aqui na região serrana, voltou ao local de enxurrada e reencontrou um de seus salvadores (Renata Vasconcellos, *Jornal Nacional*, 13/01/2011).

Somada a essa fala de Renata Vasconcellos, em consonância com a afirmação de Heraldo Pereira na escalada desse dia²², observamos que o número de mortes dimensionavam, na narrativa da notícia, a proporção do ocorrido. E nesse trecho acima da âncora do telejornal vemos o comparativo – o acontecimento em Caraguatatuba, no ano de 1967 – que confirma a qualificação da narrativa do programa em afirmar que o ocorrido na região serrana do Rio de Janeiro é considerada “a maior tragédia climática da história do Brasil”.

Além de Renata Vasconcellos, também no dia 13 de janeiro, os repórteres Hélder Duarte e Bette Lucchese traziam as últimas informações direto de Teresópolis; Mariana Gross e Paulo Duarte Soares em Petrópolis e Tiago Eltz, em Nova Friburgo.

No dia 14 de janeiro a âncora, Renata Vasconcellos, continua a apresentar o telejornal em Teresópolis, também em Teresópolis a repórter Monica Teixeira em Nova Friburgo, Tiago Eltz e em Petrópolis Mariana Gross. No último dia do *corpus* dessa análise, 15 de janeiro, apresentaram ao vivo os repórteres: André Luiz Azevedo em Teresópolis; Tiago Eltz em Nova Friburgo e Mariana Gross em Petrópolis.

De acordo com Coutinho e Mata (2013, p.387) “o estilo de comportamento dos mesmos e a função de cada sujeito no desenvolvimento da narrativa serão priorizados”. Assim, notamos que os repórteres, nessas inserções ao vivo, também ocupam o papel de personagens por serem testemunhas do fato que enunciam, com altas doses de humanização dos fatos relatados, ao se colocarem como testemunha das histórias.

(...) vale observar em que medida a participação de repórteres experientes das emissoras de televisão como narradoras de componentes emocionais pode ser compreendida como um elemento constituinte da narrativa midiática desse tipo de cobertura, de desastres e tragédias (COUTINHO & MATA, 2013, p.396).

A seguir veremos outro fator que serve para demonstrar o investimento feito por *JN* na cobertura da “tragédia da região serrana do Rio de Janeiro”.

²² Heraldo Pereira: A maior catástrofe do Brasil. Em seguida, Renata Vasconcellos: Mais de 440 mortos na região serrana do Rio.

5.1.3 Alteração da rotina do telejornal ao cobrir o acontecimento:

No dia 12 de janeiro de 2011, observa-se que há mudanças nas pautas previstas devido ao caráter do acontecimento na região serrana do Rio de Janeiro. Neste primeiro dia, uma matéria já anunciada no dia anterior²³, e que tinha um peso maior por estar atrelada a outro programa da *Rede Globo*, o *Fantástico*, foi mantida. A matéria era um desdobramento da denúncia feita por *Fantástico* no domingo dia 10 de janeiro, e fazia parte da reportagem especial “*JN no Ar*” apresentada pelo telejornal. Porém, outra reportagem especial, “*Globo Natureza*”, que iria ao ar neste dia 12 de janeiro não foi apresentada. Da bancada do *JN*, Renata Vasconcellos justifica a ausência da reportagem enunciada no dia anterior:

Por causa da tragédia na região serrana do Rio, nós não exibiremos hoje, como tínhamos anunciado ontem a terceira reportagem da série sobre a Mata Atlântica. Ela vai ser exibida na edição de amanhã no *Jornal Nacional* (VASCONCELLOS, 12/01/2011, *JN*).

No dia seguinte a matéria não foi exibida e também não foi feita menção à sua ausência na edição. Além dessa alteração, notamos também que os quadros fixos do telejornal (previsão do tempo, mercado financeiro) também sofreram alterações. A previsão do tempo ganhou mais espaço nesses quatro dias, por se tratar de um acontecimento climático esse investimento do telejornal era esperado. Observamos que o tempo da previsão do tempo foi ampliada assim como um maior investimento em recursos visuais – mapas da região serrana do Rio de Janeiro, índices esperados dos milímetros das chuvas. Também percebemos que as falas das repórteres, que apresentavam o quadro climático do telejornal, reforçavam as falas dos especialistas (meteorologistas) de reportagens anteriores.

No dia 12 de janeiro de 2011, Flávia Alvarenga diz que o sudeste vai continuar com muita chuva nos próximos dias e informa que os “temporais podem atingir novamente a região serrana do Rio de Janeiro”. A repórter ilustra com um mapa o tempo e entoa a fala anterior do especialista, Olivio Bahia (meteorologista do INPE), que o motivo das chuvas foi um canal de umidade “que atua a mais de três dias” e que por isso as nuvens estavam alinhadas do norte até o sudeste, um fenômeno típico do verão.

Em 13 de janeiro, a previsão do tempo vai ao ar diretamente do INPE, Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (fonte oficial da previsão do tempo no telejornal). A repórter Ka-

²³ Lembramos que a elaboração desta monografia ocorre concomitantemente à pesquisa da qual fazemos parte e temos acesso a um material empírico de 1 ano do *Jornal Nacional* (abril de 2010 a maio de 2011).

ren Schmidt inicia a previsão do tempo com um mapa mostrando as zonas de chuvas nas áreas da região serrana do Rio de Janeiro. A repórter informa que a probabilidade de chuvas, “entre hoje e amanhã” para as regiões de Petrópolis, Teresópolis, Nova Friburgo, Sumidouro e São José do Vale do Rio Preto é de 90%. Chamou-nos também a atenção para a alteração na produção da previsão do tempo do telejornal por contar com a presença da especialista Monica Lima, meteorologista CPECT/INPE, que informa que as chuvas não terão a mesma intensidade da que ocorreu na madrugada do dia 12 de janeiro, mas que são esperadas chuvas contínuas. No dia 14 de janeiro, o investimento na previsão do tempo se mantém e Flávia Freire informa em milímetros a quantidade de chuva esperada. A repórter destaca que é esperado para a região serrana do Rio de Janeiro cerca de 50 milímetros de chuva no sábado e mais 40 milímetros no domingo, “ou seja, pode chover nas próximas 48 horas o esperado para 12 dias de janeiro”.

No último dia de análise, 15 de janeiro, a região serrana não é diretamente mencionada na previsão do tempo. A repórter Eliane Marques informa que a chuva “não para no sudeste do Brasil”, por conta do fenômeno climático da zona de convergência do atlântico sul, que foi mencionado pela narrativa do telejornal desde o primeiro dia de cobertura do ocorrido na região serrana. Eliane Marques diz que para o sul do Rio de Janeiro, no dia seguinte (domingo, 16 de janeiro) são esperados 50 milímetros de chuva, o equivalente a cinco dias de chuva.

Já o mercado financeiro só voltou a ser mencionado na sexta-feira, dia 14 de janeiro. Outro recorte possível, e que nos chamou a atenção para essa análise, foi a “história-sequência” de Tainá Medeiros narrada nos dias 12 e 13 de janeiro. A seguir, veremos as implicações dessa narrativa à construção da cobertura da “tragédia da região serrana do Rio de Janeiro”.

5.2 História-sequência

Identificamos nesse *corpus* uma personagem que teve sua história narrada em dois dias de edição do *JN*. Nos dias 12 e 13, a adolescente grávida de 8 meses que entrou em trabalho de parto quando sua casa desabou em Teresópolis, ilustrou a primeira reportagem da edição do dia 12/01 e teve seu desfecho no dia seguinte.

Imagens de Tainá Medeiros (15 anos) são reveladas já na escalada da edição. Na primeira reportagem do primeiro bloco, Bette Lucchesse sobrevoa Teresópolis com o *Globocop* (helicóptero da *Globo*), em seguida a reportagem chega a um campo de futebol que servia de apoio ao socorro às vítimas. Nesse momento, Bette Lucchesse apresenta essa primeira repor-

tagem: “pousamos num pequeno campo de futebol e logo veio um pedido, para socorrer uma jovem grávida de 8 meses que tinha entrado em trabalho de parto”. A jovem está deitada, sendo assistida por bombeiros e voluntários:

É o seu primeiro filho? – Bette Lucchese
 É (chorando) – Tainá Medeiros, 15 anos
 É uma menina ou um menino? – Bette Lucchese
 Um menino (chorando) – Tainá Medeiros, 15 anos
 Já tem nome? – Bette Lucchese
 Já. – Tainá Medeiros, 15 anos
 Qual o nome? – Bette Lucchese
 Marcos André. – Tainá Medeiros, 15 anos

A menina é levada até o helicóptero do *JN (Globocop)* por voluntários e bombeiros, deixando a repórter “a pé” – após a jovem ser levada pelo *Globocop* a um hospital mais próximo, a repórter diz: “logo depois, sigamos a pé”. Após a reportagem de Bette Lucchese o *VT* retorna para os correspondentes ao vivo, Bette Lucchese e Hélder Duarte, em Teresópolis.

O repórter Hélder Duarte faz a primeira referência à história da menina, e informa a audiência o primeiro desenlace da personagem:

No meio dessa tragédia toda, pelo menos uma boa notícia, viu Bette, você que acompanhou o resgate da Tainá. Acabou de chegar uma notícia que é a seguinte, a Tainá Medeiros, que é uma menina, uma adolescente de 15 anos, ela que estava grávida e foi resgatada pelo *Globocop* foi levada por um hospital aqui de Teresópolis, fez uma cesariana, teve o bebê, um menino e passa bem. O nome dele é Marcos André (Hélder Duarte, *Jornal Nacional*, 12/01/2011).

Observamos que a menina, não é apenas uma adolescente grávida, vítima do descaso público frente ao planejamento urbano, mas sim, “a menina resgatada pelo *Globocop*”. No dia seguinte, 13/01/2011, a história de Tainá continua ilustrando a cobertura do ocorrido na região serrana do Rio de Janeiro e o qualitativo que a define como “a menina resgatada pelo *Globocop*” também.

A repórter Renata Vasconcellos anuncia antes do intervalo comercial do primeiro bloco:

Daqui a pouco a gente volta, daqui de Teresópolis com a história da mãe que ganhou um bebê, pouco depois de ser resgata pelo *Globocop* (VASCONCELLOS, 13/01/2011, *JN*).

Após o intervalo comercial, ao vivo de Teresópolis, Renata Vasconcellos anuncia a reportagem de Bette Lucchesse e reforça que a “boa notícia” em meio a “toda essa tragédia” enunciada na edição do dia anterior por Hélder Duarte, foi também possível por que a menina foi socorrida pela equipe de reportagem do *Jornal Nacional*:

São nove horas em ponto pelo horário de Brasília. Nós voltamos a falar ao vivo aqui de Teresópolis, na região serrana do Rio de Janeiro. Uma das nossas equipes de reportagem socorreu ontem uma jovem que estava em pleno trabalho de parto. A repórter Bette Lucchesse mostra o desfecho dessa história. E também o medo dos moradores da região (VASCONCELLOS, 13/01/2011, *JN*).

Após mostrar o medo por mais deslizamentos pelos moradores da região do Caleme, em Teresópolis, a reportagem de Bette Lucchesse continua com a história da menina Tainá Medeiros, grávida de 8 meses que foi socorrida pelo *Globocop*. A reportagem narra que a menina de 15 anos passa bem e deu à luz a um menino, Marcos André. A repórter pergunta como Tainá imagina que será o futuro de Marcos André, a mãe abre um sorriso e diz que espera que “seja bom”, mas logo em seguida fecha o semblante e diz que “não dá pra pensar em nada, tá bom”. Bette Lucchesse acrescenta “é difícil pensar no futuro?” A menina diz que será difícil “ter que começar tudo do zero”. A reportagem de Lucchesse termina com a menina amamentando, sorrindo e dizendo estar feliz.

A análise desse último recorte nos inclinou a próxima categoria que apresentaremos nesta monografia, a autorreferenciação.

5.3 Autorreferenciação

Foram diversos os exemplos de autorreferenciação observados neste *corpus* de quatro dias. Segundo Fausto Neto (2006) a autorreferencialidade nas mídias é a competência discursiva que os dispositivos midiáticos possuem de poder falar de si mesmo e dos outros campos sociais.

Um dos fenômenos característicos das sociedades contemporâneas é a sua crescente reconfiguração, em públicos múltiplos dos meios e tecnologias da informação (OROZCO GÓMEZ In RÍNCON, 2002, p.235). Essa conjuntura, de instituições produtoras e disseminadoras de hiperestímulo, expande a tendência da *mediatização* e simultaneamente, a *audiência social*. Esses bombardeios diários audiovisuais disseminam sentidos que são adquiridos por diversos meios, reconstituindo diariamente os valores sociais. Mas, também se amplia:

(...) o despoder dos sujeitos sociais, através da exuberância midiática homogeneizante, a petrificação unilateral dos silêncios auditivos e visuais, o prolongamento das experiências vicárias, a expropriação da expressão e a usurpação mediática do espaço público, as exclusões e as impunidades dos meios de comunicação e dos seus representantes (OROZCO GÓMEZ In RÍNCON, 2002, p.235 -236).

A incidência excessiva da autorreferencialidade nas mídias jornalísticas tem como fator determinante a midiaticização, na qual o contínuo desenvolvimento de tecnologias de comunicação e informação, e novas mídias, potencializam os diversos sistemas sociais para também produzirem discursos. A televisão está também sujeita às leis de mercado que acirram a competitividade entre as produções discursivas das mídias jornalísticas. Estas recorrem às estratégias autorreferenciais visando assegurar esse lugar (RIBEIRO, 2010).

A presença do site do *GI* ao final das edições do *JN* é um marcador de autorreferencialidade constante. A menção ao site foi recorrente também para articular com as reportagens a respeito dos donativos para as vítimas do ocorrido na região serrana do Rio de Janeiro. Por exemplo, no dia 14 de janeiro:

Vários pontos do Rio de Janeiro estão recebendo doações pras vítima da chuva na região serrana. Você vê aí, imagens do trabalho dos voluntários na Cruz Vermelha, no centro do Rio de Janeiro. Você pode saber, saiba como ajudar na página do *Jornal Nacional* na internet, o endereço é o seguinte: g1.com.br/jn (VASCONCELLOS, 14/01/2011, *JN*).

Ou no dia 15 de janeiro:

Você também pode ajudar saiba como na página do *Jornal Nacional* na internet, o endereço tá aí na tela: g1.com.br/jn (VASCONCELLOS, 15/01/2011, *JN*).

Vamos lembrar agora como você pode fazer para doar alimentos e roupas às vítimas da chuva na região serrana do rio, g1.com.br/jn (GOMES, 15/01/2011, *JN*).

Outra referência ao *site* ocorreu no o dia 14/01/2011. Observamos a presença de imagens do *site GI*, “o portal da *Globo*” (globo.com) ilustrando a reportagem de Ana Paula Araújo-

jo ao mostrar o “antes e depois” de pontos das cidades atingidas pelas chuvas na região serrana do Rio de Janeiro.

A autorreferencialidade também apareceu nas diversas imagens dos arquivos da *Globo* durante a cobertura da “tragédia da região serrana do Rio de Janeiro”. Destacamos a do dia 12 de janeiro de 2011, Edney Silvestre mostra em sua reportagem imagens de trinta anos atrás, dos arquivos da *Globo*. Durante dois minutos e meio, o repórter mostra os deslizamentos e a destruição das encostas da região serrana e diz: “tudo isso apavora, mas não surpreende, são imagens de destruição vistas muitas vezes”. Neste momento entram cenas do arquivo que mostram o deslizamento ocorrido em 1981, em que 21 pessoas morreram por conta das chuvas. A reportagem continua e diz: “o crescimento desordenado das cidades, encostas sendo ocupadas, nada disso é novo”. A matéria faz menção ao governador do estado, o ex-governador Sérgio Cabral – atualmente preso, acusado de receber propina para a concessão de obras públicas – que uma semana antes dos deslizamentos na região serrana se manifestou contra as “ocupações irregulares”, em página de jornal destacada na reportagem da edição do dia 12/01/2011.

Notamos no material empírico contemplado nesta monografia que o foco preferencial de atenção, o lugar de fala do repórter, ou o “que se espera desse tipo de profissional em situações de coberturas de acontecimentos de grande impacto” é também emocional (COUTINHO & MATA, 2013, p.381). Na fundamentação teórica deste estudo destacamos o caráter de *experiência* que a televisão proporciona e inclinamos essa reflexão para a continuidade desse estudo, futuramente, em nível de mestrado. Por termos observado a carga dramática na tessitura de sentidos produzida na estrutura da fabricação da noticiabilidade dessa tragédia.

Para Ribeiro e Sacramento (2014) essa carga dramática é observada no tipo de papel desempenhado por repórteres e âncoras – como vimos, por exemplo, com o deslocamento de Renata Vasconcellos ao local da tragédia – que “servem a estratégias de autoafirmação da eficiência e do poder da emissora e do estabelecimento de credibilidade ao telejornal pela presença de sua equipe nas cenas do acontecimento”, configurando-se em estratégias específicas de dramatização da intimidade (RIBEIRO & SACRAMENTO, 2014, p.65). Dito isso, reforçamos a relevância dos estudos em televisão, cuja comunicabilidade forte, generalizada e através de seu discurso “afetivo, prazeroso, terno, divertido, cotidiano e narrativo” instala-se na história social do audiovisual, que nos fala das transformações vividas pela humanidade com relação à expressão, às formas de perceber e representar a realidade (RINCÓN, 2002, p.17).

6. Conclusão

A cobertura da “tragédia da região serrana do Rio de Janeiro em 2011” foi responsável pela sétima indicação do jornalismo da Rede Globo ao *Emmy Awards*, em 2012. Vimos ao longo desta monografia, que a televisão procura compreender suas formas, lógicas e conexões e que se propõe como meio central da comunicação contemporânea. Uma vez que a tela televisiva tornou-se o local da visualidade que ritualiza formas de interpretar o mundo, e classifica as maneiras de ver socialmente aceitas (RINCÓN, 2002, p.23).

Por ser um meio de comunicação de massa, a televisão trabalha em base de imagens de massa sobre as temáticas, as realidades e as pessoas. Quase todos os personagens televisivos acabam sendo estereótipos “caricaturas, generalizações, deixando de lado as matizes, as ambiguidades e as sutilezas que sempre existem” (RINCÓN, p.26, 2002). Umberto Eco (2011) destaca que a linguagem imagética:

(...) sempre foi o instrumento de sociedades paternalistas, que subtraíram aos seus dirigidos o privilégio de um corpo-a-corpo lúcido com o significado comunicado, livre da presença sugestiva de ‘ícone’ concreto, cômodo e persuasivo. E por trás de toda a direção da linguagem por imagens, sempre esteve uma elite de estrategos da cultura, educados pelo símbolo escrito e pela noção abstrata. Uma civilização democrática só se salvará se fizer da linguagem da imagem uma provocação à reflexão crítica, não um convite à hipnose (ECO, 2011, p.353).

Martín-Barbero (2012) apresenta que esta conjuntura configura também um sistema que caminha cada dia mais em direção ao corte de direitos dos sujeitos individuais e coletivos. Uma vez que a produção de sentido, quando condicionada às mesmas matrizes, solapa o acesso à diversidade de fontes e de opinião.

Destacamos nessa monografia a categorização e a nomeação por parte da narrativa do *Jornal Nacional* ao referir-se ao ocorrido na região serrana do Rio de Janeiro como estratégias discursivas intimamente ligadas num esforço geral de expressão do programa. O que se narra e como se narra marcam as relações de poder existentes e as reproduz. As vozes que são privilegiadas ou uma enunciação que reafirma a hierarquia social. Sabemos que categorizar e nomear são uma forma de exercício do poder e sua naturalização é uma forma de construção da hegemonia (ARAÚJO & CARDOSO, 2013, p.97).

De acordo com Todorov (2013), a cada aparição de uma personagem, infalivelmente, ocorre a interrupção da história precedente, para que uma nova história, a da nova personagem, seja explicada. E para que essas histórias sejam englobadas, a segunda na primeira, ir-

rompe um processo chamado encaixe. Dessa maneira, essas histórias narradas, encaixadas, servem como argumento para aquilo que é apresentado. Não há, de acordo com o autor uma passagem sequer de descrição que seja desprovida de intenção narrativa ou uma passagem de diálogo que seja sem intenção descritiva; uma reflexão qualquer que não participe da ação, ou de uma ação cujo interesse tenha outra razão além daquela, geral e única, que explica o êxito de toda obra de arte: a de poder servir de ilustração (TODOROV, 2013, p.82).

Em lugar de desafiar a massa como faz a arte, o pastiche se dedica a excitá-la mediante a ativação das vivências. Mais jamais haverá legitimação social possível para essa arte inferior cuja forma consiste na exploração da emoção. A função da arte é justamente o contrário da emoção: a comoção. No outro extremo de qualquer subjetividade, a comoção é um instante em que a negação do eu abre as portas à verdadeira experiência estética (MARTÍN-BARBERO, 2012, p.79).

A tragédia que acometeu a região serrana foi responsável pela morte de quase mil pessoas e desalojou milhares de moradores desta região do Rio de Janeiro. Consideramos que essa cobertura produziu um discurso, através da produção da notícia, que encobre a realidade do acontecimento. Entendemos que o tecido social é alinhavado por desigualdades que revelam, com destaque, em episódios como esse, a duplicidade exploratória do capitalismo que lucra sempre com as desigualdades que produz. Há um descaso por parte do poder público com grande parte da população. E a mídia corrobora quando prioriza noticiar a dor das vítimas em detrimento: conteúdos que permitam que a sua audiência reconheça a perversão da especulação imobiliária, da ultrajante exploração da mão-de-obra que fica a mercê das margens para poder residir em solo urbano e da urgência em se discutir o planejamento espacial das cidades.

Por fim, reforça-se ser fundamental para os estudos em televisão a defesa do caráter público desse meio para superar a sua visão comercial e ganhar a sua densidade como cidadã (RINCÓN, p.28, 2002). Reivindicar a televisão pública como lugar social de todos, como uma alternativa audiovisual de encontro da sociedade, de incentivo aos direitos dos cidadãos e de fomento a pluralidade social que nos habita é fundamental para a reflexão em comunicação e saúde.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Márcia Franz (2003) **Sensacionalismo: inoperância explicativa**. Em *Questão*, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 133-146, jan./jun.
- _____(2011) **Os testemunhos na cobertura das catástrofes ambientais**. Anais do XX Encontro Anual da Compós. UFRGS: Porto Alegre, 2011. Cdrom.
- _____(2013) **A representação dos testemunhos no discurso das catástrofes ambientais: de sujeitos sociais a sujeitos discursivos**. *Revista Fronteiras – estudos midiáticos*, 15(3):182-190 setembro/dezembro.
- ARAÚJO, Inesita Soares de; CARDOSO, Janine Miranda. **Comunicação e Saúde**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2007.
- ARISTÓTELES. “**Poética**”. In: **Coleção Os Pensadores** Vol. II. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- BADIOU, Alain & CASSINC, Barbara. **Não há relação sexual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2013.
- BADIOU, Alain. **A autonomia do processo estético**. In: **Estruturalismo, antologia de textos teóricos**. Martins Fontes, 1967.
- BARBOSA, Marialva. **História da Comunicação no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2013.
- BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 2011.
- CARDOSO, Janine. M. **Entre vítimas e cidadãos: risco, sofrimento e política nas narrativas do Jornal Nacional sobre as epidemias de dengue (1986-2008)**. Rio de Janeiro, 2012, 226f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- CASTILHO, Lucas V., OLIVEIRA, Priscila, M.C., FABRIANI, Carmen B. **Análise de uma tragédia ambiental e a participação da população no equacionamento dos problemas de moradia: um estudo de caso da tragédia na Região Serrana do Rio de Janeiro**. Trabalho apresentado no Encontro Nacional da ANPPAS, VI, 2012, setembro; Belém, Pará, Brasil.
- COUTINHO, Iluska; MATA, Jhonatan. **A atuação do repórter na cobertura televisiva de tragédias: o olhar do jornalista como testemunha do fato que enuncia**. *Estudos em Jornalismo e Mídia - Vol. 10, n.2, Julho a Dezembro de 2013*.
- DE LIMA, Venício. **Mídia, Teoria e política**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.
- DELEUZE, Gilles. **Cinema – a imagem-movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- DOUGLAS, Mary e ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens: para uma Antropologia do**

consumo. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2004.

FAUSTO NETO, Antônio. **Mutações nos Discursos Jornalísticos: da ‘construção da realidade’ à ‘realidade da construção’**. In: FELIPPI, Ângela; SOSTER, Demétrio de Azeredo; PICCININ, Fabiana. **Edição em jornalismo: ensino, teoria e prática**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2006.

_____ (2011) **Enfermidade em circulação: Sou eu mesmo que noticia o meu tratamento**. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 22, p. 237-249, dez.

FERRAZ, L. M. R.; LERNER, K. **Sob o signo do patológico na mídia: risco, cuidado crônico e medicalização nos discursos de Veja e Época**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 36., 2013, Manaus. **Anais**. São Paulo: Intercom, 2013. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1855-1.pdf>>

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2012.

FREIRE FILHO, João e COELHO, Maria das Graças Pinto. **Jornalismo, cultura e sociedade: visões do Brasil contemporâneo**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre, 2005.

GUTMANN, Juliana Freire. **Formas do telejornal: um estudo das articulações entre valores jornalísticos e linguagem televisiva**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2012.

HABERMAS, Junger. **Mudança estrutural da esfera pública**. São Paulo: Unesp, 2014.

HALL, Stuart. **The work of representation**. In: HALL, Stuart (org.) *Representation. Cultural representation and cultural signifying practices*. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997.

HAMBURGER, Esther. **O Brasil Antenado, a Sociedade da Novela**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

IBOPE Media. *Monitor Evolution*, 2013. Disponível em: <http://www.ibope.com.br>.

JAMBEIRO, Othon. **A TV no Brasil do século XX**. Salvador: EDUFBA, 2001.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru: EDUSC, 2001.

LOPES, M.I.V.; GÓMEZ, G.O. **Estratégia de Produção Transmídia na Ficção Televisiva: anuário. Obitel 2014**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.

MOTTA, Luiz Gonzaga; COSTA, Gustavo Borges e Lima, Jorge Augusto. **Notícia e construção de sentidos: análise da narrativa jornalística**. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. São Paulo – Volume XXVIII, nº 2, julho/dezembro de 2004.

MARTÍN-BARBERO. **Ofício de cartógrafo: travessia latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Loyola, 2004.

_____ (2012) **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ.

MORIN, Edgar. **Cultura de massa no século XX**. Vol.1. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

MURTINHO, Rodrigo. **Estado, comunicação e cidadania: diálogos pertinentes sobre a relação entre direito saúde e direito à comunicação**. Tese de doutorado, Niterói (RJ): Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, 2012.

OLIVEIRA E SILVA, Marconi. **A notícia como narrativa e discurso**. Estudos em Jornalismo e Mídia. Florianópolis, v. 4, n. 1, pp.49-64, 2007.

PALLOTTINI, Renata. **Dramaturgia de Televisão**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

Pesquisa Brasileira de Mídia 2015. **Hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. Disponível em: <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>

PAIM, Jairnilson da Silva. **O que é o SUS**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009.

PINTO, Milton José. **Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos**. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

SINGER, Ben. **Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular**. In: CHARNEY, Leo e SCHWARTZ, Vanessa (org.) **O Cinema e a Invenção da Vida Moderna**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

SILVA, Marconi Oliveira da. **A notícia como narrativa e discurso**. Estudos em Jornalismo e Mídia Vol. IV No 1 – 1º semestre de 2007.

SODRÉ, Muniz. **O Monopólio da fala; função e linguagem da televisão no Brasil**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart e SACRAMENTO, Igor. **Jornalismo e histórias de vida: o trágico e o melodramático a cobertura televisiva do incêndio da Boate Kiss**. In: FILHO, João Freire e COELHO, Maria das Graças Pinto (org). **Jornalismo, cultura e sociedade, visões do Brasil contemporâneo**. Editora Sulina, 2014.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível. Estética e política**. São Paulo: Editora 34, 2014.

ROMANO, Maria Carmem. **As Representações Sociais dos pobres nas telenovelas**. Rev Univ Rural, Sér. Ciênc. Hum. v. 19-21, n. 1-2, p. 21-37, jan.1997/dez. 1999.

TODOROV, Tzvetan. **As categorias da narrativa**. In: **Análise estrutural da narrativa**. Rio de Janeiro: Vozes, 1973.

_____ (2013). **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

TEIXEIRA, R. T., CYRINO, A. P. **As ciências sociais, a comunicação e a saúde**. *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 2003, vol.8, n.1, pp.151-172. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v8n1/a12v08n1.pdf>>.

WILLIAMS, Raymond. **Tragédia moderna**. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

Vídeos

NARRADORES DE JAVÉ. Filme de Eliane Caffé, 2014.

O MERCADO DE NOTÍCIAS. Documentário de Jorge Furtado, 2014.

APÊNDICES

Jornal Nacional 12/01/2011 – quarta-feira

Tempo de duração do telejornal: 39:27

Apresentadores: Heraldo Pereira e Renata Vasconcellos²⁴

Tempo dedicado do telejornal a cobertura da tragédia: 30:21

Tempo de telejornal ao vivo: 7:26

Texto da escalada	Imagem
12 de janeiro de 2011. (0:02'')	<i>CLOSE</i> : Heraldo Pereira na bancada <i>JN</i> . (0:02'')
O desespero e a dor tomam conta do Rio de Janeiro. (0:03'')	<i>CLOSE</i> : Renata Vasconcellos na bancada <i>JN</i> . (0:03'')
Temporais provocam a maior tragédia da história na Região Serrana do Estado. (0:04'')	<i>CLOSE</i> : Heraldo Pereira na bancada <i>JN</i> . (0:04'')
<i>OFF RENATA VASCONCELLOS</i> : Teresópolis, Petrópolis e Nova Friburgo ficam debaixo d'água. (0:04'')	<i>PLONGÉE (Globocop)</i> : Áreas alagadas pelas chuvas. Centro de Nova Friburgo. (0:04'')
Cidades isoladas pelas quedas de barreiras. (0:03'')	<i>CLOSE</i> : Heraldo Pereira na bancada <i>JN</i> . (0:03'')
<i>OFF RENATA VASCONCELLOS</i> : Toneladas de lama e de pedras desabam sobre ruas e casas (0:04'')	<i>PLONGÉE (Globocop)</i> : Áreas soterradas, encobertas por lama. Casas destruídas. (0:04'')
O número de mortos passa dos 230. (0:03'')	<i>CLOSE</i> : Heraldo Pereira na bancada <i>JN</i> . (0:03'')
Nossos repórteres chegam ao cenário da destruição. (0:03'')	<i>CLOSE</i> : Renata Vasconcellos na bancada <i>JN</i> . (0:03'')
Repara que a água, passou do teto. (0:03'')	<i>PLANO AMERICANO</i> : Entrada de repórter do <i>JN</i> em uma casa na região serrana alagada. <i>PLANO DETALHE</i> : No teto da casa. (0:03'')
<i>OFF</i> : Encontraram um sinal de vida. (0:03'')	<i>PLANO GERAL</i> : Voluntários procuraram pessoas entre escombros. (0:03'')
Pedem calma. (0:02'')	<i>PLANO AMERICANO</i> : Repórter em frente a mulher pedindo calma com as mãos para não causarem mais deslizamentos. (0:02'')
Bombeiros e voluntários. (0:02'')	<i>CLOSE</i> : Bette Lucchesi em campo de futebol. (0:02'')
<i>OFF BETTE LUCCHESI</i> : Estão ajudando a socorrer a Tainá nesse momento. (0:06'')	<i>PLANO GERAL</i> : Mulher grávida sendo levada ao <i>Globocop</i> carregada por médicos e voluntários. (0:06'')
<i>OFF BETTE LUCCHESI</i> : e ela tá sendo levada pro <i>Globocop</i> . (0:04'')	<i>CLOSE</i> : Na barriga da mulher dentro do helicóptero (0:04'')
Veja também a chuva e abertura de comportas inundam a	<i>PLANO AMERICANO</i> : Heraldo Pereira, na bancada do <i>JN</i>

²⁴ O casal Fátima Bernardes e William Bonner estavam de férias e os jornalistas que assumiram durante a ausência dos âncoras principais foram Heraldo Pereira, Renata Vasconcellos e Márcio Gomes.

cidade de São Paulo (0:08'')	(0:08'')
Após a denúncia do “JN no Ar” técnicos do governo federal visitam os hospitais de Rondônia (0:06'')	<i>PLANO AMERICANO</i> : Renata Vasconcellos, na bancada do JN (0:06'')
<i>OFF HERALDO PEREIRA</i> : Ronaldinho Gaúcho é recebido com festa no Flamengo (0:04'')	<i>PLANO GERAL</i> : Vídeo com recepção de Ronaldinho Gaúcho, na Gávea, sede do Flamengo, muitos torcedores e comemorações para receber o novo craque (0:04'')
Agora, no Jornal Nacional (0:02'')	<i>PLANO AMERICANO</i> : Renata Vasconcellos, na bancada do JN (0:02'')

Boa noite, Heraldo Pereira.

Boa noite, Renata Vasconcellos.

(Os âncoras estão na bancada do *JN*, ao fundo, atrás da bancada uma projeção de chuvas com raios)

Heraldo Pereira: Três cidades da região serrana do Rio de Janeiro viveram uma quarta-feira trágica por causa das chuvas. Duzentas e cinquenta e cinco pessoas morreram, segundo o último balanço divulgado agora a pouco pelo município e pelos bombeiros.

Renata Vasconcellos: Nós começamos o *JN* indo direto a Teresópolis a cidade que teve o maior número de mortos, cento e trinta, até agora. Nós vamos conversar ao vivo com dois repórteres, boa noite Hélder Duarte e Bette Luchese, explica pra gente onde vocês estão exatamente (A tela se divide em dois, e ao vivo, Bette Luchese e Hélder Duarte falam diretamente de Teresópolis).

Bette Lucchese: Boa a noite a todos.

Hélder Duarte: Oi, Renata, boa noite

(Vídeo: Os repórteres estão localizados em frente a um córrego de rio com casas ao redor, na cidade de Teresópolis / selo ao vivo da *Globo*)

Helter Duarte: Bem, como você bem disse, 130 mortos só aqui no município de Teresópolis. E nós estamos no bairro conhecido como Caleme, uma das regiões mais atingidas por essa

tragédia. Boa parte dessas 30 mortes²⁵ aconteceu aqui nessa região. Nós estamos bem na beira de um rio, e transbordou, esse rio levou, varreu do mapa dezenas de casas. A gente vê ali os escombros de algumas casas que desabaram. Casas boas, casas bem construídas, que foram completamente destruídas e dezenas de pessoas morreram aqui. Essa tragédia atingiu toda a região serrana do Rio, e só pra você ter uma ideia da localização, nós preparamos um mapa que você acompanha na tela aí agora, então, olha só, a tragédia atingiu as cidades de: Petrópolis, Teresópolis, de onde nós falamos agora ao vivo, e também a cidade de Nova Friburgo. São todos municípios que ficam entre uma e duas horas de distância do centro do Rio de Janeiro.

Início: 2:48 - Fim: 6:22

Repórter: Bette Lucchese

Localização da repórter: Teresópolis, RJ

Sinopse: A primeira reportagem é apresentada por Bette Lucchese, com o *Globocop* (helicóptero do *JN*) a repórter sobrevoa a cidade de Teresópolis e descreve o cenário que vê “a gente tem a impressão que a tragédia começou exatamente nesse ponto aqui, seguindo esse rastro aqui, a gente vê muitas pedras, árvores, lama, entulho”. Enquanto sobrevoa a cidade moradores acenam com camisas brancas, pedindo ajuda. A matéria se desenrola e o helicóptero pousa em um campo de futebol, utilizado para socorrer as vítimas e “logo veio o pedido, para socorrer uma jovem, grávida de 8 meses, que tinha entrado em trabalho de parto”, narra Bette Lucchese. A primeira personagem da cobertura dos ocorridos na região serrana é revelada, a jovem Tainá Medeiros, adolescente de 15 anos, grávida, resgatada pelo *Globocop* e levada para um hospital em Teresópolis onde fez uma cesariana dando à luz a um menino, Marcos André. Sem o *Globocop*, a repórter segue a pé e mostra o resgate de vítimas.

Enquanto Bette Lucchese narra, o vídeo mostra a criatividade dos voluntários em subverter a realidade adversa, com tábuas de madeira, pedaços de árvores e escadas servindo de ponte os voluntários se unem para retirar as vítimas dos deslizamentos que ainda estão soterradas entre os escombros. Um ferido, não identificado, diz que foi Deus quem o salvou (aparece com o rosto inchado e ensanguentado, carregado por dois moradores numa maca improvisada). Outro morador, não identificado, ajuda nas buscas e diz que uma pessoa foi encontrada com vida entre os escombros, e ainda diz “e são vários corpos ali, são muitos, muitos” (o vídeo fecha na área em que moradores/voluntários fazem buscas). A reportagem revela de-

²⁵ Nota-se nessa fala de Helter Duarte um lapso, o repórter, que ali é também sujeito, deveria dizer 130 mortes mas disse 30.

pois que a pessoa encontrada com vida era uma mulher, que ficou doze horas soterrada. Bette Lucchese caminha por ruas da cidade, mostra que muitas pedras rolaram e reconfiguraram os córregos dos rios. Moradores, não identificados, entoam que tudo foi alterado. A reportagem termina com um menino, não identificado, que diz que “parece que o mundo tá acabando”.

Personagens²⁶: Tainá Medeiros – adolescente grávida que foi socorrida pelo *Globocop* para dar a luz.

(O vídeo retorna para os correspondentes ao vivo em Teresópolis)

Hélter Duarte: No meio dessa tragédia toda, pelo menos uma boa notícia, viu Bette, você que acompanhou o resgate da Tainá. Acabou de chegar uma notícia que é a seguinte, a Tainá Medeiros, que é uma menina, uma adolescente de 15 anos, ela que estava grávida e foi resgatada pelo *Globocop* foi levada por um hospital aqui de Teresópolis, fez uma cesariana, teve o bebê, um menino e passa bem. O nome dele é Marcos André.

(O vídeo se divide em dois e os quatro repórteres dividem a tela)

Heraldo Pereira: Bette, eu gostaria de saber como estão os trabalhos de buscas aí agora a noite?

(O vídeo fecha em Bette Lucchese)

Bette Lucchese: Olha Heraldo, as informações que nós tivemos é que as buscas elas não serão interrompidas, elas vão prosseguir, durante a noite, durante a madrugada. A prefeitura ainda não sabe dizer quantas pessoas estão desaparecidas, os bombeiros eles ainda não conseguiram chegar em todos os pontos atingidos pelo temporal, algumas áreas ainda estão isoladas, são áreas de difícil acesso, bloqueadas por toneladas de pedra, lama e também por muitas árvores. Bombeiros da capital e também da baixada fluminense eles vieram reforçar a equipe que já trabalha aqui em Teresópolis.

(Volta a cena a bancada do *JN* com Heraldo Pereira e Renata Vasconcellos)

²⁶ Os personagens serão descritos conforme identificados nas reportagens.

Renata Vasconcellos: Pois é, Helter. A gente viu que o número de mortos aumenta a cada momento, só, até agora, nós temos 130, só em Teresópolis. Como é que tá sendo feito o trabalho de identificação dos corpos?

(O vídeo volta para Hélder Duarte e Bette Lucchesse)

Hélder Duarte: Olha, Renata, essa é uma parte muito difícil o IML aqui de Teresópolis fica bem na entrada da cidade quando eu cheguei aqui eu dei uma passada por lá. O IML funciona na delegacia da cidade e tem capacidade para receber apenas 10 corpos. Imaginem então a situação com 130 mortes aqui no município? A todo momento chegam corpos lá no IML e infelizmente eles são colocados no chão, é no espaço que dá, à sede do IML as pessoas não param de chegar, viu Bette? A todo momento chegam pessoas querendo saber notícia, querendo saber se seu amigo, seu parente desaparecido está lá. Para facilitar a liberação desses corpos foi feita uma espécie de força tarefa. Foi montada uma força tarefa, há cinco defensores públicos lá nesse momento, dois juízes e também dois representantes da OAB, pra agilizar a liberação dos corpos para o enterro. Agora nossos repórteres Vandrey Pereira e Flávio Capitone, conseguiram chegar por terra à regiões aqui da cidade de Teresópolis que ainda estão isoladas, que carro, que pessoas não conseguem chegar por lá. Vamos ver a reportagem.

Início: 08:43 - Fim: 11:21

Repórter: Vandrey Pereira

Localização da repórter: Teresópolis, RJ

Sinopse: A reportagem de Vandrey Pereira inicia mostrando como está o local em que a equipe do *JN* está. Muita água e lama aparecem no *VT*. Uma moradora, não identificada, diz se tratar de uma “calamidade”. A equipe tenta seguir em uma rua, obstruída por uma máquina retroescavadeira que retirava parte da lama mas de repente, a câmera treme, demonstrando que a equipe de reportagem também estava em uma região instável, e teve que descer as pressas por estar num local que parece ter ocorrido mais um deslizamento: “os moradores estão descendo correndo. Dizendo que muita água tá descendo lá de trás”. No *take* seguinte a equipe de reportagem parece estar em um local menos instável e confirma o cenário de correria de segundos atrás, o repórter pergunta para um motociclista que descia a rua que estavam anteriormente como está a situação “lá de cima”. O motociclista, não identificado, responde que “tá bem crítica a situação”. E até a máquina retroescavadeira, que ajudava na retirada da lama, teve que dar ré por conta da água que descia.

Uma moradora, não identificada diz vir da casa de sua sobrinha, “mas não conseguimos chegar lá não”. O repórter pergunta por que ela está tão nervosa, a moradora responde chorando: “Por causa do pessoal lá, que não consegue sair”. Outro morador, não identificado, diz estar deixando sua casa, levando apenas uma mochila.

A reportagem apresenta a dor de moradores que além de perderem suas casas e pertences, perderam familiares. Vandrey Pereira traz a informação que os corpos encontrados estão sendo levados para uma igreja, local próximo aonde está. Lá o repórter pergunta: “Quem que a senhora perdeu?” e uma voz não identificada, de uma mulher aos prantos responde: “Sobrinhos e netos do meu irmão”, de braços dados, seu irmão, também não identificado acrescenta: “a nora, o filho, dois netinhos”. A reportagem também mostra o trabalho árduo dos voluntários em resgatar vítimas dos escombros, quando apresenta o esforço de moradores em escavar uma área que soterrou um carro com possíveis vítimas. Em seguida a matéria mostra a “resistência” de um morador que permanece em sua casa mesmo com todo o em torno destruído: “E vejam só, alguns moradores ainda resistem, olha lá, um casal um casal, um senhor e uma senhora na varanda da casa, na beira de um barranco, praticamente a ponto de desabar”.

Mais moradores, todos não identificados, que perderam parentes ilustram a reportagem. Homem que perdeu a filha e o genro diz que vai continuar nas buscas: “tenho que achar minha filha”.

(Retorna a bancada do *JN* com Renata Vasconcellos e Heraldo Pereira)

Renata Vasconcellos: Nós vamos voltar agora a conversar com o repórter Hélder Duarte.

(A tela se divide em dois, e Hélder Duarte também aparece na tela)

Renata Vasconcellos: Hélder a gente viu aí a situação de calamidade, a situação dramática dos moradores de Teresópolis. Agora outra cidade da região serrana, perto de Teresópolis, Nova Friburgo, também foi bastante castigada pela chuva. Como é que está a situação em Nova Friburgo, Hélder?

(Hélder Duarte, ao vivo de Teresópolis)

Hélder Duarte: “Olha, Renata, a situação é muito ruim. As notícias, infelizmente não são boas, o vice-governador do estado, Luis Fernando Pezão, acabou de divulgar um novo balanço das mortes em Nova Friburgo, até o momento, 107 pessoas morreram em Nova Friburgo. Cinquenta e nove pessoas apenas em uma localidade conhecida como Serrinha. Nesse momento a vida na cidade é muito difícil, muitas ruas estão cobertas de lama, falta luz em muitos bairros, os telefones não funcionam direito e o abastecimento de água foi interrompido em Nova Friburgo. Em toda região serrana, nas três regiões serranas, atingidas por essa tragédia, o número de mortes já chega a 257, a tragédia em Nova Friburgo atingiu até mesmo os homens do corpo de bombeiros. Como nós vamos ver agora na reportagem Tiago Eltz e André Curvello.

Início: 12:28 - Fim: 16:40

Repórter: Tiago Eltz e André Curvello

Localização da repórter: Nova Friburgo, RJ

Sinopse: A matéria inicia semelhante a de Bette Lucchese, imagens aéreas expõem o cenário em Nova Friburgo. André Curvello, sobrevoando narra: “rodeada por montanhas Nova Friburgo viu o clima de cidade pacata desaparecer frente a violência das águas”, as imagens que aparecem no vídeo mostram a transformação da cidade após as chuvas. O teleférico, a piscina e a quadra de um hotel que desapareceu, os alagamentos no centro da cidade, a avenida principal que virou uma “alameda de água e barro”. A matéria mostra o carro dos bombeiros, que iria ao resgate das vítimas, soterrado por uma encosta que desabou em cima do carro no momento do resgate, matando três bombeiros. Tiago Eltz vai por terra, André Curvello narra que o colega só conseguiu prosseguir com a reportagem por terra a tarde, por conta da obstrução dos acessos a Nova Friburgo.

Anunciando a reportagem de Tiago Eltz, que entrará em seguida, André Curvello diz: “ele conta o que viu desse cenário de destruição”, aparece na tela um *fade in* para a direita com a reportagem de Tiago Eltz.

Tiago Eltz mostra os efeitos das chuvas na cidade de Nova Friburgo, por terra o repórter mostra prédios e casas completamente destruídos e a união de moradores em encontrar sobreviventes. As imagens da reportagem foram utilizadas na escalada desse primeiro dia, a matéria segue mostrando a preocupação dos voluntários durante as buscas em não causarem mais deslizamentos: “com as mãos os vizinhos tentam retirar o entulho numa busca esperançosa, mas difícil”. O jornalista mostra como ficou o principal ponto turístico de Nova Friburgo, o teleférico, completamente destruído. A reportagem também indica a falta de serviços, como luz e telefonia.

(Retorno a bancada do JN)

Renata Vasconcellos: Daqui a pouco a situação em Petrópolis, outra cidade da região serrana atingida pelos temporais.

Heraldo Pereira: As explicações sobre as causas da tragédia.

Renata Vasconcellos: E as consequências das chuvas em São Paulo e em Minas Gerais (imagem de áreas inundadas/ texto: debaixo d'água)

(Retorno a bancada do JN)

Renata Vasconcellos: Nós voltamos a falar sobre as mortes na região serrana do Rio que sofreu com as fortes chuvas.

(A tela se divide em dois, e os âncoras do JN dividem o VT com Paulo Renato Soares de Petrópolis)

Heraldo Pereira: O repórter Paulo Renato Soares está em Petrópolis. Boa noite, Paulo Renato. Qual é a situação de momento aí?

Paulo Renato Soares: Boa noite, boa noite a todos. (O vídeo fecha no repórter). Eu estou no centro de Itaipava, que é distrito de Petrópolis. Aqui, além do trabalho intenso de socorro, e busca por vítimas durante todo o dia. Houve também um trabalho intenso de limpeza e que segue até agora a noite essa é a situação do momento. No município de Petrópolis são 18 mortes confirmadas, mas esse número pode subir porque há muitos relatos de pessoas desaparecidas, que teriam sido levadas pela forte correnteza que se formou. Aqui em Itaipava, eu e o repórter cinematográfico Carlito Chagas, acompanhamos a situação difícil de moradores que perderam suas casas e parentes com as chuvas.

Início: 17:52 - Fim: 20:18

Repórter: Paulo Renato Soares

Local: Petrópolis, Rio de Janeiro

Sinopse: Ao vivo, do centro de Petrópolis, Paulo Renato Soares chama a reportagem de sua autoria, a matéria inicia: “por todos os lados devastação”. O vídeo mostra casas destruídas, muitos escombros, lama e carros lançados contra muros. Em Itaipava, distrito de Petrópolis, o repórter mostra uma casa próxima ao rio Santo Antônio totalmente invadida pela força da água. Três casas, divididas por oito pessoas de uma família, só deu tempo “de procurar abrigo”. A moradora, não identificada, diz que perdeu tudo. A cena que segue foi utilizada na escalada dessa edição, o repórter mostra a marca da água no teto da casa, fala com um morador, também não identificado, que diz não ter conseguido recuperar nada e espera a ação do poder público, muito emocionado não completa sua fala quando menciona o poder público e refere-se a “outra vez”, indicando a reincidência do ocorrido.

A reportagem mostra também o terminal de ônibus da cidade que foi soterrado e a história de um caminhoneiro, não identificado, que conseguiu salvar um motorista que estava sendo levado pela correnteza do rio. Paulo Renato Soares vai até o Buraco do Sapo, região que foi dizimada pela potência da água. Os personagens que ilustram essa narrativa sustentam a intenção descritiva da reportagem, primeiro Luis Carlos, emocionado, conta que conseguiu salvar seus pais (“idosos”) ao mantê-los em cima de uma mesa para que não se afogassem, já Franciso “está desolado, ele conseguiu salvar os filhos mas a mulher foi levada pela correnteza”.

(Retorna para a bancada do *JN*)

Heraldo Pereira: A chuva também destruiu casas e hotéis de luxo em uma das áreas mais nobres da região serrana do Rio.

Início: 20:24 - Fim: 21:52

Repórter: Sandra Moreyra

Local: Santa Rita, entre Petrópolis e Teresópolis

Sinopse: A proporção da tragédia é mensurada por também ter atingido hotéis de luxo e áreas nobres da região serrana do Rio. A edição do *JN* continua, agora com imagens aéreas e a reportagem de Sandra Moreyra: “muita lama, muita destruição, esta era uma das áreas mais belas de Itaipava, na região serrana do Rio”, sobrevoando Santa Rita, a repórter narra o cenário após as chuvas. A matéria destaca a pousada Tambo los Incas, empreendimento de luxo na região, “tudo foi tomado pela enxurrada, ninguém ficou ferido, mas na página da pousada na

internet os donos informam que não terão condição de atender hóspedes e clientes por um longo período”. A matéria conta com imagens de cinegrafistas amadores para ilustrarem o “tamanho da destruição”. Reforçando a imensidão da destruição Sandra Moreyra informa que em uma das casas, no Vale do Cuiabá em Itaipava, 14 pessoas morreram, sendo 8 da mesma família. Parentes do executivo da rede Icatu, o economista Erick Conolly, sua irmã, a estilista Daniela Conolly, seu marido Alexandre França e o filho do casal de dois anos morreram.

(Retorna para a bancada do *JN/ PLANO AMERICANO* em Renata Vasconcellos)

Renata Vasconcellos: A tragédia na região serrana foi provocada segundo especialistas por uma combinação de mau tempo, terrenos instáveis e ocupação irregular do solo. Os alagamentos e quedas de barreira também destruíram os acessos da cidade.

Início: 22:08 - Fim: 24:00

Repórter: Monica Teixeira

Local: Estúdio do *JN*

Sinopse: Após a fala da âncora do *JN* entra a reportagem de Monica Teixeira. Imagens aéreas ilustram a intensidade das chuvas no vídeo. A repórter narra que a beleza da região encobre a instabilidade dos terrenos, em seguida o especialista, Maurício Erlich (professor de Geotecnia da Coope do Rio de Janeiro), explica o risco dos terrenos instáveis. Logo após a fala do especialista a repórter Monica Teixeira apresenta um mapa com as áreas mais afetadas pelas chuvas, informa que a região serrana localiza-se a 60km da capital (Rio de Janeiro) e ilustra por meio de um infográfico a quantidade de água que atingiu essas localidades: Petrópolis 135mm, Teresópolis 124mm e Nova Friburgo 182mm. A repórter exemplifica os milímetros em dias, em Nova Friburgo, por exemplo, choveu em um dia o esperado para todo o mês de janeiro. A matéria informa que houve quedas de barreiras em rodovias importantes, como a BR 116 e 040, que ligam o Rio a Minas Gerais. E que a BR 045, que liga Petrópolis a Teresópolis foi “completamente bloqueada por 200 toneladas de pedra”. Outro especialista participa da reportagem, Olivio Bahia (meteorologista do INPE) que justifica as fortes chuvas em decorrência de uma onda de calor e umidade vindas da Amazônia.

Personagens: Maurício Erlich, professor de Geotecnia da Coope do Rio de Janeiro; Olivio Bahia, meteorologista do INPE.

(Retorna para a bancada do *JN*)

Heraldo Pereira: Esse, infelizmente é um cenário que se repetiu.

Renata Vasconcellos: É, para especialistas é preciso tomar medidas que não resolvam apenas o problema imediato.

Início: 24:31 - Fim: 26:14

Repórter: Edney Silvestre

Local: Rio de Janeiro

Sinopse: A reportagem de Edney Silvestre mostra os deslizamentos e a destruição das encostas da região serrana: “tudo isso apavora, mas não surpreende, são imagens de destruição vistas muitas vezes”. Imagens do arquivo da Globo, de 30 anos atrás ilustram a reportagem. O arquivo traz a cobertura de deslizamentos ocorridos no Rio de Janeiro em 1981, foram 21 pessoas mortas por conta das chuvas. A reportagem continua e diz: “o crescimento desordenado das cidades, encostas sendo ocupadas, nada disso é novo”. A matéria faz menção ao governador do estado, o ex-governador Sérgio Cabral – atualmente preso, acusado de receber propina para a concessão de obras públicas – que uma semana antes dos deslizamentos na região serrana se manifestou contra as “ocupações irregulares”, em página de jornal destacada na reportagem da edição do dia 12/01/2011. O então governador do estado do Rio de Janeiro estava de férias, fora do país, e telefonou à Dilma Rousseff “pedindo ajuda”, de acordo com a fala do repórter. A reportagem informa que seis ministérios irão apoiar a região serrana, a Marinha vai “ajudar com transporte de equipes de socorro”. O vice-governador, Pezão, disse que depois dos resgates a prioridade é a habitação e que: “já foi liberado, pelo Conselho Monetário Nacional. A gente tem 1 bilhão de reais pro programa *Morar Seguro* que a gente deve tá assinando aí, assim que o senado voltar, a gente aprovas esses recursos” (Luiz Fernando Pezão, vice-governador do Rio de Janeiro). Em seguida, mais um especialista ganha voz na edição do dia 12/01, Paulo Canedo (professor da Coppe, RJ) diz que: “as regiões que não podem ser ocupadas tem que ser removidas e fiscalizadas para que novas aglomerações humanas não ocorram”.

Personagens: Luiz Fernando Pezão, vice-governador do estado do Rio de Janeiro; Paulo Canedo, professor da Coppe/ UFRJ.

(Retorna para a bancada do *JN*)

Renata Vasconcellos: A situação em São Paulo também é grave por causa da chuva.

Heraldo Pereira: Algumas regiões do estado ainda sofrem as consequências do temporal da noite de segunda-feira, voltaram a ser castigadas.

Início: 26:29 - Fim: 28:00

Repórter: César Menezes

Local: Franco da Rocha, São Paulo

Sinopse: Quatorze bairros de Atibaia, SP, estão alagados. Um helicóptero da PM, resgatou moradores que estavam ilhados. Um morador, não identificado, diz residir há 23 anos na localidade e nunca ter visto uma chuva tão forte como aquela. O repórter segue de bote em Franco da Rocha, narrando o cenário que encontra. A prefeitura precisou abrir as comportas do reservatório por risco de exceder a capacidade da represa, alagando toda a cidade. Dois moradores, não identificados, aparecem indignados com a situação. Bombeiros resgatam moradores que estão ilhados, 67 foram resgatados “outros se recusam a sair”. Morador, não identificado, que se recusa a sair de casa diz: “eu vou pra onde?”

(Retorna a bancada do *JN/ PLANO AMERICANO* em Renata Vasconcellos)

Renata Vasconcellos: O governo do estado de São Paulo informou que foi obrigado a abrir as comportas para evitar o risco do rompimento da represa por causa da chuva intensa e que já está reduzindo a vazão na medida do possível.

(*PLANO GERAL* da bancada, com os dois âncoras)

Heraldo Pereira: No sul de Minas, a cidade de Carvalho ficou isolada por causa da forte chuva. O rio dos Franceses transbordou e em algumas casas só os telhados ficaram descobertos. A geladeira da prefeitura foi parar em cima de um caminhão. A correnteza arrastou por seis metros esse tanque de combustível. As duas pontes que dão acesso a cidade foram interditas²⁷.

Início: 29:01 - Fim: 29:55

²⁷ Nota coberta narrada por Heraldo Pereira, enquanto o âncora narrava o vídeo as imagens apareciam de acordo com a narrativa do jornalista.

Repórter: Flávia Alvarenga

Local: Estúdio do *JN*

Sinopse: Previsão do tempo, Flávia Alvarenga diz que o sudeste vai continuar com muita chuva nos próximos dias. Flávia Alvarenga informa que os “temporais podem atingir novamente a região serrana do Rio de Janeiro”. A repórter ilustra com mapa do tempo do *JN* a fala anterior do especialista, Olivio Bahia, e entoa que o motivo das chuvas foi um canal de umidade “que atua a mais de três dias” deixando as nuvens alinhadas do norte até o sudeste, um fenômeno típico do verão.

Personagens: Fonte: CPTEC/INPE INMET

(Retorna à bancada do *JN/ PLANO AMERICANO* em Renata Vasconcellos)

Renata Vasconcellos: Por causa da tragédia na região serrana do Rio, nós não exibiremos hoje, como tínhamos anunciado ontem a terceira reportagem da série sobre a Mata Atlântica. Ela vai ser exibida na edição de amanhã no *Jornal Nacional*.

(*PLANO GERAL* da bancada, com os dois âncoras)

Heraldo Pereira: Daqui a pouco, técnicos do governo chegam a Rondônia por causa do estado de calamidade pública na saúde.

Renata Vasconcellos: E um ano depois do terremoto os repórteres do *Jornal Nacional* mostram como está o Haiti (imagem do Haiti/ texto: dificuldade)

(Retorna à bancada do *JN/ PLANO AMERICANO* em Renata Vasconcellos)

Renata Vasconcellos: Representantes dos ministérios da saúde e da integração nacional e da defesa estão em Porto Velho para avaliar a situação dos hospitais mostrada ontem pela equipe do “*JN no Ar*”

Início: 30:34 - Fim: 33:09

Repórter: Maríndia Moura / Cristina Serra

Local: Porto Velho, Rondônia / Brasília

Sinopse: A reportagem inicia dizendo que os “técnicos viram de perto o que o “*JN no Ar* mostrou ontem”. Pacientes tomando soro na entrada do hospital, o que seriam locais de espe-

ra. A reportagem engata com a matéria de Cristiana Serra, de Brasília, indicando que a crise na saúde é decorrente da execução orçamentária, indicando que desvios foram feitos na verba para a saúde.

(Retorna à bancada do *JN*)

Heraldo Pereira: Um ano depois do terremoto que arrasou o Haiti, pouca coisa mudou na capital Porto Príncipe. Mais de duzentas mil pessoas morreram no tremor de 7 graus.

Renata Vasconcellos: Os enviados especiais, Lília Teles e Luiz Cláudio Azevedo mostram o drama dos haitianos.

Início: 33:26 - Fim: 34:47

Repórter: Lília Teles e Luiz Cláudio Azevedo

Local: Porto Príncipe, Haiti

Sinopse: Os repórteres mostram a situação no Haiti. Falta de emprego e pouco investimento na reconstrução da cidade, apenas 5% das casas foram reconstruídas em um ano. A reportagem mostra também que a epidemia de cólera já matou 4 mil pessoas.

(Retorna à bancada do *JN/ PLANO AMERICANO* em Renata Vasconcellos)

Renata Vasconcellos: Dom Murilo Krieger foi nomeado hoje pelo Papa Bento XVI o novo arcebispo de Salvador e primaz do Brasil. Dom Murilo tem 67 anos e é arcebispo de Florianópolis desde 2002, ele assume em março a diocese de Salvador, a primeira criada no país. Vai substituir o cardeal Dom Geraldo Majjela de 77 anos que se aposentou por causa da idade.

Heraldo Pereira: Vamos voltar a falar sobre a tragédia da chuva na região serrana do Rio. A repórter Fátia Januzzi está em Nova Friburgo, onde o número de mortos, até agora, chega a 107. Boa noite, Flavia, quais são as suas informações no momento?

(A tela se divide entre os âncoras na bancada do *JN* e Flavia Januzzi, ao vivo de Nova Friburgo)

Flávia Januzzi: Boa noite Heraldo, boa noite Renata. Olha, Nova Friburgo vive o caos (a imagem fecha apenas na correspondente) as ruas estão tomadas por lama, não há luz, água ou si-

nal de telefonia fixa ou móvel. Por isso mesmo nós estamos usando esse telefone via satélite pra que fosse possível a nossa comunicação aí com vocês no Rio de Janeiro. Sinais de trânsito e radares estão quebrados e daqui de onde nós estamos, nós temos uma amostra real do que está acontecendo na cidade. Aquela casa daquela família está sendo iluminada pela luz de velas. Nós vimos muitos moradores perambulando pela cidade desorientados, não há transporte público e o comércio fechou as portas. As equipes de resgate fazem um apelo à população, para que as pessoas permaneçam em casa e evitem aglomeração nos locais onde estão sendo feitas as buscas. Heraldo e Renata (a tela novamente se divide entre os três repórteres).

Renata Vasconcellos: A gente viu aí a situação difícil dos moradores de Nova Friburgo a Flávia Januzzi mostrou pra gente, e a seguir as últimas notícias sobre a chuva no Rio de Janeiro.

Heraldo Pereira: A apresentação com festa de Ronaldinho Gaúcho no Flamengo (imagem da recepção de Ronaldinho Gaúcho no Flamengo/ texto: novo ídolo).

Renata Vasconcellos: No Rio de Janeiro, 20 mil pessoas se reuniram hoje pra receber Ronaldinho Gaúcho no Flamengo.

Início: 36:37 - Fim: 37:44

Repórter: Carlos Gil

Local: Rio de Janeiro

Sinopse: Festa de flamenguistas ao receber o novo ídolo do time, Ronaldinho Gaúcho.

(Retorna à bancada do *JN*)

Heraldo Pereira: Voltamos a falar novamente sobre a tragédia da chuva no Rio de Janeiro. Duzentas e cinquenta e sete pessoas morreram em três cidades da região serrana segundo o último balanço divulgado pelo município.

(A tela se divide entre os âncoras do *JN* e Hélder Duarte, em Teresópolis)

Renata Vasconcellos: Nós voltamos a falar ao vivo com o repórter Hélder Duarte. Hélder qual foi a ajuda oferecida pelo governo federal?

(A tela fecha em Hélder Duarte)

Hélder Duarte: Olha Renata, a Casa Civil informou que adotou uma medida provisória liberando ajuda para todos os estados do país afetados pelas enchentes. Serão liberados 780 milhões de reais, desse total, 80 milhões vão direto pro DNIT o órgão responsável pela recuperação das rodovias. Amanhã de manhã a presidente Dilma Roussef deixa Brasília e vai sobrevoar a região serrana aqui do Rio atingida por essa tragédia. Outra informação, o ministério da defesa, também informou que vai montar um hospital de campanha aqui na região serrana, a cidade ainda não foi definida. Se você, aí de casa, quiser fazer doações pras vítimas das chuvas aqui na região serrana do Rio deve procurar a sede da Cruz Vermelha no centro do Rio de Janeiro ou os postos da polícia rodoviária federal. A lista completa, a relação completa, dos endereços onde você poder fazer a sua doação você encontre no site do *Jornal Nacional* (o site do programa aparece no VT), Renata, Heraldo.

(A tela volta para os âncoras na bancada do *JN*)

Renata Vasconcellos: O Jornal Nacional termina aqui, outras notícias sobre a tragédia das chuvas no Rio de Janeiro você ver a qualquer momento na nossa programação, logo mais, no Jornal da Globo, logo após de “*Amor em quatro quadros*”, uma boa noite.

Heraldo Pereira: Boa noite e até amanhã.

Jornal Nacional 13/01/2011 – quinta-feira

Tempo de duração do telejornal: 46: 39

Apresentadores: Heraldo Pereira e Renata Vasconcellos

Tempo dedicado do telejornal a cobertura da tragédia: 40:02

Tempo de telejornal ao vivo: 06:15

Texto	Imagem
A maior catástrofe do Brasil. (0': 03'')	<i>CLOSE</i> : Heraldo Pereira na bancada do <i>Jornal Nacional</i> . (0': 03'')
Mais de 440 mortos na região serrana do Rio. (0': 05'')	<i>MEDIUM SHOT</i> : Renata Vasconcellos, ao vivo de Petrópolis. Em frente a uma área com muita água escorrendo pelas ruas. (0': 05'')
<i>OFF</i> RENATA VASCONCELLOS: As cenas de destruição se espalham por 4 cidades. (0': 03'')	<i>PLANO AMERICANO</i> : Cenas das regiões atingidas pelas chuvas. (0': 03'')
O desespero das famílias. (0': 03'')	<i>MEDIUM SHOT</i> : Renata Vasconcellos, ao vivo de Petrópolis. (0': 03'')
<i>OFF</i> RENATA VASCONCELLOS: Que tentam recuperar a casa e móveis. (0': 04'')	<i>PLANO AMERICANO</i> : Imagens dos moradores procurando pertences dentro das casas alagadas. (0': 04'')
A luta pela vida. (0': 03'')	<i>MEDIUM SHOT</i> : Renata Vasconcellos, ao vivo de Petrópolis. (0': 03'')
<i>OFF</i> RENATA VASCONCELLOS: Nossos repórteres acompanham o resgate emocionante de uma mulher. (0': 11'')	<i>PLANO AMERICANO</i> : Cenas do resgate de uma mulher, que protegia seu cachorro num escombros de uma casa cercada pela água. Uma corda é lançada de um outro prédio. A mulher se salva mas abandona seu cachorro para poder salvar a própria vida. (0': 11'')
A garra de um pai. (0': 03'')	<i>MEDIUM SHOT</i> : Renata Vasconcellos, ao vivo de Petrópolis. (0': 03'')
<i>OFF</i> RENATA VASCONCELLOS: Doze horas em baixo dos escombros para salvar a vida do filho de 6 meses. (0': 05'')	<i>PLANO AMERICANO</i> : Vídeo com o resgate de um bebê pelo pai bombeiro. Bombeiros e voluntários procuram sobreviventes entre escombros. (0': 05'')
A Presidente Dilma Rousseff visita as áreas atingidas, presta solidariedade às vítimas e promete liberação mais rápida de dinheiro (0': 05'').	<i>MEDIUM SHOT</i> : Renata Vasconcellos, ao vivo de Petrópolis. (0': 05'')
Veja também a explicação para a intensidade na tragédia do Rio. (0': 04'')	<i>CLOSE</i> : Heraldo Pereira na bancada do <i>Jornal Nacional</i> . (0': 04'')
<i>OFF</i> HERALDO PEREIRA: Aumenta o número de cidades em estado de emergência por causa da chuva em Minas (0': 05'').	<i>PLANO AMERICANO</i> : Imagem de um homem andando de barco em meio a uma rua alagada. Mais cenas de ruas alagadas e de um ônibus preso entre a lama (0': 05'').
No <i>Jornal Nacional</i> , daqui a 10 minutos, depois da propaganda partidária obrigatória (0': 04'').	<i>CLOSE</i> : Heraldo Pereira na bancada do <i>Jornal Nacional</i> (0': 04'').

(*PLANO AMERICANO* em Heraldo Pereira, o jornalista abre sozinho o *JN*)

Heraldo Pereira: Boa noite, nessa quinta-feira a tragédia que atingiu a região serrana do Rio ganhou proporções ainda mais impressionantes. As últimas informações são de que o número de mortos chegou a quatrocentos e oitenta e dois.

(A tela do programa é dividida, e ao vivo a âncora Renata Vasconcellos apresenta de Teresópolis o telejornal)

Renata Vasconcellos: Heraldo, ao chegar aqui à Teresópolis a impressão que se tem é de um clima de guerra, caos. Muita comoção. Eu tô num bairro chamado Caleme, um dos pontos mais atingidos pelas chuvas. Só aqui nessa, e eu já perdi a conta do número de corpos que passaram por aqui em sacos plásticos. Um número que aumenta a cada momento. Aqui atrás de mim, eu não sei se vocês conseguem ver uma ponte cedeu e mudou o curso do rio. E o cenário que vocês veem é de completa destruição. Fios elétricos expostos, galhos retorcidos, muita lama, nessa que já é considerada a maior tragédia climática da história do Brasil. Pra se ter uma ideia, a última foi em 1967 em Caraguatatuba no litoral norte de São Paulo, quando 436 pessoas morreram. Hoje, uma senhora que teve a casa levada pela correnteza, numa imagem impressionante, no município de São José do Vale do Rio Preto, aqui na região serrana, voltou ao local de enxurrada e reencontrou um de seus salvadores

Início: 12:32 - Fim: 16:53

Repórter: Tiago Eltz/ André Curvello / Bruno Miceli

Local: São José do Vale do Rio Preto, Rio de Janeiro

Sinopse: Dona Ilair, de 53 anos, ilustra a primeira reportagem do 2º dia de cobertura da “tragédia da região serrana do Rio de Janeiro”. Em cenas desesperadoras a dona de casa aparece refugiada no terraço da casa do irmão – em São José do Vale do Rio Preto, RJ – com seus cachorros, único espaço da casa que não foi tomado pelo rio. Moradores filmam a água destruindo o telhado da casa, a força da água levando literalmente o chão que sustentava Dona Ilair. Logo após o vizinho de um prédio, um dos poucos imóveis que não foram levados pela correnteza, joga uma corda na tentativa de conseguir salvá-la: “a corda alcançou a dona de casa na hora certa as últimas paredes desmoronaram e Ilair saltou para sobreviver”, narra Tiago

Eltz. O repórter chama a próxima reportagem que segue na mesma edição, sem volta a banca da do *JN*.

A reportagem de André Curvello continua em São José do Vale do Rio Preto, Rio de Janeiro, mostrando as consequências do temporal. Sobrevoando a cidade, a matéria mostra a destruição pela água, destruição que afetou os acessos a cidade, e com isso, as vítimas. Um trecho da BR 116, principal acesso a cidade, desapareceu impedindo que equipes de resgate pudessem prestar socorro. Do alto, o repórter mostra cenas de pessoas pedindo ajuda, comida e água. Bruno Miceli, entra na edição sem ser anunciado pelo repórter anterior, ou pelos repórteres principais do telejornal. Normalmente, depois de uma reportagem, a matéria seguinte só é exibida após ser devidamente chamada. Bruno Miceli mostra o dia seguinte de Ilair de Souza, dona de casa de 53 anos, que no dia anterior foi socorrida por uma corda pelo “herói”, seu vizinho, Daniel Lopes (auxiliar de produção). A matéria termina com a dona de casa dizendo que pede a Deus que isso que viveu nunca mais aconteça.

Personagens: Dona Ilair, dona de casa, 53 anos; Daniel Lopes, auxiliar de produção.

(A tela se divide entre Renata Vasconcellos, de Teresópolis, e Tiago Eltz em Nova Friburgo)

Renata Vasconcellos: Imagem impressionante. O repórter Tiago Eltz está em Nova Friburgo, município vizinho aqui de Teresópolis que foi devastado pela trompa d’água. Boa noite, Tiago.

Tiago Eltz: Boa noite, Renata. Boa noite a todos. (A tela fecha em Tiago Eltz) Ontem a noite nós acompanhamos aqui no centro da cidade um momento de muita emoção, pros bombeiros, pros voluntários que estão ajudando nas buscas e até pra nossa equipe de reportagem.

Início: 17:00 - Fim: 18:32

Repórter: Tiago Eltz

Local: Nova Friburgo, RJ

Sinopse: No centro da cidade de Nova Friburgo, entre muitos escombros, voluntários e bombeiros ajudam na busca do bombeiro Wellington da Silva Guimarães e de seu filho Nicolas, um bebê de colo, soterrados há 15 horas. As imagens que ilustram o texto – “eram aproximadamente 17h da tarde, quando, do meio dos escombros, vem um sinal de esperança” – mostram o escurecer do dia e a esperança confirmada, pai e filho, sobreviveram: “do meio de toneladas de escombros, surge o pequeno Nicolas”. Minutos depois, narra a reportagem, o pai que salvou o filho, também é retirado com vida. O pai/bombeiro que protegeu seu bebê por 15

horas, “apertado contra o peito” é ovacionado enquanto levado à ambulância. A reportagem termina com o pai do bombeiro, não identificado, emocionado, dizendo se tratar de um “milagre”, Wellington da Silva Guimarães aparece ainda de pé, sem nenhuma lesão aparente.

(Retorna para Tiago Eltz ao vivo de Nova Friburgo)

Tiago Eltz: Nesse momento volta a chover aqui em Nova Friburgo, que não é um bom sinal. E durante todo dia nós tivemos em diversos bairros da cidade, bairros afastados aqui do centro em todos os lugares nós encontramos o mesmo cenário de destruição. Destruição que a gente tá acostumado a ver em cidades que foram devastadas por terremotos. Acompanhe na reportagem.

Início:19:00 - Fim: 22:18

Repórter: Tiago Eltz

Local: Nova Friburgo

Sinopse: A reportagem inicia com cenas de cinegrafista amador mostrando o instante em que morros desabam em cima de casas e derrubam um prédio em Nova Friburgo. Em seguida, mostra carros arrastados entre casas, muita lama e água por todos os lados. Muitas pessoas caminhando com alguns pertences e as que tem carro deixando a cidade. A matéria reafirma a falta d’água, luz e acesso que a cidade enfrenta. Uma moradora, não identificada, diz que os bombeiros ainda não passaram lá, que eles estão recolhendo os corpos, “passam caminhões” deles pela cidade. Tiago Eltz mostra também um resgate de “mulheres, idosas e crianças que estavam isoladas a quase dois dias”. Duas mulheres não identificadas foram entrevistadas, ambas agradeceram a Deus. A matéria também muitos corpos sendo levados após retirados dos escombros. O repórter termina a reportagem: “vão aumentando o drama de uma tragédia ainda difícil de entender”.

(A tela se divide entre Renata Vasconcellos e Hélder Duarte, ambos ao vivo em Teresópolis)

Renata Vasconcellos: Vamos fazer contato agora com o repórter Hélder Duarte, ele tá num outro ponto aqui de Teresópolis. Hélder, que informações você traz pra gente agora.

Hélder Duarte: Olá Renata, boa noite. Hoje foi um dia muito difícil, muito triste pra vítimas da enchente aqui de Teresópolis (a tela fecha em Hélder Duarte) e até pra nós que estamos trabalhando nessa tragédia. É que a cidade começou a enterrar seus mortos. Agora a pouco a pre-

feitura confirmou novos números, duzentos e seis corpos foram resgatados, cerca de cem identificados, pelo menos trinta enterrados. Só trinta porque esse trabalho de identificação justamente é bastante complicado como a gente vai ver agora na reportagem que eu fiz durante o dia.

Início: 22:59 - Fim: 26:30

Repórter: Hélder Duarte

Local: Teresópolis

Sinopse: Em frente ao IML a reportagem mostra a dificuldade na identificação dos corpos e a dor dos parentes que confirmam seus mortos ou permanecem na angústia da procura – “por onde a gente passa o olhar é de horror e tristeza”. Duas mulheres ilustram a angústia das que ainda não obtiveram notícias dos familiares, um homem – Seu Jupiraci – perdeu a cunhada e ainda procura “sete pessoas da casa”. A matéria mostra também que “o momento é muito difícil também pra funcionários e voluntários que viraram a madrugada aqui”, o voluntário, Jailson Moreira – que auxilia no reconhecimento dos corpos que estão no IML de Teresópolis – diz que os familiares das vítimas estão muito emocionados e têm dificuldade em reconhecer os corpos, afirma se tratar de um “momento muito difícil”. Hélder Duarte informa ainda que o IML tem capacidade para dez corpos, e recebeu nos últimos dias 150. A reportagem mostra também que não há infraestrutura para um evento como esse, e carros frigoríficos foram usados para escoar os corpos. Nessa mesma matéria o presidente do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, Luiz Zveiter, explica que uma estrutura foi montada “para que o sofrimento das famílias que perderam seus entes queridos” possam fazer o mais rapidamente seus sepultamentos. A reportagem também mostra que moradores que perderam suas casas foram abrigados na quadra de uma escola. O repórter segue com mais uma reportagem em Teresópolis, agora em um cemitério, Hélder Duarte narra que a cidade enfrenta “uma dificuldade a mais” e que 6 cemitérios de Teresópolis estão com seus acessos interditados. A matéria mostra o enterro de Isaque “ele era bombeiro e morreu tentando salvar a mulher e seus dois filhos, que também foram soterrados”. A capitã do Corpo de Bombeiros, Simone Rodrigues, faz coro ao texto da reportagem: “a água veio e ele viu que a água tava vindo e ele tentou quebra o muro pra fugir com a família, mas não conseguiu. Aí desmoronou tudo”. Outros enterros são exibidos na reportagem: o do “irmãozinho” de Mayara (7 anos); Dona Julina (79 anos), que enterra “a filha, o neto e o bisneto de dois meses”. A matéria encerra: “não há palavras para descrever o que Teresópolis está sentindo”.

Personagens: Jailson Moreira, voluntário; Luiz Zveiter, presidente do tribunal de justiça do Rio de Janeiro; Simone Rodrigue, capitã do Corpo de Bombeiro.

(A tela se divide entre Paulo Renato Soares e Renata Vasconcellos)

Renata Soares: Que tragédia. A enxurrada também deixou vítimas e provocou destruição na cidade de Petrópolis. O repórter Paulo Renato Soares tem as informações, como é que tá a situação agora aí em Petrópolis, Paulo Renato?

Paulo Renato Soares: Uma boa noite a todos. Olha, Renata aqui eu estou em Itaipava um distrito de Petrópolis (a tela se fecha em Paulo Renato Soares), que teve áreas muito afetadas pela chuva. Aqui nessa região central a vida vai voltando a rotina, o comércio voltou normalmente. As ruas já estão bem mais limpas. Aquela trabalho mais pesado com máquinas terminou. Mais isso será bem mais difícil nas áreas mais afetadas, aquelas que foram mais castigadas pela chuva como mostra a reportagem de Mariana Gross.

Início: 26:31 - Fim: 28:20

Repórter: Mariana Gross

Local: Vale do Cuiabá, Rio de Janeiro

Sinopse: A matéria inicia com cenas de caminhões capotados no meio de uma rua com muita lama e destroços: “tudo fora do lugar, foi assim que o Vale do Cuiabá amanheceu”. Com um mapa, a reportagem localiza o espectador do local exato do ocorrido. Mariana Gross mostra a pousada *Tambo los Incas* – conteúdo da matéria de Sandra Moreyra do dia anterior – destruída “a chuva levou tudo restou apenas o telhado de um dos chalés”. A cena seguinte mostra um sítio, em que 14 pessoas morreram, “oito delas, eram da mesma família”. O diálogo com o entrevistado, Carlos Alberto Araújo (jardineiro) reforça a intenção descritiva da “destruição”: “começar tudo de novo, 45 anos de luta foi tudo embora com um pouco de luta. Deus levou mas ele vai dar de novo pra gente, se Deus quiser, e ele quer, né”.

Personagens: Carlos Alberto Araújo, jardineiro.

(Retorna para Renata Vasconcellos ao vivo de Teresópolis)

Renata Vasconcellos: Daqui a pouco a gente volta, daqui de Teresópolis com a história da mãe que ganhou um bebê, pouco depois de ser resgata pelo *Globocop* e com o desespero das famílias que tentam recuperar o que perderam.

(Retorna para a bancada do JN com Heraldo Pereira)

Heraldo Pereira: E a explicação para a intensidade da tragédia no Rio.

(Retorna para Renata Vasconcellos, ao vivo, de Teresópolis)

Renata Vasconcellos: São 9 horas em ponto pelo horário de Brasília. Nós voltamos falar ao vivo aqui de Teresópolis, na região serrana do Rio de Janeiro. Uma das nossas equipes de reportagem socorreu ontem uma jovem que estava em pleno trabalho de parto. A repórter Bette Lucchesse mostra o desfecho dessa história. E também o medo dos moradores da região.

Início: 31:03 - Fim: 33:10

Repórter: Bette Lucchese

Local: Caleme, Teresópolis

Sinopse: Bette Lucchesse inicia a reportagem mostrando que a estrada que leva a Companhia Estadual de Água do Rio de Janeiro está inacessível devido aos deslizamentos. Moradores são ouvidos, primeiro um motociclista (não identificado) que diz que “a defesa civil já pediu ao pessoal, já falou que era para desocupar. Se isso acontece do outro lado ali – se a barragem se romper – não ia sobreviver ninguém aqui”; depois um grupo com três senhoras e duas crianças, em frente a um muro são indagadas pela repórter – com capa de chuva com a logomarca da *Rede Globo* nas costas – “estou vendo que vocês passam a maior parte do tempo na rua”? , as mulheres dizem estar ali por medo, por que ali, dizem: “está tudo condenado”. A moradora diz que os moradores do Caleme receberam ordens para desocupar o local, porém questiona “e nós vamos pra onde”? A repórter continua a reportagem em Poço dos Peixes, lá foram 40 casas soterradas. A defesa civil e os bombeiros continuam no recolhimento dos corpos, um voluntário que estava no local diz a repórter que ainda faltam em média uns 40 corpos desaparecidos. No fim da tarde, Bette Lucchesse vai até o hospital ver como está a menina grávida de 8 meses que entrou em trabalho de parto após perder a casa e foi socorrida pelo *Globocop*. A reportagem narra que Tainá Medeiros passa bem e deu a luz a um menino, Marcos André. A adolescente diz que será difícil “ter que começar tudo do zero”. A reportagem de Lucchesse termina com a menina amamentando.

Personagens: Taina Medeiros, 15 anos.

(Retorna para Renata Vasconcellos, ao vivo, de Teresópolis)

Renata Vasconcellos: A Companhia Estadual de Águas e Esgotos do Rio de Janeiro informou a pouco que já fez seis vistorias na barreira do Caleme desde o início das chuvas e que nenhum risco foi constatado. (A tela se divide entre a âncora do *JN* e o repórter Paulo Renato Soares) A gente vai voltar agora com o repórter Paulo Renato Soares, ele está em Itaipava, distrito de Petrópolis. Paulo Renato, aqui parou de chover, aí tá chovendo ainda?

Paulo Renato Soares: Olha, Renata, neste momento nesse exato momento (o vídeo fecha em Paulo Renato Soares) não chove mas foi assim durante todo o dia. A chuva vai e volta o tempo todo. Hoje eu e o repórter cinematográfico Carlito Chagas acompanhamos de perto moradores que perderam quase tudo com a inundação. Pessoas que tentam recuperar as suas casas. E também o ânimo para tentar recomeçar.

Início: 34:01 - Fim: 36:04

Repórter: Paulo Renato Soares

Local: Petrópolis, Rio de Janeiro

Sinopse: Paulo Renato Soares percorre o caminho que doze pessoas fizeram, dois dias antes, para escapar da fúria do rio. O aposentado Jorge Augusto limpa parte da casa e diz que terem sobrevivido é o mais importante. A matéria também apresenta o efeito na indústria local, uma estamperia teve sua sede destruída, desde os móveis aos arquivos de caixa. A igreja da cidade também foi atingida, os registros de casamento inclusive. A reportagem encerra com a solidariedade entre os moradores.

Personagens: Jorge Augusto, aposentado.

(Retorna para Heraldo Pereira na bancada do *JN*)

Heraldo Pereira: De acordo com especialistas a explicação para a repetição de tragédias seguidas no Rio e com grande número de vítimas é a falta de controle e planejamento no crescimento das cidades.

Início: 36:17 - Fim: 39:10

Repórter: Edmílson Ávila

Local: Estúdio do *JN*

Sinopse: Uma animação em 3D, com narração de Edmílson Ávila, demonstra que os relevos da região serrana do Rio de Janeiro favorecem a formação de nuvens, o que propicia as chuvas e que a parte alta das montanhas é muito inclinada, dificultando uma vegetação mais densa que frearia a força das águas das chuvas. O repórter narra as imagens dos morros desmoronando: “o volume de terra desce como uma grande avalanche, devastando tudo o que vê pela frente”. A matéria apresenta que muitas cidades surgiram nos leitos das margens dos rios, e que isso é um problema. Uma vez que após chuva intensa, os leitos tendem a aumentar, alagando as casas. O especialista da COPPE –UFRJ, Paulo Canedo, declara que “não é fácil perceber que muitas casas estão localizadas no local do rio” reforçando a ideia das ocupações irregulares. Em seguida imagens do arquivo da *Globo* integram a reportagem de Edmílson Ávila, cenas da 2ª maior enchente que ocorreu na Austrália depois enchentes em Portugal, em fevereiro do ano passado. O repórter, agora entre os gráficos, apresenta uma tabela comparativa dos milímetros de água durante as chuvas que ocorreram na Austrália e em Portugal (200mm e 185mm) com as que ocorreram na região serrana do Rio de Janeiro (Petrópolis, 135mm; Teresópolis, 124mm e Nova Friburgo, 182mm). Porém o número de vítimas em Portugal foi de 42 pessoas, na Austrália foram 19 mortes e no Brasil já passam de 400 vítimas. A reportagem atribui essa disparidade no número de mortes devido ao “controle das autoridades sob os leitos dos rios”. E apresenta o personagem Eric Cavalcanti, brasileiro que residia em Brisbane, na Austrália, e foi socorrido durante a enchente mencionada pela matéria do *JN*. O brasileiro narra que foi informado, um dia antes, pelas autoridades que sua casa seria alagada e que deveria deixar o local.

Personagens: Paulo Canedo, COPPE –UFRJ; Eric Cavalcanti, estudante.

(Retorno à bancada do JN com Heraldo Pereira)

Heraldo Pereira: O temporal que atingiu a região serrana já havia sido previsto pelo Instituto Nacional de Meteorologia, o INMET. E as defesas civis estaduais e municipais foram avisadas. (Entra no VT um arquivo de um “aviso meteorológico especial” com trechos em destaque ressaltando que as autoridades sabiam das chuvas) O aviso meteorológico especial foi enviado pelo órgão 16h:23 da tarde de terça-feira, horas antes das chuvas. Segundo o aviso, havia previsão de chuvas para todo o estado, que poderiam ser moderadas a fortes na região serrana. (Retorna a imagem de Heraldo Pereira na bancada do *JN*). As prefeituras de Nova Friburgo, Teresópolis e Petrópolis confirmaram que receberam o alerta mas que não houve tempo para

tomar as medidas necessárias para se evitar a tragédia. E o INPE, Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, prevê mais chuva para toda a região serrana.

Início: 39:56 - Fim: 41:26

Repórter: Karen Schmidt

Local: Cahoeiro Paulista, São Paulo

Sinopse: A reportagem inicia com um mapa mostrando as zonas de chuvas nas áreas da região serrana do Rio de Janeiro. O INPE-CPTEC (fonte da previsão do tempo do *JN*) informa que a probabilidade de chuvas, “entre hoje e amanhã”, para as regiões de Petrópolis, Teresópolis, Nova Friburgo, Sumidouro e São José do Vale do Rio Preto é de 90%. A especialista Monica Lima (meteorologista CPECT/INPE) informa que as chuvas não terão a mesma intensidade da que ocorreu na madrugada do dia 12 de janeiro mas que são esperadas chuvas contínuas. A reportagem informa que o temporal foi causado por conta de uma zona de convergência do atlântico sul, um canal que traz a humidade da Amazônia para as regiões centro-oeste e sudeste do Brasil. A reportagem indica também que essas chuvas contínuas também atingiram Minas Gerais e São Paulo, áreas que também sofrem com os efeitos das chuvas.

Personagens: Monica Lima, meteorologista CPECT/INPE.

(Retorna para a bancada do *JN* com Heraldo Pereira)

Heraldo Pereira: Veja a seguir aumenta o número de cidades em estado de emergência por causa da chuva em Minas.

(Entra Renata Vasconcellos ao vivo de Teresópolis)

Renata Vasconcellos: E a presidente Dilma Rousseff visita as áreas atingidas no Rio e promete liberação mais rápida de dinheiro.

(Retorna à bancada do *JN* com Heraldo Pereira)

Heraldo Pereira: O site “contas abertas” fez um levantamento a partir de dados oficiais que mostra que havia dinheiro para a prevenção de tragédias como essa do Rio de Janeiro, mas que pouco desses recursos foram usados. O governador do Rio, Sérgio Cabral, negou.

Início: 44:17 - Fim: 47:01

Repórter: Cláudia Bomtempo

Local: Brasília

Sinopse: A reportagem inicia mostrando o prédio do Ministério da Integração Nacional e diz que a verba para evitar o que ocorreu na região serrana do Rio não foi gasta para os fins devidos. A matéria se baseia em dados do levantamento do site “contas abertas” que aponta que o ministério repassou para as prefeituras 39% das verbas do “programa de prevenção e preparação para desastres” o que corresponde a apenas R\$167,5 milhões de um total de R\$425 milhões. A matéria destaca que o Rio de Janeiro recebeu apenas R\$1.009.844,5, gastos na capital, Volta Redonda e Rio Claro. Cláudia Bomtempo informa que as áreas atingidas pelas chuvas na região serrana do Rio de Janeiro “não receberam um tostão do programa de prevenção de desastres durante o ano passado”. A reportagem segue com pronunciamento da presidente do Brasil, Dilma Rousseff e do então governador do estado do Rio, Sérgio Cabral. Sérgio Cabral contestou o site “contas abertas”. Um especialista em recursos hídricos, Oscar Cordeiro Netto é ouvido, e diz que falta coragem política para propor ações eficientes. O especialista afirma se tratar de um episódio de chuvas intenso, que teriam sim efeitos de maior magnitude, mas que os efeitos desastrosos poderiam ser atenuados se não fosse a “má política de 40 anos de uso do solo municipal”. A matéria informa que o ministério das cidades liberou esse ano 11 bilhões de reais para obras de prevenção. Em seguida o secretário de programas urbanos, Celso Carvalho, diz que se esse trabalho de prevenção tivesse sido feito há 10 anos hoje situação seria melhor. A Confederação dos Municípios diz que em 92% dos casos de calamidade e emergência, nos últimos 8 anos a verba não foi liberada pelo governo federal, e que não há pessoal qualificado com projetos como os exigidos para que a liberação de verba seja feita. Paulo Ziulkoski, presidente da Confederação dos Municípios cobra a responsabilidade do estado.

Personagens: Contas Abertas, ONG; Dilma Rousseff, presidente da república; Sérgio Cabral, então governador do estado do Rio de Janeiro; Oscar Cordeiro Netto, especialista em recursos hídricos – UnB; Celso Carvalho, secretário programas urbanos; Paulo Ziulkoski, pres. Conf. dos Municípios.

(Retorna ao vivo com Renata Vasconcellos)

Renata Vasconcellos: A presidente Dilma Rousseff sobrevoou as regiões mais atingidas pelas chuvas e anunciou medidas para ajudar as vítimas.

Início²⁸: 47:13 - Fim: 49:31

Repórter: Cristina Serra

Local: Rio de Janeiro

Sinopse: A reportagem inicia com cenas da presidente Dilma Rousseff sobrevoando as áreas atingidas pela região serrana. Em seguida a presidente caminha por Nova Friburgo.

Personagens: Dilma Rousseff, presidente da república.

Devido a uma falha de áudio no minuto 47:33'' do material analisado, a análise do dia 13/01/2011 foi interrompida. Após a reportagem de Cristina Serra o telejornal teve mais duas notas cobertas com Heraldo Pereira, a primeira narrando os efeitos das chuvas em Minas Gerais (imagens que apareceram na escalada dessa edição) e a segunda com a repercussão mundial das chuvas da região serrana do Rio de Janeiro no *The New York Times*. Renata Vasconcellos dá as últimas informações de Teresópolis e apresenta uma reportagem que fez naquela manhã na região. A repórter se despede e em seguida Heraldo Pereira termina a edição do telejornal sozinho na bancada do *JN*.

Jornal Nacional de 14 de janeiro de 2011 – Sexta-feira

Tempo de Telejornal: 40:03

Apresentadores: Renata Vasconcellos e Heraldo Pereira

Tempo dedicado do telejornal a cobertura da tragédia: 32:08

²⁸ No minuto 47:33 o áudio do material do acervo que temos foi cortado, desse modo 10 minutos e 33 segundos dessa edição não serão incluídos na análise da pesquisa.

Tempo ao vivo dedicado de cobertura à região serrana: 11:15

Texto da escalada	Imagem
A tragédia na região serrana do Rio (0:03)	PLANO AMERICANO: Heraldo Pereira (0:03)
Já passa de 500 o número de mortos por causa da chuva (0:03)	PLANO AMERICANO: Renata Vasconcellos ao vivo de Teresópolis (0:03)
<i>OFF</i> RENATA VASCONCELLOS: Nossos repórteres chegam em lugares isolados pelas enchentes (0:03)	Imagens de alagamentos e de uma criança saindo de um helicóptero de mãos dadas com agentes da defesa civil (0:03)
Ainda há muitas pessoas em baixo dos escombros (0:03)	PLANO AMERICANO: Renata Vasconcellos // Imagens de pessoas em uma ladeira e PLANO AMERICANO de mulher que pede comida, desesperada (0:03)
<i>OFF</i> RENATA VASCONCELLOS: Os moradores pedem ajuda (0:03)	PLANO AMERICANO: Renata Vasconcellos (0:03)
Nós precisamos é de comida. De tudo gente (0:03)	PLANO AMERICANO: Moradora em uma rua destruída (0:03)
Não há combustível, falta luz e o comércio está fechado em muitos bairros (0:05)	PLANO AMERICANO: Renata Vasconcellos. (0:05)
<i>OFF</i> RENATA VASCONCELLOS: Você vai ver o trabalho dos voluntários e a solidariedade dos vizinhos (0:04)	PLANO GERAL: Cena de voluntários separando doativos (0:04)
A gente toma banho na casa dos outros porque a água não tem mais (0:04)	CLOSE: No rosto de mulher, moradora da região serrana, se emociona ao falar da solidariedade dos vizinhos (0:04).
<i>OFF</i> RENATA VASCONCELLOS: E mulher que passa o dia vigiando uma pedra que ameaça rolar pela encosta (0:05)	PLANO AMERICANO: Imagem de mulher sentada na sacada uma casa observando a encosta (0:05)
E veja também o governo reajusta o salário mínimo para R\$545,00 (0:04)	PLANO AMERICANO: Heraldo Pereira (0:04)
<i>OFF</i> HERALDO PEREIRA: O Vaticano anuncia a beatificação de João Paulo Segundo para o mês de maio (0:05)	PLANO GERAL: Imagens de arquivo de João Paulo Segundo em missa (0:05)
Agora, no <i>Jornal Nacional</i> (0:02)	PLANO AMERICANO: Heraldo Pereira (0:02)

(Heraldo Pereira inicia o *JN* sozinho na bancada do telejornal)

Heraldo Pereira: Boa noite, três dias depois das chuvas que provocaram mais de quinhentas mortes na região serrana do Rio de Janeiro ainda há comunidades isoladas onde o socorro não chegou.

(A tela se divide, e ao vivo, de Teresópolis, entra a âncora Renata Vasconcellos)

Heraldo Pereira: Renata Vasconcellos está em Teresópolis, um dos municípios mais devastados pela enxurrada e pelos deslizamentos de terra. Boa noite Renata.

Renata Vasconcellos: Boa noite, Heraldo. Boa noite a todos. (A tela fecha em Renata Vasconcellos) Eu estou no bairro Caleme, uma das regiões mais atingidas da cidade. Heraldo você mencionou que são mais de quinhentas mortes. Eu vou atualizar esse número, 538 pessoas já morreram nessa que está sendo considerada a maior tragédia climática já registrada no Brasil. Chove muito aqui nesse momento, e eu sai do ponto em que nós estávamos ontem porque o trabalho das retroescavadeiras retirou muito entulho daqui, muita lama, e com isso o rio voltou ao curso normal dele. A gente vai conversar agora, vai fazer contato, com o repórter Tiago Eltz ele está em Nova Friburgo (a tela se divide com o repórter Tiago Eltz). Boa noite, Tiago, quais são as suas impressões, quais são as informações que você tem pra gente?

Tiago Eltz: Boa noite, boa noite a todos. Olha tem impressionado muito esses dias, a quantidade de lugares (a imagem fecha em Tiago Eltz) onde houve desmoronamentos há mortos mas ainda não foi possível fazer buscas nesses lugares. Nós estivemos ontem em uma localidade bem distante, onde um morro desmoronou em cima de um condomínio. Está tudo lá, uma grande massa de lama e entulho. E nenhum corpo foi resgatado ainda e ninguém sabe ao certo quantas pessoas morreram lá. E hoje eu e o repórter cinematográfico, Sérgio Leite, embarcamos em helicópteros da Marinha e dos bombeiros pra chegar a lugares que é impossível ir por terra e pra mostrar um trabalho de ajuda a pessoas que estão isoladas de tudo há dias.

Início: 02:40 - Fim: 06:52

Repórter: Tiago Eltz

Local: Nova Friburgo

Sinopse: A reportagem apresenta o regaste de moradores em um locais isolados, em que o acesso só é possível com helicópteros. Por conta de mais deslizamentos que ocorreram no dia 14/01 mais comunidades sofrem com os impactos da lama. A configuração da cidade foi completamente alterada, o quartel da PM é usado de base para os helicópteros, são seis aeronaves à serviço dos resgates (dois da PM, dois da Marinha e dois dos bombeiros). A matéria segue em um helicóptero da Marinha que leva donativos à população que está ilhada por conta do transbordamento do rio que encobriu a ponte de acesso.

Personagens: Foram cinco entrevistados não identificados: dois moradores resgatados por helicópteros; uma senhora – que apareceu na edição da escalada – que está em uma região isolada e pede por comida e remédios; uma idosa que foi resgatada a pedido de um parente, em Serraria, e perdeu uma neta; um senhor que diz que ainda tem o que comer porque cria animas e planta seus alimentos ; José Fábio Carneiro, Capitão de Corveta, fala das dificuldades do dia-a-dia dos resgates.

(Retorna à Tiago Eltz, em Nova Friburgo)

Tiago Eltz: E os problemas não são só para as pessoas que estão isoladas. Quem mora aqui no centro de Nova Friburgo, por exemplo e em outras cidade da região, enfrenta dificuldades de abastecimento: falta comida, água, luz. Como você vai ver agora na reportagem de José Roberto Burnier.

Início: 07:10 - Fim: 09:03

Repórter: José Roberto Burnier

Local: Nova Friburgo, RJ

Sinopse: José Roberto Burnier mostra o estado do centro de Nova Friburgo, muita lama e alagamentos. O repórter entra em um prédio comercial e mostra a garagem completamente alagada, funcionários retirando a água da cisterna, marrom e barrosa. A reportagem narra a falta de serviços (luz, telefonia, água) que atingem a cidade e ressalta a escassez de alimentos/produtos de limpeza/combustível.

Personagens: Foram seis entrevistados não identificados (uma senhora que diz não ter água nem luz em sua casa; um rapaz que relata que iniciam-se saques no comércio da cidade; o dono de um mercado que diz ter limitado as vendas para buscar atender a toda a população; um motociclista que informa já ter passado por 4 postos de gasolina e não ter encontrado combus-

tível; dono de posto de gasolina informa que só segunda-feira terá conseguido fornecer combustível à população e um morador que diz que demorará muito para a cidade se restabelecer).

(Retorna para Renata Vasconcellos ao vivo de Teresópolis)

Renata Vasconcellos: A repórter Bette Lucchesse acompanhou hoje a situação dramática dos moradores de uma outra cidade, São José do Vale do Rio Preto, também muito atingida pelas enchentes.

Início: 09:17 - Fim: 10:49

Repórter: Bette Lucchese

Local: São José do Vale do Rio Preto, RJ

Sinopse: A reportagem inicia mostrando o resgate de 7 famílias que esperaram por mais de 60 horas, a espera de socorro. A matéria reforça o estado crítico do município de São José do Vale do Rio Preto quando introduz a reportagem cenas do resgate de Dona Ilair, apresentada no dia anterior (imagem de arquivo) quando foi salva por uma corda lançada pelo vizinho de um prédio ao lado enquanto sua casa desabava.

Personagens: Foram duas pessoas entrevistadas não identificados (mulher que teve a casa destruída e acabou de ser resgatada, diz que sem os vizinhos teria perdido a vida; e uma moradora deixando o município alegando que a região foi totalmente destruída, “acabou tudo”)

(A tela aparece dividida entre Renata Vasconcellos e a repórter Monica Teixeira)

Renata Vasconcellos: Nós vamos falar agora com a repórter Monica Teixeira ela está em outro ponto aqui, da cidade de Teresópolis. Boa noite, Monica. Nesse ponto aonde eu estou está chovendo muito. E aí? Chove também?

Monica Teixeira: Chove sim, Renata, boa noite. A gente tá aqui em frente ao IML, onde há muita gente esperando pra poder fazer o reconhecimento dos corpos de parentes por fotos. Em meio a todo esse sofrimento uma rede de voluntários e de solidariedade está levando comida, roupas, remédios e consolando as famílias que perderam tudo aqui em Teresópolis.

Início: 11:24 - Fim: 13:36

Repórter: André Luiz Azevedo

Local: Teresópolis, RJ

Sinopse: A reportagem inicia com um morador, Evanil Herculano, 68 anos, cavando à margem de um rio a procura do corpo de sua mulher e de um cunhado. André Luiz Azevedo pergunta se ele acha que ela pode estar soterrada, o homem responde: “Acho que tá, ela tava desaparecida e a gente ainda não conseguiu. Já achamos muita gente, mas ela não”. A matéria mostra o trabalho dos voluntários, moradores, freiras, defesa civil, PM, bombeiros que se uniram nessa adversidade. Em seguida a reportagem informa que é preciso de sangue e mostra o centro de coleta do Rio com filas de doadores, inclusive Alexandre Padilha, ministro da saúde. A narrativa da reportagem mostra que inclusive o bairro nobre, da Posse, em Teresópolis foi atingido. Demonstrando que todos foram afetados e que é a ajuda da população, voluntários, poder público, participação civil que irá amenizar esse cenário. Reforçando a mensagem de “corrente solidária”.

Personagens: Evanil Herculano ,aposentado, cava barragem para encontrar o corpo da mulher e de um cunhado; Nadir Figueiredo, moradora, voluntária, leva donativos aos que precisam, “se eu tiver que tirar a roupa pra salvar uma vida, eu farei, com muito prazer; Alexandre Padilha, Ministro da Saúde, doando sangue no Rio de Janeiro; Marinalva de Abreu, psicóloga, atua juntamente com voluntários em abrigo improvisado em Teresópolis; Gloria Bolleta, voluntária, trabalha em abrigo improvisado em Teresópolis; Maria Alice Santos, moradora de bairro nobre, Posse, em Teresópolis, sua declaração apareceu também na escalada dessa edição.

(Retorna à Renata Vasconcellos em Teresópolis)

Renata Vasconcellos: Daqui a pouco, o desespero dos parentes, ou melhor, a dificuldade dos bombeiros em chegar a várias regiões atingidas pela enchente aumenta a extensão da tragédia.

(Retorna à bancada do *JN* com Heraldo Pereira)

Heraldo Pereira: E a preocupação de quem mora longe e tem família na região atingida pela enchente.

(Retorna à Renata Vasconcellos em Teresópolis)

Renata Vasconcellos: Nós falamos mais uma vez ao vivo aqui de Teresópolis, na serra do Rio de Janeiro. (A tela aparece dividida entre Renata Vasconcellos e a repórter Monica Teixeira)

E nós vamos fazer um novo contato com a repórter Monica Teixeria, Monica, quais são as informações que você tem aí?

Monica Teixeira: Olha, Renata, hoje eu estive em uma comunidade que está praticamente isolada, onde só é possível chegar a pé, caminhando por mais de duas horas. E lá, alguns moradores sequer conseguiram enterrar os seus parentes.

Início: 14:24 - Fim: 16:19

Repórter: Monica Teixeira

Local: Teresópolis

Sinopse: Monica Teixeira mostra a dificuldade enfrentadas pelos moradores de Teresópolis após os deslizamentos de terra. A reportagem mostra que a região da Fazenda Albina, área nobre, serviu para alocar os corpos encontrados enquanto não se consegue transferência, uma vez que as vias estão inacessíveis, esse trajeto só pode ser feito de helicóptero. Muitos moradores optaram por enterrar seus mortos ali mesmo.

Personagens: Foram três pessoas entrevistadas não identificados (uma mulher e o marido, moradores de Teresópolis caminharam por três horas, com bebê de colo, para encontrar um local seguro; um morador, cansado de esperar para enterrar seus familiares os enterra ali mesmo: “eu vou enterrar meu irmão, minha cunhada e minha sobrinha aqui. Eu acho que é a atitude mais correta que eu posso fazer por eles. Não é o que eles merecem”); Jerson, morador, perdeu a filha e há três dias vai ao local dos desmoronamentos com a esperança de encontrar seu corpo .

(Retorna ao vivo para Renata Vasconcellos)

Renata Vasconcellos: Os moradores de Teresópolis, tentam encontrar forças para enfrentar a dor e a tristeza. Os enterros das vítimas da tragédia estão acontecendo até de madrugada. Acompanhe na reportagem de Eduardo Tchao.

Início: 16:31 - Fim: 18:28

Repórter: Eduardo Tchao

Local: Teresópolis, RJ

Sinopse: A reportagem mostra os sepultamentos das vítimas da região serrana, entre as muitas mortes a matéria destaca a da estilista Daniela Conolly, seu marido e seu filho, ambos estavam em um sítio durante as chuvas que atingiram a região. A reportagem relata que foram 100 enterros só em Teresópolis nos últimos dois dias. Eduardo Tchao narra que novas covas foram abertas já a espera de mais 100 sepultamentos.

Personagens: André Oliveira, irmão de Noemia, que foi velada durante a reportagem, o filho dela está desaparecido; Raquel Gonçalves, dona-de-casa, tem 8 familiares isolados em área de risco; Rosemary Moura, dona-de-casa, não quer deixar sua casa;

Rogério Oliveira, pedreiro, carrega um fogão, decidiu deixar a casa, muito emocionado.

(Retorna ao vivo par Renata Vasconcellos)

Renata Vasconcellos: Hoje, por duas vezes a população aqui da região mostrou que o nervosismo e o estresse dos últimos dias somado às informações desconstruídas acaba se transformando em pânico. Um dos casos foi em Nova Friburgo (narração de Renata Vasconcellos em *OFF* e imagens de correria no centro da cidade de Nova Friburgo) um boato de que uma barragem havia se rompido provocou muita correria. As pessoas procuraram proteção, carros tentaram manobrar na contra mão vocês vão ver nas imagens, tudo não passou de um boato. (Narração de Renata Vasconcellos em *OFF* e imagens de correria no centro da cidade de Petrópolis) O segundo caso foi em Teresópolis, o furto em uma loja provocou um outro boato, o de um arrastão. O comércio fechou as portas e as cenas de correria se repetiram, Heraldo.

(Retorna à bancada do *JN* com Heraldo Pereira)

Heraldo Pereira: Obrigado, Renata. Parentes de moradores da região serrana do Rio estão sofrendo com a falta de contato. Muita gente ainda não conseguiu saber notícia da família.

Início: 19:22 - Fim: 21:01

Repórter: André Junqueira

Local: Guarapari, ES

Sinopse: A reportagem mostra a angústia de brasileiros pelo Brasil que tem familiares que residem em Nova Friburgo e não conseguem obter notícias. Apenas um personagem da matéria – Maurício Coelho – conseguiu, após dois dias, saber que sua mãe e irmã passavam bem.

Personagens: Marilene Rangel, aposentada, mora em Juiz de Fora e não consegue notícias de familiares que residem em Nova Friburgo; Cátia Azevedo, costureira, reside em Guarapari no ES e não consegue notícias da família, mãe, 3 irmãs e 3 sobrinhos; Maurício Coelho, técnico em telefonia, também não conseguia notícias da mãe e da irmã que residem em Nova Friburgo, após 2 dias finalmente soube que a família passa bem.

(Retorno ao vivo com Renata Vasconcellos)

Renata Vasconcellos: Veja a seguir, a preocupação dos moradores das áreas rurais com a perda das suas plantações).

(Retorno à bancada do *JN* com Heraldo Pereira)

Heraldo Pereira: O governo decide aumentar o valor do salário mínimo.

(Retorno ao vivo com Renata Vasconcellos)

Renata Vasconcellos: Nós voltamos a falar ao vivo aqui de Teresópolis são 20:55h pelo horário de Brasília, continua a chover muito aqui na região serrana do Rio. Nós vamos agora conversar com a repórter Mariana Gross (A tela se divide com a repórter Mariana Gross, ao vivo de Petrópolis). Ela está em Petrópolis, cidade vizinha aqui de Teresópolis e tem informações sobre a situação por lá. Boa noite, Mariana.

Mariana Gross: Boa noite, Renata. Olha, subiu para 43 o número de mortos (o vídeo fecha na repórter Mariana Gross) aqui em Petrópolis. Mais dois corpos foram encontrados hoje a tarde e chove forte também por aqui agora a noite. A repórter Sandra Moreyra conversou com agricultores da região que perderam tudo.

Início: 21:52 - Fim: 23:42

Repórter: Sandra Moreyra

Local: Petrópolis, RJ

Sinopse: A reportagem mostra a destruição do Vale do Juriti, importante região de abastecimento agrícola da cidade do Rio de Janeiro.

Personagens: Uma pessoa entrevistada não foi identificada (agricultor que perdeu tudo); Seu Dudu e Dona Naná, donos do Sítio Feliz, foram salvos por vizinhos e perderam toda a plantação do sítio; Ismael e Lourdes dos Santos (ambos foram mencionados na reportagem, tiveram seus corpos arrastados pela correnteza do rio e não resistiram).

(Retorna a bancada do *JN* com Heraldo Pereira)

Heraldo Pereira: O Rio de Janeiro com encostas e montanhas em quase todo o estado registra catástrofes climáticas desde o século XVIII. Nas últimas cinco décadas a destruição que acompanha os temporais tem sido, cada vez, pior. (Na sequência, imagens das “catástrofes climáticas”, reportagens antigas dos arquivos do *JN* com o mês, o ano e o número de mortes em destaque em vermelho em *off* com narração de Heraldo Pereira). Janeiro de 1966, 250 mortos no então estado da Guanabara e no estado do Rio; 1967 (fevereiro), 300 mortos na cidade do Rio; Fevereiro de 1987, Petrópolis e Teresópolis são atingidas, 292 mortos. No ano seguinte temporais atingem Petrópolis, a baixada Fluminense e o Rio, onde uma clínica, a Santa Genoveva, foi soterrada. Um prédio desabou no bairro da abolição total: 314 mortos (fevereiro de 1988); 1996 (Fevereiro) uma semana de chuva forte, e 67 mortes em todo o estado. (19) 99 (janeiro), Rio e região serrana, 41 mortos. 2000 (janeiro), mais enchentes na região serrana, 22 mortos. 2003 (fevereiro), 33 mortes na região serrana, no sul e no norte do estado do Rio. 1º de janeiro de 2010, Angra dos Reis, deslizamentos matam 53 pessoas, em abril (2010), mais 236 mortos no estado. No morro do Bumba em Niterói, casas construídas onde havia um lixão vieram a baixo. Só ali 47 pessoas morreram.

(Retorna à bancada com Heraldo Pereira)

Heraldo Pereira: Ainda há muitas regiões completamente isoladas por isso, a cada avanço dos bombeiros, os números e os limites da tragédia aumentam.

Início: 25:23 - Fim: 27:16

Repórter: Ana Paula Araújo

Local: Estúdio do *JN*

Sinopse: “Em cada avanço dos bombeiros o número da tragédia aumenta”. A reportagem mostra moradores pedindo socorro, a atualização do número de corpos encontrados e um mapa das regiões mais atingidas (Petrópolis, Teresópolis, Nova Friburgo, Areal, São José do Vale do Rio Preto, Sumidouro e Bom Jardim). Em seguida a matéria apresenta quadros com a atualização das mortes (quarta-feira: 271 mortes, quinta-feira: 506 mortes, sexta-feira: mais de 530 mortes). A reportagem também mostra locais “antes e depois” das chuvas (fonte: portal Globo/G1)

Personagens: Defesa Civil; Corpo de Bombeiros.

(Retorno à bancada do *JN* com Heraldo Pereira)

Heraldo Pereira: A liberação de dinheiro para as prefeituras atingidas pela enchente foi um dos assuntos da primeira reunião de Dilma Rousseff com todos os ministros hoje em Brasília. O aumento do salário mínimo também. A repórter Poliana Abritta, acompanhou (a tela se divide com a repórter Poliana Abritta ao vivo de Brasília). Boa noite, Poliana.

Início: 27:16 - Fim: 28:20

Tempo da reportagem:

Repórter: Poliana Abritta

Local: Brasília, DF

Sinopse: Poliana Abritta: Boa noite, Heraldo. (A tela fecha em Poliana Abritta) O salário mínimo de R\$545,00 começa a valer a partir do dia 1º de fevereiro. Uma nova medida provisória vai ser assinada pela presidente Dilma. E o texto vai trazer as regras para o reajuste do mínimo até 2015, inflação do ano anterior mais o PIB de dois anos antes. O problema com as enchentes ocupou boa parte da reunião ministerial, ficou decidido que dos R\$780 milhões de reais que vão ser liberados para os estados atingidos pelas chuvas R\$50 milhões de reais já vão estar na conta do governo do Rio de Janeiro na segunda-feira. Também ficou acertado que o governo vai renegociar dívidas e criar novos financiamentos para os agricultores que tiveram suas produções atingidas pelas chuvas. Heraldo.

Personagens: Dilma Rousseff, presidente da República.

(Retorno à bancada do *JN* com Heraldo Pereira)

Heraldo Pereira: Obrigado, Poliana. Foi divulgada hoje a foto oficial da presidente Dilma Rousseff que será usada em todos os prédios do governo federal nos próximos 4 anos. (Entra imagem da foto oficial da presidente Dilma). A foto foi tirada no palácio da alvorada, residência oficial da presidência no último domingo. A sessão durou uma hora e meia e a escolha final foi da própria presidente Dilma. (Retorno ao VT com Heraldo Pereira). Daqui a pouco as novas informações sobre a chuva, em São Paulo e em Minas Gerais. E a decisão do Vaticano sobre a beatificação do papa João Paulo II.

(Retorno à bancada do JN com Heraldo Pereira)

Heraldo Pereira: As chuvas que atingem o sudeste também provocam transtorno em Minas Gerais, onde subiu para 74 o número de municípios em situação de emergência. Desde outubro 16 pessoas morreram no estado por causa dos temporais.

Início: 29:12 – Fim

Repórter: Cristina Maia

Local: Pouso Alegre, MG

Sinopse: Quase 17 mil pessoas ficaram desalojadas por conta das chuvas em Minas Gerais. O município de Alagoa está isolado, a situação é difícil também em São Lourenço, Três Corações, Pouso Alegre. A repórter narra que muitas famílias preferem ficar em casa “e enfrentar a água”.

Personagem: Roseli Ribeiro, gari, grávida precisou ser levada por bombeiros até o hospital para fazer exames.

(Retorno à bancada do JN com Heraldo Pereira)

Heraldo Pereira: A região metropolitana de São Paulo também foi castigada pela chuva hoje (imagem de córrego transbordando e da situação em São Paulo). Em pouco tempo esse córrego transbordou e inundou as ruas. Nesta avenida que dá acesso à Rodovia dos Imigrantes, a água arrastou os carros. Um homem tentou vencer a correnteza mais desistiu. A ligação norte e sul da cidade ficou bloqueada e um trecho da Avenida 23 de Maio ficou submersa. No início da noite a chuva diminuiu e o nível da água começou a baixar, mas os motoristas enfrentaram um longo congestionamento.

Início: 31:14 – Fim:

Repórter: Flávia Freire

Local: Estúdio do *JN*

Sinopse: A previsão do tempo informa que há indícios de mais chuvas, de acordo com os meteorologistas. Flávia Freire pontua que na região serrana do Rio de Janeiro é esperada cerca de 50 milímetros de chuva no sábado e mais 40 milímetros no domingo, “ou seja, pode chover nas próximas 48 horas o esperado para 12 dias de janeiro”. Fonte: CPTEC/INPE-INMET.

(Retorno para a bancada do *JN* com Heraldo Pereira)

Heraldo Pereira: Os resultados do ENEM já estão disponíveis na internet. De domingo a terça da semana que vem estarão abertas as inscrições para o SISU que usa a nota do ENEM para dar acesso às universidades. Serão oferecidas mais de 83 mil vagas em 83 instituições de ensino, 39 delas, universidades federais. O papa Bento XVI marcou para 1º de maio a beatificação do antecessor, João Paulo II. Quem informa é a corresponde Ilze Scamparini.

Início: 32:49 - Fim:

Repórter: Ilze Scamparini

Local: Roma, Itália

Sinopse: Beatificação de João Paulo II.

(Retorno à Heraldo Pereira na bancada do *JN*)

Heraldo Pereira: No mercado financeiro o dólar fechou em alta cotado R\$1,685. O índice da bolsa de valores de São Paulo e o Dow Jones, da bolsa de Nova York encerram em alta. Veja a seguir, as últimas informações sobre a enchente na região serrana do Rio.

(Retorna ao vivo para Renata Vasconcellos em Teresópolis)

Renata Vasconcellos: E você vai conhecer a mulher que abrigou quatro famílias e passa o dia vigiando uma pedra que ameaça rolar da encosta.

(Retorna ao vivo para Renata Vasconcellos em Teresópolis)

Renata Vasconcellos: Nós voltamos a falar ao vivo aqui de Teresópolis, na região serrana do Rio. São 21:12h, ainda chove muito, tem muitos insetos aqui em volta de mim, mariposas, mosquitos. Muito por conta da luz dos refletores que estão ligados. E eu vou atualizar o número de mortos, que já subiu, ao todo nesse momento são 541 pessoas mortas. Nós vamos conversar agora com o repórter Tiago Eltz (a tela se divide e entra Tiago Eltz também ao vivo). Ele vai mostrar o hospital de campanha que foi montado em Nova Friburgo, Tiago, mostra pra gente.

Tiago Eltz: Renata, (tela fecha em Tiago Eltz) uma grande estrutura foi montada para receber as pessoas que estão sendo resgatadas de áreas isoladas, pessoas feridas e são muitas pessoas. O hospital de campanha montado pela Marinha tem capacidade para 400 atendimentos, terminou de ser montado hoje. E já atendeu 300 pessoas. E a justiça determinou que os corpos das vítimas de Nova Friburgo sejam enterrados sem que seja necessária uma autorização judicial. Enfim, estrutura e medidas de guerra para tentar minimizar os efeitos dessa tragédia, Renata.

(A tela se divide entre Renata Vasconcellos, ao vivo de Teresópolis e Tiago Eltz ao vivo de Nova Friburgo)

Renata Vasconcellos: E o que me impressionou hoje aqui (a tela fecha em Renata Vasconcellos). Foi a quantidade de corpos que ainda é retirada a todo momento e o perigo iminente de novos deslizamentos que não diminui. Eu hoje conheci duas mulheres que são um exemplo. O símbolo do que a gente vê por aqui, por toda a parte. A dona Helena, que está abrigando quatro famílias e a dona Elizabeth, uma das pessoas acolhidas por ela e que nos levou ao alto daquela morro lá em cima, eu não sei se vocês conseguem ver. Ela levou a gente até a casa dela, vai dá pra ver o que sobrou da casa aonde ela morava. Vamos acompanhar.

Início: 36:12 - Fim: 39:04

Repórter: Renata Vasconcellos

Local: Teresópolis, RJ

Sinopse: A reportagem mostra a mulher que durante a escalada apareceu observando uma pedra que ameaça a descer. Essa mulher, Maria Helena Lanes, abrigou quatro famílias, entre elas, Elizabeth Oliveira, que perdeu a casa. Renata Vasconcellos vai com Elizabeth até o alto do morro ver o que restou de sua casa. Renata Vasconcellos (subindo as escadas junto com a

personagem Elizabeth Oliverira): E como é que a senhora conseguiu descer com duas crianças, um olho ferido, de noite, sem luz no meio da chuva? “Deus, Renata, é puro de Deus. Sem luz nenhuma, só Deus guiando a gente naquela escuridão”.

Personagens: Maria Helena Lanes, dona de casa, abrigou 4 famílias em sua casa; Elizabeth Oliveira, desempregada, perdeu a casa e está abrigada na casa de Maria Helena.

(Retorno ao vivo com Renata Vasconcellos em Teresópolis)

Renata Vasconcellos: Vários pontos do Rio de Janeiro estão recebendo doações pras vítimas da chuva na região serrana. Você vê aí, imagens do trabalho dos voluntários na Cruz Vermelha, no centro do Rio de Janeiro. Você pode saber, saiba como ajudar na página do *Jornal Nacional* na internet, o endereço é o seguinte: g1.com.br/jn. (A tela se divide com Heraldo Pereira, na bancada do telejornal) As equipes da *Rede Globo* continuam acompanhando os trabalhos de resgate em toda a região serrana e nós ficamos por aqui. Boa noite a todos.

Heraldo Pereira: Boa noite, obrigado, Renata. Bom trabalho às equipes do *Jornal Nacional*. (A tela fecha em Heraldo Pereira) O *Jornal Nacional* termina aqui, você terá outras notícias no *Jornal da Globo* depois de *Amor em quatro atos*. Boa noite.

Jornal Nacional de 15 de janeiro de 2011 – Sábado

Tempo de Telejornal: 40:42

Apresentadores: Renata Vasconcellos e Márcio Gomes

Tempo dedicado do telejornal a cobertura da tragédia: 34:05

Tempo ao vivo dedicado de cobertura à região serrana: 8:44

Texto da escalada	Imagem
Seiscentos e dois mortos, o número de mortos na região serrana do Rio de Janeiro subiu para seiscentos e dois. A previsão de mau tempo se confirmou, voltou a chover forte hoje (00:14).	PLANO AMERICANO: Bancada do <i>JN</i> com Márcio Gomes e Renata Vasconcellos, ao fundo da bancada um vídeo de bancadas de chuva (narração de Márcio Gomes) (00:14).
Em Nova Friburgo as ruas ficaram alagadas. A principal estrada de acesso à cidade foi interrompida (00:07).	PLANO AMERICANO: Bancada do <i>JN</i> com Márcio Gomes e Renata Vasconcellos, ao fundo da bancada um vídeo de bancadas de chuva (narração de Renata Vasconcellos) (00:07).

<p>Nós começamos então o <i>Jornal Nacional</i> indo direto até lá. Vamos falar ao vivo com o repórter Tiago Eltz. Tiago, então a situação ficou ainda mais complicada? A chuva causou novos estragos? (00:15)</p>	<p>O vídeo se divide e ao vivo entra Tiago Eltz. O repórter veste capa de chuva e apresenta a reportagem em Nova Friburgo, o trânsito de veículos é intenso e chove durante a gravação (00:15).</p>
<p>Exatamente, boa noite Renata, boa noite a todos. Pois é desde que nós chegamos aqui, na quarta-feira, chove todos os dias. Mas hoje foi o dia em que mais choveu, por volta do meio dia a bancada de chuva fez com que o rio voltasse a transbordar, ruas ficaram alagadas, a população que já anda muito assustada voltou a ficar com medo, a se refugiar, escapar da chuva. O principal acesso a essa cidade chegou a ficar fechado por algum tempo porque havia muita água na pista. Não houve desmoronamentos nem queda de barreiras na estrada mas a concessionária optou por fechar a pista por alguns minutos até que essa situação melhorasse. Agora não chove muito forte mas continua a chover aqui em Nova Friburgo, Márcio (00:032).</p>	<p>PLANO AMERICANO: O vídeo vai para Tiago Eltz ao vivo de Nova Friburgo. Com uma capa de chuva o repórter narra os acontecimentos do dia na cidade, após o quarto dia consecutivo de cobertura na região serrana (00:032).</p>
<p>Até por conta dessa chuva que não para, Tiago, a gente tem a sensação de que a situação aí em Friburgo é da cidade ser a mais castigada de todas na região serrana. É a que fica mais distante da capital, do Rio de Janeiro, e é a que teria mais dificuldade também em reestabelecer os serviços básicos, essenciais, como: luz, água, telefone. O que que você vê por aí, Tiago? (00:23)</p>	<p>PLANO AMERICANO: Bancada do <i>JN</i> com Márcio Gomes; Renata Vasconcellos e ao vivo, de Nova Friburgo, Tiago Eltz (00:23).</p>
<p>É exatamente isso, Márcio, a impressão que eu tenho é que a gente ainda não conseguiu passar pras pessoas que não estão aqui as dificuldades da recuperação da cidade o município é grande e os estragos foram causados em todos os cantos do município. Onde há morros, esses morros desmoronaram e essas localidades continuam ainda isoladas: sem luz, sem água, sem comunicação em muitos pontos, como a gente já mostrou, só é pos-</p>	<p>PLANO AMERICANO: O vídeo volta para Tiago Eltz, ao vivo de Nova Friburgo. Em seguida o repórter chama as primeiras reportagens do <i>JN</i> (00:40).</p>

<p>sível chegar de helicóptero e ainda existem muitas áreas de risco. E essa chuva, que não para, só piora a situação como a gente vai ver agora na reportagem de Guilherme Portanova e Eduardo Tchao (00:40).</p>	
--	--

Início: 02:12 - Fim: 04:54

Repórter: Guilherme Portanova

Local: Nova Friburgo, RJ

Sinopse: Novas inundações na cidade, moradores abandonam seus carros e seguem a pé. “Graves problemas de infraestrutura provocados durante a semana”. Falta abastecimento de água, carro pipa chega de São Paulo. Caixa d’água que abastece a cidade foi danificada por queda de barreira. Outra parte da cidade têm água, mas não tem energia elétrica.

Personagens/fontes: Sônia Classe (dona de casa, moradora que pede doação de água); Reinaldo dos Santos (técnico da Defesa Civil, informa sobre o rompimento do cano com a queda da barreira que obstruiu a caixa d’água que abastecia Nova Friburgo); José Roberto Novaes (dono do mercado, falta de luz afetou produtos nas prateleiras).

Início: 04:54 - Fim: 06:55

Repórter: Eduardo Tchao

Local: Teresópolis, RJ

Sinopse: Falta d’água (uso de infográfico/ fonte: CEDAE, Águas de Friburgo Águas do Imperador) que mostra um mapa das áreas da região serrana que estão sem água. Petrópolis já está normalizado, Teresópolis tem 50% apenas do abastecimento e Nova Friburgo 35%. A reportagem também mostra que em Teresópolis o sistema de comunicação (telefonia) está prejudicado por conta dos efeitos das chuvas na região. Bairro do Calema ainda está sem luz. Entra outro infográfico sobre a falta de energia (fonte: ENERGISA e AMPLA), o mapa apresenta que Petrópolis tem 0,7% da sua área afetada pela falta de energia, Teresópolis 10% e Nova Friburgo 20%.

Personagens: Nadir Moreira (aposentada, 65 anos, carrega água pelas ruas por conta da falta de abastecimento em Teresópolis); Dona Edna (Faxineira, com a falta de luz os moradores recorreram as velas, que também já estão escassas na região); André Moragas (diretor da

Ampla, a Ampla está trabalhando junto com a Defesa Civil para desobstruir o mais rapidamente possível as estradas para reestabelecer a distribuição de energia)

O *JN* retorna a bancada, Renata Vasconcellos informa que 30% dos clientes da Oi estão sem serviço na região serrana. E que moradores e “os nossos repórteres também” tiveram que deixar o local em Teresópolis, no bairro Caleme, a pedido da Defesa Civil. Em seguida entra a reportagem sobre as condições de risco no bairro Caleme.

Início: 07:23 - Fim: 08:33

Repórter: André Luiz Azevedo

Local: Teresópolis, RJ

Sinopse: Nova avaliação da Defesa Civil sobre as condições de risco no bairro Caleme uma das áreas mais atingidas em Teresópolis. A área de segurança teve que ser ampliada e com isso a equipe do *JN* teve que deixar o local. A transmissão passa a ser realizada no centro da cidade, em frente ao Instituto médico legal (um local seguro). Renata Vasconcellos pergunta sobre o risco de doenças quais tipos de prevenção pode-se fazer em uma situação como a que vive a região serrana. O repórter André Luiz Azevedo responde que a região dos serviços públicos em Petrópolis não foram atingidas, apesar de funcionarem com mais do excedente dos leitos por conta “da tragédia”. O repórter abre para a reportagem que falará sobre o cotidiano dos médicos que atendem à região serrana nos últimos dias.

Início: 08:34 - Fim: 10:38

Repórter: André Luiz Azevedo

Local: Teresópolis, RJ

Sinopse: Hospital das clínicas de Teresópolis recebeu 140 feridos só no primeiro dia, apesar de já assistidos os pacientes correm ainda o risco de contraírem infecções. A reportagem apresenta também o envolvimento dos médicos com as histórias dos pacientes.

Personagens: Débora Aguiar (estudante que foi soterrada durante os deslizamentos e sobreviveu, mas perdeu o noivo); Imagem de Letícia, 21 anos, grávida. Em seguida as imagens dos filhos, a pequena Larissa de um mês e Douglas de 13 anos. Letícia permanece internada no hospital das clínicas mas perdeu seus filhos durante os deslizamentos. Silvia Rezende (médica que atendia Letícia e diz que o estado da paciente é grave); Raiane e Grazielle (7 anos, perderam os pais nos deslizamentos); Rosane Costa (diretora do Hospital, se emociona com o cenário que atravessou os médicos e a rotina do hospital com a tragédia da região serrana).

Em seguida, André Luiz Azevedo retorna ao vivo no IML, informando que chegaram 261 corpos e que 208 já foram identificados. O repórter chama a reportagem seguinte que mostrará as dificuldades de acesso às regiões atingidas pelas chuvas e deslizamento.

Início: 11:03 - Fim: 14:06

Repórter: André Curvello

Local: Teresópolis, RJ

Sinopse: Repórter, junto com a equipe de reportagem e bombeiros atravessam rio e mostram como o local foi totalmente transformado pela força da água. O cenário é o de uma fazenda que foi devastada pela enxurrada de água, a reportagem também mostra os corpos encontrados cobertos com plástico preto.

Personagens: O repórter menciona as pessoas que morreram no local em que a reportagem é feita, uma fazenda. Foram 6 pessoas, entre elas a dona fazenda, um casal de funcionários (Jucélio de 27 anos, Francisca de 29 anos e a filha Sophia de 3 anos) e mais membros da família proprietária. Bruno Bilbao (capitão bombeiro, em serviço); Eduardo Farah (filho da proprietária da fazenda, diz o quanto a mãe era querida pelos funcionários e para todos. E que nunca havia visto o que ocorreu em sua propriedade nos 40 anos que frequenta a região.)

(Retorna à bancada do *JN*)

Renata Vasconcellos: “A tragédia no Rio de Janeiro levou dor para famílias de norte a sul do Brasil. Márcio Gomes: Parentes e moradores da região serrana vivem o drama da perda e da falta de informação”.

Início: 14:19 - Fim: 17:13

Repórter: Cristina Serra

Local: Niterói, Rio de Janeiro

Sinopse: Famílias ao redor do Brasil (Pernambuco, Belém, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul) que têm parentes na região serrana sofrem com a dor da perda dos familiares e com a angústia da falta de notícias.

Parentes: Dona Lucelina (Em Belém do Pará, perdeu a filha Maria de Fátima); Doris Barros (administradora, a irmã se salvou mas o sobrinho e o cunhado ainda estão desaparecidos); Ul-da Barbosa (“No Rio de Janeiro, agarrada à tevê” – tevê ligada a Globo // moradora do Rio de Janeiro tem 9 parentes em Nova Friburgo); Maria Gessilda (vendedora, do Recife// conseguiu

falar com o filho Felipe de 14 anos que não estava na região serrana na hora dos deslizamentos); Herinton Duarte (analista de sistema, estava na região serrana a trabalho e sobreviveu aos deslizamentos); Ana Cristina e Rosângela (irmãs que não sabiam o paradeiro dos familiares e recebem telefonema da família durante a gravação da reportagem, todos sobreviveram).

(Retorno à bancada do *JN*)

Renata Vasconcellos: Veja a seguir a mensagem do Papa Bento XVI às vítimas da chuva.

Márcio Gomes: E a ajuda que chega para todo país para quem perdeu tudo na região serrana” (imagem de voluntários recolhendo donativos // texto: Brasil solidário)

(Retorno à bancada do *JN*)

Márcio Gomes: O governo de São Paulo cedeu dois helicópteros para auxiliar no resgate às vítimas na tragédia no Rio, a ajuda para os que sofrem na serra fluminense chega de todo o canto do Brasil.

Início: 17:36 - Fim: 19:33

Repórter: Veruska Donato

Local: São Paulo

Sinopse: Doações ao redor do Brasil, “o volume de doações revela a capacidade de mobilização do brasileiro”.

Personagens: Márcia Correia, representante comercial, voluntária; Jogadores do Santos – Léo, jogadores autografam camisa que será leiloada na internet e revertida em donativos para a região serrana; Palmeiras futebol clube; André Luiz da Silva, 10 anos, voluntário, “qualquer um pode vir aqui ajudar. Idade, tamanho não é documento, o que importa é o que tá dentro de nós”.

(De volta a bancada do *JN*)

Renata Vasconcellos: É, mais ainda é grande a dificuldade e trazer esses donativos chegarem a quem precisa. Além da Defesa Civil e da Cruz Vermelha a ajuda depende de uma rede voluntária de distribuição.

Início: 19:45 - Fim: 21:35

Tempo da reportagem: 01:50

Repórter: Edney Silvestre

Local: Rio de Janeiro

Sinopse: Trabalho “incansável” dos voluntários. “Os brasileiros são muito generosos”, só em um dia foram recolhidas 3 toneladas de donativos na rodoviária novo rio. A reportagem mostra o desafio de enviar essas doações a quem precisa.

Personagens: Petkovic (jogador de futebol, levou ele mesmo as doações em um caminhão); Voluntária (não identificada, disse que ficaria enquanto houvesse forças na função de voluntária); gerente de supermercado (não identificado, menciona que os clientes compravam para doar); Flávia Parente (advogada, comprava donativos em mercado).

(Retorno à bancada do *JN*)

Renata Vasconcellos: Você também pode ajudar saiba como na página do *Jornal Nacional* na internet, o endereço tá aí na tela: g1.com.br/jn (entra na tela o site do programa: g1.com.br/jn). Márcio Gomes: O papa encaminhou hoje ao bispo de Petrópolis, Dom Felipo Santoro, uma mensagem de solidariedade às vítimas e a população dos municípios atingidos pelas chuvas. Nessa mensagem o papa se diz consternado. Bento XVI pede assistência e consolação de Deus para os desalojados e envia uma benção.

Renata Vasconcellos: Daqui a pouco o perigo de novos deslizamentos na região. Márcio Gomes: E o aviso que salvou vidas da enxurrada (imagem de carro de som/ texto: S.O.S móvel).

(Retorno à bancada do *JN*)

Renata Vasconcellos: A chuva também causa transtorno em Minas Gerais, desde o início de outubro 80 municípios decretaram estado de emergência.

Márcio Gomes: O repórter José Roberto Burnier chegou ao Rio de Janeiro, a região serrana de Sumidouro em que mil famílias estão isoladas. E lá os deslizamentos, ainda são a maior ameaça.

Início: 22:46 - Fim: 26:20

Repórter: José Roberto Burnier

Local: Sumidouro // Nova Friburgo, RJ

Sinopse: Cenas aéreas entre Sumidouro e Nova Friburgo. Imagens dos efeitos das chuvas na região, deslizamentos de terra, rompimento da tubulação que abastecia a região com água. O repórter vai a uma região, Campinas, onde 4 mil habitantes estão isolados, sem água e luz. José Roberto Burnier mostra a dificuldade do trabalho do resgate frente as novas chuvas e o terreno instável. Em seguida a reportagem segue para Nova Friburgo.

Personagens: Valduino Silva, gricultor, perdeu 5 pessoas na família e voltava ao trabalho para esquecer da dor; Ari Batista, médico socorrista, informa a equipe do JN que o morro está começando a desabar, para evacuar o local.

(Retorno à bancada do *JN*)

Renata Vasconcellos: A chuva forte também voltou a atingir Petrópolis então vamos lá ao vivo falar com a repórter Mariana Gross, Mariana o trabalho das equipes de resgate está ainda mais difícil? (a tela se divide e aparece ao vivo a repórter de Petrópolis)

Mariana Gross: Está sim, Renata, hoje os bombeiros até conseguiram a pontos ainda isolados aqui de Itaipava. Máquinas desobstruíram a estrada, mas com a chuva a terra volta a cair sobre a pista e o trabalho tem que recomeçar. Hoje foram encontrados mais dez corpos, subiu para 53 o número de mortos aqui em Petrópolis. Amanhã será montado um hospital de campanha da marinha com capacidade para 400 atendimentos, aqui no distrito de Itaipava conhecido como Parque de Exposições, esse hospital terá máquinas de raio x, centro cirúrgico e 36 militares da Força Aérea vão trabalhar nesse hospital de campanha. E a repórter Sandra Moreyra mostra agora como uma iniciativa simples ajudou a salvar vidas no município de Areal, também atingido pela enxurrada.

Início: 27:21 - Fim: 29:37

Repórter: Sandra Moreyra

Local: Areal, RJ

Sinopse: A reportagem inicia mostrando o trabalho contínuo de “homens e máquinas” durante os últimos três dias para limpar os danos causados pelas chuvas. Apesar do esforço dos moradores e voluntários ainda há muita obstrução na região. Oitenta casas foram destruídas, quase 300 desabrigados mas “nessa cidade de quase 10 mil habitantes não se perdeu uma única vida”. A matéria narra que “o que salvou as pessoas” foi “uma ideia simples, no momento certo”. O prefeito da cidade, se comunicou com a cidade vizinha São José e foi informado que

chovia muito na região, decidiu então alertar com um informe em um carro de som da rádio comunitária pela cidade. Nenhum morador chegou a óbito em Areal.

Personagens: Larte Calil (prefeito de Areal, teve a iniciativa de alertar aos moradores da cidade que o leito do rio estava subindo em grandes proporções); Wallace dos Santos. “Anjinho”, voluntário, dirigiu o carro de som da rádio comunitária, por duas horas, pela cidade de Areal. A matéria narra que Wallace não teve tempo para salvar a própria casa e no reencontro com os moradores recebeu o apelido de “Anjinho”.

Início: 29:35 – Fim: 30:38

Repórter: Eliane Marques

Local: Estúdio do JN

Sinopse: A previsão do tempo. A repórter informa que a chuva “não para no sudeste do Brasil”, por conta do fenômeno climático da zona de convergência do atlântico sul. Eliane Marques informa que amanhã (domingo, 16/01/2011) são esperados 50mm de chuva, o equivalente a cinco dias.

Fonte: CPTEC/INPE-INMET

(Retorno à bancada do *JN*)

Renata Vasconcellos: Amanhã o *Fantástico* destaca uma cobertura especial da tragédia no Rio. São histórias de dor, heroísmo, solidariedade e cenas inéditas. (a tela se divide com os apresentadores Zeca Camargo e Renata Cibelle no estúdio do *Fantástico*).

Márcio Gomes: Nós vamos ver imagens de resgates que parecem milagrosos. Renata, boa noite, Zeca, boa noite. Como é que foram esses resgates?

Zeca Camargo: Boa noite, a gente vai contar a história de Marcelo que passou 16 horas soterrado a 4 metros de profundidade. Nem os médicos sabem explicar como foi que ele sobreviveu, ileso sem qualquer ferimento.

Renata Ceribelle: Detalhe, hoje é aniversário de Marcelo, ele completa 42 anos.

Zeca Camargo: É mas os amigos que salvaram a vida dele, cavando com as mãos, dizem que Marcelo nasceu de novo.

Renata Ceribelle: Vamos mostrar também a história impressionante do menino que foi arrastado de casa pelas águas e foi parar a 4 quilômetros de distância. Marcos Vinícius, de 11 anos, se encontrou com o homem que salvou a sua vida dele (Imagens do trajeto que o corpo do menino fez no rio, cenas da criança deitada em uma maca no hospital e do homem que o salvou. O menino diz chorando “Moço, muito obrigado, tá?”).

Zeca Camargo: A repórter Sônia Bridi chega a uma comunidade que foi varrida do mapa (entra a reportagem). Sônia Bridi: “Aqui agora onde tá esse rio de rochas ficava uma vila, com mais de centenas de casas, todas construídas umas pertinho das outras” (imagens do local completamente destruído pelo barro e escombros de casas).

Renata Ceribelle: E mais, uma explicação detalhada das causas da tragédia (entra a reportagem): “Num laboratório da Universidade de São Paulo o Fantástico simula o que aconteceu na serra fluminense com esse modelo aqui, você vai entender exatamente por que ocorrem os deslizamentos” (cena de uma maquete reproduzindo em pequena escala os impactos das chuvas no solo).²⁹

(Retorno à bancada do *JN*)

Renata Vasconcellos: Daqui a pouco tem o futebol, começaram os campeonatos estaduais.

Márcio Gomes: Nós teremos outras informações também sobre a chuva.

Renata Vasconcellos: A tragédia atingiu um dos mais importantes centros de treinamento de cavalos do país.

(Retorno à bancada do *JN* com PLANO FECHADO em Márcio Gomes)

Márcio Gomes: A tragédia atingiu um dos mais importantes centros de treinamento de cavalos do país.

Início: 32:58 - Fim: 33:36

Repórter: Márcio Gomes

²⁹ Reportagem sobre HIV do Dr. Dráuzio Varella, sobre a vida da atriz Camila Pitanga e o quadro “a vida como você nunca viu” também são mencionadas na inserção do programa *Fantástico* durante a exibição do *Jornal Nacional*.

Sinopse: Cerca de 120 cavalos viviam nesse aras no Vale do Cuiabá, em Itaipva, distrito de Petrópolis. É o principal centro de treinamento do jôquei clube do Rio de Janeiro, 15 cavalos morreram. Alguns ficaram feridos, muitos passaram três dias, dentro da lama.

Personagens: Leopoldo Curi (veterinário).

(Retorno à bancada do *JN* com PLANO FECHADO em Renata Vasconcellos)

Renata Vasconcellos informa sobre os campeonatos estaduais, e Márcio Gomes anuncia o *Esporte Espetacular* do dia seguinte. O recém contratado jogador do Flamengo, Ronaldinho Gaúcho, diz estar sensibilizado com a situação na região serrana e está disposto a ajudar.

(Retorno à bancada do *JN* com PLANO FECHADO em Renata Vasconcellos)

Renata Vasconcellos: A seguir as últimas informações sobre a tragédia na região serrana.

Márcio Gomes: E você vai conhecer o pedreiro que perdeu a família e agora trabalha como voluntário (imagem do pedreiro recolhendo pertences / texto: Leandro, um brasileiro).

(Retorno à bancada do *JN* com PLANO FECHADO em Márcio Gomes)

Márcio Gomes: São agora 21:14 minutos pelo horário de Brasília, e nós voltamos a Nova Friburgo com o repórter Tiago Eltz, tem outras informações sobre o mau tempo na região serrana do rio (a tela do *JN* se divide e ao vivo o correspondente atualiza as informações sobre a região serrana).

Tiago Eltz: Márcio o número oficial de mortos aqui na região serrana saltou para 606, nos sete municípios atingidos o número de desabrigados ou desalojados chega a 15 mil. O governo federal decretou luto de três dias e o governo estadual luto de 7 dias a contar a partir de segunda-feira, por causa das vítimas das chuvas. O exército divulgou que começa a montar amanhã pontes móveis para tentar facilitar o acesso a localidades isoladas. Nós vamos fazer uma correção, o hospital de campanha que vai ser montado em Itaipava vai ser montado pela aeronáutica. Continua chovendo forte aqui em Nova Friburgo o que não é um bom sinal, Renata” (O repórter está com capa de chuva, aparecendo ao vivo na chuva).

(Retorna à bancada do *JN*)

Renata Vasconcellos: Obrigada, Tiago. Nessa tragédia surgem muitos voluntários dispostos a ajudar quem precisa, mas a história de um deles merece ser contada com detalhes.

Márcio Gomes: Em Nova Friburgo, o repórter Tiago Eltz, conheceu o pedreiro Leandro Machado.

Início: 36:52 – Fim: 40:10

Repórter: Tiago Eltz

Local: Nova Friburgo

Sinopse: O voluntário Leandro, morador e conhecedor dos acessos da região, perdeu toda a família com as chuvas. O voluntário é tido como imprescindível nas buscas. A reportagem mostra que na casa do patrão, Seu Antônio nada aconteceu. As chuvas atingiram somente a casa do caseiro. Na reportagem o repórter se emociona com a tragédia vivida pelo entrevistado e o abraça no final da reportagem.

Personagens: Leandro Machado, voluntário que perdeu toda a família: mulher, mãe e o filho de 2 anos; TEN. CEL. Sergio Sardinha, policial, diz que sem a ajuda de Leandro o trabalho de resgate seria mais difícil.

(Retorno à bancada do JN)

Márcio Gomes: Vamos lembrar agora como você pode fazer para doar alimentos e roupas às vítimas da chuva na região serrana do rio, g1.com.br/jn” (entra no vídeo o link do site do programa na internet).

Os repórteres se despedem e dão boa noite ao público.